

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**DISSERTAÇÃO**

**Entre Pergaminhos, Magia e História: um estudo sobre o Ensino de  
História na narrativa ficcional de Harry Potter**

**JENIFER CABRAL SILVA**

**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ENTRE PERGAMINHOS, MAGIA E HISTÓRIA: UM ESTUDO SOBRE  
O ENSINO DE HISTÓRIA NA NARRATIVA FICCIONAL DE HARRY  
POTTER**

**JENIFER CABRAL SILVA**

*Sob a Orientação da Professora*

**Patrícia Bastos de Azevedo**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica, RJ  
Fevereiro de 2019.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S 586  
e Silva, Jenifer Cabral, 1993-  
Entre pergaminhos, magia e história: um estudo  
sobre o ensino de história na narrativa ficcional de  
Harry Potter / Jenifer Cabral Silva. -  
Seropédica/Nova Iguaçu, 2019.  
115 f.

Orientadora: Patrícia Bastos de Azevedo.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas  
Populares, 2019.

1. História. 2. Ensino de História. 3. Harry Potter.  
I. Azevedo, Patrícia Bastos de, 1971-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos  
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E  
DEMANDAS POPULARES**

**JENIFER CABRAL SILVA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 26/02/2019.



---

Patricia Bastos de Azevedo. Dra. UFRRJ  
(Orientadora)



---

Flavia Miller Naethe Motta. Dra. UFRRJ



---

Luciene Maciel Stumbo Moraes. Dra. CPIL

## DEDICATÓRIA

O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem!  
(Guimarães Rosa)

Escrever esta dissertação não foi um processo fácil. Eu diria que, assim como viver, se tornou um ato de coragem. Parafraseando Guimarães Rosa, foi um rasgar e remendar de minhas convicções e certezas. Foi me redescobrir, me reconhecer, me fortalecer depois de muitos momentos de fraquezas e dúvidas. Foi preciso lembrar os motivos que me trouxeram aqui, os motivos que me levam ainda depois de tanta incerteza, a continuar. Neste meio tempo, descobri que permaneço porque acredito nos poderes transformadores das letras, das histórias e especialmente, da História. Permaneço porque disto me constitui e me constituo em todas as facetas que tenho.

Dedico este trabalho a todos aqueles que, como eu, acreditam, sonham e buscam ecoar estes saberes a lugares mais longínquos que as paredes de uma Universidade, as bibliotecas de um departamento ou a um banco de teses. Dedico esta dissertação àqueles que ainda sonham, ainda que os tempos tenham se tornado “difíceis para os sonhadores”. Dedico também a todos que estiveram comigo neste processo e naqueles que ainda estão por vir...

## AGRADECIMENTOS

“Sonho que se sonha só  
É só um sonho que se sonha só  
Mas sonho que se sonha junto é realidade”  
(Prelúdio - Raul Seixas)

Para chegar a este lugar e ter a oportunidade de escrever este trabalho, foi preciso que muitos sonhassem e lutassem comigo e é para estes que ofereço meus agradecimentos.

Para iniciar, gostaria de agradecer a meus pais, Regina e José, geradores de vida e grandes incentivadores desde o momento em que decidi embarcar na vida acadêmica. Agradeço por todo esforço emocional e financeiro dedicado a mim e minha filha ao longo dos anos que mais precisei. Esta conquista carrega também um pedacinho de vocês.

Em seguida, por ordem de chegada a minha vida, gostaria de agradecer a Ísis, minha pequena como nome de deusa, que se mostrou tão forte e tão grande desde o dia em que nasceu. Trouxe-me, junto às alegrias, uma vontade maior de viver e seguir meus sonhos e me ensinou sobre coisas tão importantes que formação acadêmica nenhuma poderia mesmo com tão pouca idade, inclusive que a maternidade pode sim, caber no Lattes. Obrigada por tudo, inclusive compreender minhas ausências, a necessidade de silêncio e concentração que a escrita de um trabalho acadêmico necessita, mesmo que você não compreenda o ‘porque eu não canso da Universidade’.

Agradeço também à Patrícia Bastos de Azevedo, minha orientadora, que por tantos anos e em mais uma etapa formativa se fez presente e me auxiliou nas trilhas da pesquisa em Ensino de História.

A Alexandre Alamino, meu companheiro, que durante todo o processo esteve ao meu lado, sacrificando muitas vezes momentos de distração para me acompanhar e incentivar a dar continuidade a este trabalho, mesmo nos momentos de maior dúvida. Agradeço por tanto ter secado minhas lágrimas, ouvido minhas angústias e as tantas falas sobre os procedimentos teóricos, metodológicos e organizacionais deste trabalho, mostrando que apoia meus sonhos e continua apoiando na busca por novos voos, em outras etapas formativas. E por, além de ser meu companheiro, ser meu grande amigo.

A todos meus amigos por correspondência, com o objetivo em comum de se conectar com fãs de Harry Potter em tempos em que as redes sociais não tinham tanto alcance como atualmente, que me proporcionaram muitos momentos felizes esperando por suas cartas,

como quem esperava pela própria carta de Hogwarts e me inspiraram nesta escolha pela temática Harry Potter desde a graduação até hoje, enquanto objeto de estudo do Mestrado.

As amigas de graduação, Isabel, Keiza, Dilma e Morgana, que extrapolaram este espaço e se tornaram amigas para toda uma vida, tornando não só os anos de estudo na graduação mais leves, mas a vida por completo, inclusive os momentos de escrita desta dissertação. Agradeço por todo apoio e por nossa união, especialmente nos momentos tortuosos que nos deparamos nos últimos tempos. Que sejamos sempre suportes umas das outras.

À Paula Moita, pessoa esta que entrou na minha vida ao ingressar no Mestrado, quando buscava somente a formação e o diploma. Porém, saio levando muito mais, pois ganhei algo mais importante que o que buscava: uma amiga. Agradeço por todo apoio neste processo e por tudo o que me proporcionou. Você é luz! Que sorte a minha ter cruzado o seu caminho.

Ao Centro Espírita Justiça e Amor e todos os seus componentes, por me apoiarem neste processo mesmo me conhecendo há tão pouco tempo. Agradeço por todo apoio, toda conversa, orientação e especialmente, a torcida para que tudo desse certo.

Às Marias e todos os outros seres de luz, que muito me fortaleceram nesta caminhada de modo emocional e espiritual, me incentivando a encarar meus medos e seguir em frente, sem desistir do sonho de concluir o Mestrado e dar continuidade a vida acadêmica.

Aos meus familiares de modo geral, que sempre torceram por meu sucesso e que guardo com carinho, mesmo que não estejamos sempre juntos. E aos colegas de trabalho da Escola Municipal São Benedito, que muito me auxiliaram neste processo, especialmente no primeiro ano desta etapa.

A todos os meus professores e professoras durante esses anos de estudos, que fizeram parte da construção da minha educação, em todas as etapas de formação desde a escola até o Mestrado. E dentre estes, gostaria de destacar o professor Carlos Roberto de Carvalho, que em suas aulas no Mestrado logo no início do curso e as leituras que indicou, me motivou a prosseguir e a sempre lembrar os motivos pelos quais ingressei neste.

Ao CAPES/CNPQ pela oportunidade de ter contato com o ofício do pesquisador por meio dos anos como bolsista de graduação e por meio dos programas que fomenta, inclusive, o programa de Mestrado ao qual ingressei.

Mais uma vez, gostaria de agradecer, a Valéria Moura, por ter me apresentado à saga Harry Potter através de um dos filmes, naquela belíssima visita a sua casa em 2002 e assim, ter me tornado um alguém mais feliz.

E por fim, agradeço a Joanne Kathleen Rowling, mente criadora da saga Harry Potter, que me fez parte das milhares de crianças e jovens leitores da saga e apaixonados por este mundo mágico do bruxinho que sobreviveu. E tal paixão, ultrapassou a pela literatura e tornou-se objeto de estudo na vida acadêmica, inclusive no trabalho que se encontra a seguir.

## RESUMO

SILVA, Jenifer Cabral. **Entre Pergaminhos, Magia e História: um estudo sobre o Ensino de História na narrativa ficcional de Harry Potter**. 2019. 115 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

A série infanto-juvenil Harry Potter criada pela autora britânica J.K. Rowling povoa a imaginação de crianças, jovens e adultos há quase duas décadas, sendo composta por sete livros. A narrativa é marcada pela presença e valorização da História e do Ensino de História e este aspecto peculiar instigou a existência desta pesquisa. Buscando compreender como estas marcas da História estão presentes na saga, elegeu-se como referencial teórico metodológico as contribuições de Bakhtin e suas reflexões sobre as ciências humanas e o método heurístico de Carlo Ginzburg, denominado Paradigma Indiciário. A partir de uma leitura minuciosa dos livros que compõem a saga, análises foram tecidas e indicaram como a História se faz presente na narrativa ficcional e de que forma esta característica fomenta em seus leitores, reflexões sobre o seu próprio cotidiano e forma concepções de Escola, História e Ensino de História.

Palavras-chave: Harry Potter; História; Ensino de História; Cronotopo; Paradigma Indiciário.

## ABSTRACT

SILVA, Jenifer Cabral. **Between Scrolls, Magic and History: A Study on Teaching History in the Fiction Harry Potter Story**. 2019. 115 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education / Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2019.

The children's Harry Potter series created by the British author J.K. Rowling has populated the imagination of children, young people and adults for almost two decades, and is composed of seven books. The narrative is marked by the presence and appreciation of History and History Teaching and this peculiar aspect instigated the existence of this research. Seeking to understand how these marks of history are present in the saga, the contributions of Bakhtin and his reflections on the human sciences and, the heuristic method of Carlo Ginzburg, denominated Evidential Paradigm, were chosen as methodological theoretical reference. From a detailed reading of the books that compose the saga, analyzes were woven and indicated how history is present in the fictional narrative and how this feature encourages in its readers, reflections on its own daily life and forms conceptions of School, History and History Teaching.

Keywords: Harry Potter; Story; Teaching History; Cronotope; Evidential Paradigm.

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia, capazes de causar grandes sofrimentos e também de remediá-los.”  
(Filme Harry Potter e as Relíquias da Morte - Parte 2)

## **LISTA DE ABREVIACOES E SÍMBOLOS**

<b>HP1</b>	Harry Potter e a Pedra Filosofal
<b>HP2</b>	Harry Potter e a Câmara secreta
<b>HP3</b>	Harry Potter e o Prisoneiro de Azkaban
<b>HP4</b>	Harry Potter e o Cálice de Fogo
<b>HP5</b>	Harry Potter e a Ordem da fênix
<b>HP6</b>	Harry Potter e o Enigma do Príncipe
<b>HP7</b>	Harry Potter e as Relíquias da Morte

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1	Ensino de História e Harry Potter: a pesquisa elege a pesquisadora .....	1
1.2	A pesquisa: o que esperar desta leitura? .....	4
<b>2</b>	<b>PRIMEIROS PASSOS</b> .....	<b>6</b>
2.1	Literatura, o marco zero.....	6
2.2	Por que Harry Potter? .....	9
2.3	Revisão Bibliográfica: o que se tem pesquisado sobre o tema? .....	20
<b>3</b>	<b>ENCONTROS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS</b> .....	<b>24</b>
3.1	As contribuições de Bakhtin.....	34
3.2	O paradigma Indiciário e as categorias classificatórias: a análise dos indícios.....	39
<b>4</b>	<b>PROFESSOR, AULA, LIVROS E USOS: OS INDÍCIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA EM HARRY POTTER.</b> .....	<b>44</b>
4.1	Hogwarts: a escola de Magia e bruxaria.....	44
4.2	Os indícios: as marcas do Ensino de História.....	48
4.2.1	Categoria: “Professor/Aula” .....	48
4.2.2	Categoria “Uso do livro Didático/Atividades” .....	64
4.2.3	Categoria “Usos da História Ensinada” .....	74
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>92</b>
	<b>APÊNDICE A: PALAVRA CHAVE HARRY POTTER</b> .....	<b>97</b>
	<b>APÊNDICE B: PALAVRA-CHAVE ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	<b>98</b>
	<b>APÊNDICE C: RESUMOS DOS DESTAQUES DO ESTADO DA ARTE</b> .....	<b>99</b>
	Palavra- chave: Harry Potter.....	99
	Palavra-chave: Ensino de História.....	103

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Ensino de História e Harry Potter: a pesquisa elege a pesquisadora

O ano era 2002 e, ao visitar a casa de uma amiga de minha mãe, descobri uma paixão que de forma inimaginável, passou a fazer parte da história da minha vida, da minha construção enquanto ser humano e que, como se já não fosse importante o suficiente, se tornou também parte importante da trajetória acadêmica que venho construindo.

Poderia dizer que foi paixão a primeira vista, ou melhor, paixão a primeira assistida. O primeiro contato com a adaptação do volume um da saga de Joanne Kathleen Rowling, Harry Potter e a Pedra Filosofal (2001), despertou imediatamente um desejo imenso de conhecer mais deste enredo. E assim aconteceu! Eu, aos meus nove anos de idade, busquei com ajuda de minha mãe, encontrar os primeiros livros da saga, Harry Potter e a Pedra filosofal, Harry Potter e a Câmara Secreta e Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban, e ao invés de lê-los somente, terminei por devorá-los. Com o debruçar nestas leituras, nascia uma nova *Potterhead*<sup>1</sup>.

A paixão ultrapassou as páginas dos livros e cenas da telona para ter cada vez mais ganhar lugar no meu dia a dia, desde os acessos frequentes a sites sobre o tema, leituras de todo e qualquer artigo em jornais ou revistas, ida a encontro de fãs (o extinto e saudoso Potter Rio), coleções de figurinhas e muitas horas de conversa com amigas especiais que compartilhavam desta paixão junto a mim.

Um as maiores marcas desta saga em minha vida foi a oportunidade de, durante anos, me corresponder com adolescentes e jovens do Brasil inteiro, interessados em amizade e troca de conhecimento com outros apaixonados pela saga do bruxinho. Eram centenas de cartas, que chegavam aos montes, todas as semanas, em minha casa. A espera por elas era uma das melhores partes desta fase de minha vida, mesmo que elas não fossem trazidas por corujas.

Neste mundo por correspondências, troquei muitas figurinhas dos álbuns oficiais, recortes de jornais e revistas, folhas de fichário enfeitadas e também participava de um fã clube por correspondência, que enviava jornais mensais para que todos seus membros

---

<sup>1</sup> *Potterhead* é o termo informal usado para designar fãs da saga criada por J.K. Rowling. O termo é uma junção entre as palavras *Potter*, referência ao nome Harry Potter e, *head*, que em significado literal quer dizer cabeça, o que forma uma expressão como “Potter na cabeça”, comportamento típico da legião de fãs em todo mundo.

ficassem por dentro de todas as notícias acerca do complexo e maravilhoso universo de J.K Rowling.

Esperei ansiosamente por cada livro que seria lançado desde a minha imersão neste mundo fantástico: Harry Potter e o Cálice de Fogo, Harry Potter e a Ordem da Fênix, Harry Potter e o enigma do príncipe e Harry Potter e as Relíquias da morte. Além de também ler os livros complementares escritos pela autora, tais como Animais Fantásticos e Onde Habitam, que descreve os animais mágicos existentes no mundo bruxo e Quadribol através dos Séculos, livro este que, explica a história e a mecânica do jogo de Quadribol<sup>2</sup>.

Teorizei muitas vezes novos personagens, entre novos vilões e mocinhos, novas aventuras, novas músicas, novos mistérios, feitiços, objetos mágicos e animais fantásticos e tudo mais o que poderia ser criado pela mente criadora e inovadora de Joanne. Lembro por exemplo, de me debulhar em lágrimas na primeira morte de um personagem principal no livro Harry Potter e a Ordem da Fênix, de roer as unhas em momentos ápicos da trama e das inúmeras broncas que levei de meus pais pelas noites em claro com os olhos vidrados nas páginas dos livros de Harry Potter.

Além da ansiedade em torno dos livros e seus lançamentos, ser fã de Harry Potter também incluía aguardar desesperadamente por cada novo filme, analisar e pesquisar os trabalhos de cada novo diretor, imaginar como determinadas cenas seriam representadas nas adaptações cinematográficas e se alegrar ou se decepcionar com elas.

A saga literária teve seu fim em 2007, com o lançamento do sétimo e último livro, Harry Potter e as Relíquias da Morte, que narrava a culminância das aventuras e desafios que Harry enfrentara durante toda a saga, sendo o gerador deste enredo o tão esperado confronto com Lord Voldermort, o grande vilão que fez com que ele tivesse a tão famosa cicatriz e que o tornou órfão.

Porém, a espera não terminaria neste ano, mas sim, se prolongaria por anos ainda até o lançamento da adaptação cinematográfica do último livro, que foi dívida em duas partes, dando origem aos longas ‘Harry Potter e as Relíquias da Morte Part.1’ e ‘Harry Potter e as Relíquias da Morte Part.2’, lançados respectivamente em 2010 e 2011.

Em 2012, ingressei na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Campus de Nova Iguaçu e em 2013, conheci aquela que hoje é minha orientadora, Patrícia Bastos de Azevedo, a princípio para ser bolsista de iniciação científica em uma pesquisa que desenvolvia sobre letramento. No decorrer da pesquisa, descobrimos afinidades e dentre elas

---

<sup>2</sup> Jogo fictício existente na narrativa de Harry Potter, que conta com quatorze jogadores em campo e três tipos de bolas. No mundo bruxo é paixão similar ao futebol para nosso mundo contemporâneo.

o interesse pela saga Harry Potter e ela discorreu sobre o interesse de fazer uma pesquisa envolvendo a temática Harry Potter atrelada ao Ensino de História.

No ano seguinte, Patrícia Bastos escreveu um projeto denominado ‘História, Memória e Ensino de História na série Harry Potter’, enviou ao PROIC<sup>3</sup>. Este foi aprovado e mais uma vez eu teria o prazer de trabalhar com Patrícia em mais uma pesquisa sobre Ensino de História, mas desta vez com um tom mágico e familiar de pesquisar o que me acompanhava desde os nove anos. A pesquisa, que visava entender as relações entre a História, o seu ensino e o conceito de memória retratado nas linhas escritas por J.K. Rowling, teve início em 2014, tendo renovação no ano seguinte e sendo finalizada agora, em 2016.

Ao longo destes dois anos, estive imersa nos escritos de Harry Potter, olhando por um viés completamente diferente das leituras que fazia enquanto fã, já que, me propus enquanto bolsista de iniciação científica a olhar para a saga com um olhar pesquisador, que se debruça diante dos indícios e busca pelas respostas que procurava e ganha também, novos questionamentos e respostas para além do esperado. Não poderia deixar de citar minha participação no grupo de pesquisa Currículo, Cultura e Política, vinculado ao Laboratório Multidisciplinar de Ensino e Inclusão que contribuiu também para minha formação, enquanto aluna e aspirante à pesquisadora.

Neste meio tempo, me vi nos períodos finais da graduação e o tema de minha monografia me escolheu como no mundo fantástico de Harry Potter as varinhas escolhem os bruxos aos quais pertencerão. Quando notei, já tinha a certeza de que a obra literária de J.K. Rowling faria parte de minha história mais uma vez, como tema de minha monografia, trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História. Escrevi, defendi e finalmente, concluí minha graduação.

Não imaginaria, porém, que a Monografia não seria o marco final deste reencontro com o enredo criado por Joanne e agora este é apresentado na forma de dissertação como requisito parcial do programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Nesta condição de dissertação, este reencontro, ganha o caráter de pausa, em uma busca pessoal por alçar novos voos nas etapas formativas que almejo seguir. Porém, a magia de Harry Potter não sairá de minha vida, nem como fã ou pesquisadora, pois já alcançou o patamar de parte integrante da história de vida. E é parte deste encanto, paixão e produção de

---

<sup>3</sup> Programa de Iniciação Científica da UFRRJ-PROIC.

saberes que pretendo compartilhar com o mundo, seja por meio deste trabalho ou por outras formas de reflexão e divulgação.

## 1.2 A pesquisa: o que esperar desta leitura?

No início dos anos 90, J.K. Rowling, sem muitas perspectivas, deu início ao esboço de uma trama literária, inspirada em sua vivência, porém, tendo como pano de fundo um mundo mágico ficcional extremamente rico em detalhes, nuances, segredos e pistas que tornam a leitura instigante e convidativa. Apesar do enredo simples, a trama alcançou um patamar de sucesso mundial, tendo sido traduzida para mais de setenta idiomas ao redor do mundo.

A marca Harry Potter, é estimada hoje no valor de 83 bilhões de Reais<sup>4</sup>, dentre bilheteria, parques temáticos e produtos variados. A história do menino que sobreviveu é sucesso inquestionável e permanece a abrir portas para sua idealizadora e formando uma legião de fãs, ainda que haja críticas.

Enquanto objeto de estudo acadêmico, é um tema em ebulição, surgindo novas análises a cada dia, mesmo após duas décadas desde o marco inicial, o lançamento do primeiro livro. Durante estas duas décadas, inquietou pesquisadores em diversas áreas e segue trazendo reflexões inúmeras para os campos variados das ciências.

Esta saga, ainda que parte da Literatura Inglesa, ultrapassou as fronteiras nacionais e passou a fazer parte da história de crianças, jovens e adultos que cresceram, crescem e crescerão sob o encanto do mundo mágico de Harry Potter, tornando-se muitas vezes, um propulsor para a imersão no mundo da leitura. Em números, mais de 500 milhões de cópias<sup>5</sup> de livros da saga já foram vendidas ao redor do mundo. O sucesso é de fato, mundial.

Na análise destes dados, surgem inquietações e perguntas na espera por serem respondidas. Devido minha formação, estas surgem mais especificamente no campo da Educação e da História. É pensando nestas e propondo novas reflexões que nas próximas páginas disserto e alio a História, o Ensino de História e a temática Harry Potter.

Para compor este trabalho, chamo para o diálogo teórico as contribuições de Carlo Ginzburg, com seu método heurístico, denominado Paradigma Indiciário, como método utilizado para buscar nas páginas da narrativa de J.K. Rowling indícios que auxiliem nas reflexões as quais este trabalho se dispõe. Aliado ao Paradigma, recorro às contribuições de

---

<sup>4</sup> VIEIRA, Werick. 20 anos de Magia. In: Jornal O Globo, 2017. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/cultura/20-anos-de-harry-potter.html>. Acesso em: 11/01/2019

<sup>5</sup> Idem.

Bakhtin e os diálogos possíveis entre as ciências humanas e a filosofia da linguagem, para compreender no discurso que constitui a saga, as marcas do Ensino de História que permeiam a narrativa.

Esta dissertação é dividida em três capítulos e em seguida, a conclusão, que abrangerá de forma mais ampla as análises tecidas ao longo dos capítulos que a antecederam.

O capítulo um, também composto por três partes, inicia com uma breve menção à literatura e sua importância, compreendendo que ela é o marco inicial da existência deste trabalho, visto que, a partir da literatura, neste caso, a literatura fantástica da obra criada por Joanne Kathleen Rowling que moveu a escrita deste e nas páginas da narrativa cheguei a meu objeto de estudo.

Em seguida, a justificativa da escolha do tema, elencando os motivos para tal escolha, com base em dados e estudos que vem sendo feitos em diversas áreas do conhecimento sobre o campo fértil que pode vir a ser a saga Harry Potter. E para finalizar, apresento uma pequena revisão bibliográfica, trazendo contribuições de outros pesquisadores do tema e os trabalhos mais relevantes às especificidades do debate desta dissertação.

No capítulo dois, são apresentados os caminhos teórico-metodológicos eleitos e trilhados para o encontro das pistas e a tessitura das análises que serão apresentadas no capítulo seguinte (o capítulo três). De maneira organizacional, este capítulo é iniciado com um pequeno debate onde, apresento outros autores que pesquisam o tema e os subsídios que obtive a partir da leitura de seus trabalhos.

Apresento também as contribuições de Bakhtin ao trabalho e os caminhos teórico-metodológicos propostos por este que podem auxiliar na composição desta dissertação, entre elas o conceito de cronotopo. E em seguida, discorro sobre o Paradigma Indiciário e como este método é parte do arcabouço que sustenta as explorações e análises feitas ao longo desta e apresenta as categorias classificatórias (Professor/Aula, Uso do Livro Didático/Atividades e Usos da História Ensinada) que abarcarão os indícios e suas análises.

O capítulo três, por sua vez, apresenta um breve debate sobre questões que permeiam a cultura escolar e compõe-se em maior parte pela análise dos indícios encontrados nos livros da saga, divididos em suas categorias classificatórias e destrinchados um a um. Para encerrar, a conclusão traz de forma mais ampla as impressões que as análises feitas no capítulo anterior trouxeram e, expõe as reflexões que as verificações feitas ao longo da pesquisa motivaram. Façam boa leitura!

## 2 PRIMEIROS PASSOS

### 2.1 Literatura, o marco zero.

Você pode achar que é uma maneira estranha de ensinar - com histórias -, mas outrora essa era a maneira que as pessoas transmitiam sabedoria. Todo mundo sabia como extrair sabedoria da história. Podiam ver através das camadas, do mesmo jeito que podemos ver um peixe congelado num bloco de gelo. Mas o mundo em que estamos vivendo perdeu essa habilidade, uma habilidade que as pessoas, certamente, um dia possuíam. Elas ouvem as histórias e gostam delas, porque as histórias divertem, fazem com que se sintam confortadas. Mas elas não conseguem ver além da primeira camada, dentro do gelo. (SHAH; THAIR. 2009, p. 244).

Desde a infância, a literatura se fez presente em minha vida. Inúmeras vezes minha mãe bateu em minha porta para reclamar por trocar minhas noites de sono pelas páginas dos livros, imersa nas tantas aventuras narradas em cada obra. Nesses momentos junto aos livros, a literatura sempre se mostrou um tapete mágico para outros mundos, onde era possível aprender e viajar para tantos lugares do mundo, a cada virar de uma nova página, a cada nova história lida.

A escola, entretanto, parecia não perceber a literatura como uma aliada. Isso me inquietava porque diversos conteúdos trazidos nos livros didáticos ao longo da minha vida escolar eu já havia encontrado nas leituras deleite e muitas vezes em livros de caráter fantástico, mas que também traziam conhecimentos úteis ao cotidiano, tanto quanto formação “acadêmica”, quanto social e emocional.

Na universidade, cursando Licenciatura em História espaço este, onde a Literatura poderia ter destaque, no patamar de grande aliada, a distância entre o Estudo da História, o Ensino de História, Currículo da História e a Literatura ficou evidente. Ainda que, a História trate dentre tantos aspectos de análise documental, ela muito ainda se distancia do texto literário mesmo que este, já subvertido a ordem da História diversas vezes, denunciando muito do que se tentou ocultar, a partir de uma história não oficial ao longo de toda a história da humanidade:

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma por vezes cifrada, as imagens sensíveis do mundo. A

literatura é narrativa que, de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica. Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2006, p. 5).

A literatura é uma forma de expressão, de mostrar ao mundo a visão de uma época, de uma ótica diferenciada muitas vezes dos relatos históricos, proporcionando exatamente novos horizontes, muitas vezes desconhecidos por aqueles que tem a função de narrar à história não literária, a História do mundo e da sociedade: os historiadores. Mas afinal, o que é literatura?

De acordo com o Aurélio, literatura significa, dentre outras definições: 1 - Ciência do literato, 2 - Conjunto das obras literárias de um país ou de uma época. 3 - Escritos narrativos, históricos, críticos, de eloquência, de fantasia, de poesia, etc. Com origem no latim *littera*, que significa letra, a literatura diz respeito a uma das manifestações humanas artísticas, tais como a dança, a pintura e tantas outras. Porém, ao longo dos séculos, a palavra literatura abarcou significados inúmeros, marcando sua passagem e ressignificação através dos tempos:

O conceito de literatura tem sido alterado com o passar dos tempos, havendo alterações semânticas bastante relevantes. Para alguns povos latinos, a literatura tinha um teor subjetivo, representando o conhecimento dos letrados. Neste caso, a literatura não era contemplada como objeto do conhecimento, que pode ser estudado. Os povos de língua românica, inglesa e alemã não lhe alteraram o sentido, alteração que só aconteceu na segunda metade do século XVIII, quando o termo passou a designar o objeto de estudo, a produção literária, a condição dos profissionais, etc. (FORTUNATO, 2016, p. 2).

Mesmo após tantas ressignificações, da *Ilíada*<sup>6</sup> aos best-sellers do século XXI, a literatura se fincou enfim, como uma forma de expressar aquilo que alguém quis dizer, registrar, narrar sobre a sociedade contemporânea a sua escrita, ou até mesmo sobre épocas outras, porém, mantendo a característica de expor os fatos além dos escritos documentados, rígidos, oficiais. Dessa forma, a literatura deu muitas vezes, voz a memória dos esquecidos, dos marginalizados, Trouxe a tona, uma gama de questões vindas dos “porões da memória”.

Na literatura brasileira temos diversos exemplos entre nossos autores considerados clássicos, narradores de momentos importantes de nossa história, que apresentaram a realidade dos navios negreiros como fez Castro Alves em seus tantos poemas, a realidade nas

---

<sup>6</sup> *Ilíada* é um Poema da Grécia Antiga atribuído a Homero, que narra os acontecimentos dos últimos cinquenta anos da Guerra de Tróia, através da visão e da ira de Aquiles.

periferias brasileiras em temporalidades distintas como os escritos de O Cortiço de Álvares de Azevedo sobre o final do século XIX e Quarto de Despejo de Carolina de Jesus, a política sob o olhar crítico e por tantas vezes desiludido de Lima Barreto e muitos outros, que ao longo da história da literatura no Brasil deixaram registros que para além das contribuições no campo da literatura e linguística, deixaram suas marcas no Estudo da História também.

É evidente que, quando pensamos na literatura enquanto fonte historiográfica, é necessário lembrar que todo escrito é permeado de intencionalidade e a ficção traz consigo aspectos de fantasia, para que se componha o enredo, ainda que, busque muitas vezes imitar a realidade e também expô-la em suas facetas:

Os documentos artísticos e literários, em especial, apresentam uma complexidade ainda maior ao serem interpretados pelo historiador. Defrontamo-nos mais claramente com o fenômeno da representação, isto é, da imitação da realidade (mimeses), e, conseqüentemente, com a impressão de realidade que o texto ficcional sugere ao leitor, dependendo de sua natureza, como no caso dos romances realistas e crônicas. Compreender os significados da obra literária é realizar uma operação de interpretação que articula questões históricas do tempo em que o escritor vive seu universo ideológico e as opções estéticas, relativas aos códigos linguísticos e literários mobilizados na escritura. Ou, como diz Nicolau Sevcenko, é fundamental mantermos uma postura firme quanto às exigências metodológicas, “para que não se regreda a posições reducionistas anteriores”, que tomavam o texto literário como uma descrição imediata do real, esquecendo-se da mediação efetuada pelo autor e da “riqueza estética e comunicativa” dos textos. Ainda devemos “cuidar igualmente, para que não se perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social” (MORAES; DISLANE, 2009, p. 6).

Ao apoderar-se desses cuidados, podemos usufruir da Literatura enquanto instrumento amigo da História, da aprendizagem história e de tantos debates caros ao Ensino da História, especialmente, quando pensamos na história escolar. Para tal, é preciso despir-nos dos tantos preconceitos com a escrita não acadêmica geralmente encontrada na literatura e por muitas vezes aprender com este campo (a literatura) que ao longo do tempo tem mostrado o alcance de variados públicos, levando para além de entretenimento, conhecimento, proporcionando reflexões e formação de opiniões.

Se para muitos a História apresenta um caráter formador, problematizador e propulsor de consciência histórica, política seja ela individual ou coletiva, por que não expandir estes horizontes, alinhando-se a campos como a Literatura que vem realizando tal faceta ao longo dos tempos? Esta pergunta é o ponto de partida para esta pesquisa.

## 2.2 Por que Harry Potter?

Tendo como base a visão Bakhtiniana<sup>7</sup> de que todo falante da língua é um respondente, pois não é o primeiro a ter violado “o silêncio do universo” (CORREA; RIBEIRO, 2012, p. 336), faço esta justificativa em primeira pessoa, me colocando enquanto sujeito do discurso<sup>8</sup>, cujo afastamento da pesquisa se torna impossível, pois, esta faz parte do que me constitui. Nesta relação dialógica<sup>9</sup> que também pode vir a ser um texto acadêmico, escrevo para meus interlocutores, ou seja, para aqueles que lerão este trabalho.

Escolhi Harry Potter porque, desde o primeiro contato com este percebi algo de diferente na narrativa. Havia, dentre tantas coisas, encontro. Estes, se davam em maior parte pela similaridade entre as angústias vividas pelos personagens e as minhas. Nos amigos por correspondência, descobri que estes encontros não eram só meus. Cada qual se encontrava nas páginas dos livros, nas narrativas e falas sobre algum personagem, entre seus anseios e conquistas infanto-juvenis.

Não vivíamos no mundo mágico do qual a saga apresenta, não possuímos capas, varinhas e caldeirões, mas a materialidade<sup>10</sup> de cada personagem era similar a de cada um de nós, éramos Harry Potter, Hermione Granger, Rony Wesley e também Draco Malfoy<sup>11</sup>. Cada um, em sua peculiaridade, tornando a história tão real, ainda que ficcional:

---

<sup>7</sup> Expressão que se refere às teorias relacionadas a Mikhail Bakhtin e suas contribuições para as ciências humanas.

<sup>8</sup> O termo "discurso" diz respeito a uma significação mais abrangente do que a de "texto". Compreende-se, então, por discurso uma unidade transfrástica que se submete a regras de organização vigentes em um grupo social determinado: regras que governam uma narrativa, um diálogo, uma argumentação ou, em outras palavras, um discurso político, jurídico, publicitário, etc. (LEITE, 2009, p.3).

<sup>9</sup> De acordo com SANTOS (2015, p.8), as relações dialógicas são a condição *sine qua non* da linguagem, pois elas são relações de sentido, a partir das quais é possível aos parceiros de interação construir sentidos para os enunciados, textos, discursos, etc., ou seja, a construção de sentido sempre se dá de forma dialógica. Por isso, no estudo da linguagem, as relações existentes entre enunciado e realidade, entre o enunciado e o locutor (autor) devem ser estudadas; deve-se ter em conta essas relações de sentido que se instauram entre as diferentes instâncias da palavra no jogo da interação (BAKHTIN, 2011b [1959/60], p. 307-330).

<sup>10</sup> Pensando que o corpo é forma material no do discurso, tomo-o, tal qual a língua, como um todo de dimensões interconstitutivas no jogo de significações: uma dimensão real ou biofísica – da estrutura físico-motora cujo funcionamento possibilita os gestos, e que tem elementos específicos em sua composição (altura, peso, formato do rosto, dos olhos, do cabelo, cor de pele, de olhos e cabelos etc.) –, uma dimensão simbólica – que diz respeito à atribuição de seus sentidos por gestos de interpretação na história e à sua constituição pela memória discursiva que possibilita suas formulações (gestos) –, e uma dimensão imaginária – que possibilita o surgimento de uma unidade de identidade do sujeito na relação imaginária estabelecida com outros sujeitos no discurso (HASHIGUTI, 2007, p.2).

<sup>11</sup> Personagens da saga literária que serão apresentados ao longo deste trabalho.

O nome Harry Potter tornou-se mais do que uma marca, pois, como destacou Blake (2006), as histórias a ele referentes invadiram a vida de jovens de todo o mundo de muitas e interessantes formas! Ou seja, na intrincada rede de produtos e de produções associadas ao seu sucesso configuraram-se significados não apenas para um mundo de magia e bruxaria – temática pressupostamente central a esses livros -, mas neles se delinearam estereótipos marcantes sobre modos de ser jovem e de viver a juventude, tais como o interesse pelos esportes, a organização em grupos, bem como a importância atribuída às relações de amizade e de afeto, em uma sociedade de bruxos que consagra, de forma até surpreendente, tanto modos de organização, quanto estruturas características às sociedades ocidentais contemporâneas, estando entre essas a escola! (WORTMANN, 2011 p. 167).

O enredo, fórmula “mágica” de sucesso traz a história de um menino órfão que mora com os tios em uma cidade do Sudeste da Inglaterra e que aos onze anos, descobre ser um bruxo e inicia suas aventuras nesta nova realidade. A autora inglesa Joanne Kathleen Rowling, quando deu início a uma saga literária, no começo dos anos 90, nunca imaginaria que esta tornaria um grande sucesso da literatura mundial após tantas recusas até que seu trabalho fosse publicado e reconhecido mundialmente.

A história se inicia em suma, no décimo primeiro aniversário de Harry, personagem central da trama, onde ele recebe uma carta-convite para ingressar em uma escola de magia, em um mundo mágico desconhecido até então. Junto a isso, se descobre bruxo, pertencente a este mundo mágico, onde ele é famoso por ter sobrevivido ao ataque do maior vilão das forças das trevas que já existiu o temido Lord Voldemort ou Aquele que não deve ser nomeado, na mesma noite em que ficou órfão, contrariando a versão de seus tios, que contavam que seus pais haviam morrido em um acidente de carro.

O marco inicial de sua incursão neste mundo bruxo é através do ingresso na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, um internato, responsável pela formação de jovens bruxos, ensinando-os conhecimentos necessários para a convivência destes jovens no mundo mágico e também no dos não bruxos, conhecidos como trouxas. Esta escola foi fundada por quatro grandes bruxos: Godrico Grifinória, Salazar Sonserina, Helga Lufa-lufa e Rowena Corvinal<sup>12</sup> com o objetivo comum de educar a juventude mágica. Podemos conhecer um pouco desta história na letra da música do Chapéu Seletor no quarto ano de Harry em Hogwarts:

---

<sup>12</sup> Na língua original, o inglês, respectivamente: Godric Gryffindor, Salazar Slytherin, Helga Hufflepuff e Rowena Ravenclaw.

### Música do Chapéu Seletor - HP4<sup>13</sup>

Há mil anos ou pouco mais,  
Eu era recém feito  
Viviam quatro bruxos de fama  
Cujos nomes todos ainda conhecem:  
O valente Gryffindor das charneças,  
O bonito Ravenclaw das ravinas,  
O meigo Hufflepuff das planícies,  
O astuto Slytherin dos brejais.  
Compartiam um desejo, um sonho,  
Uma esperança, um plano ousado,  
De, juntos, educar jovens bruxos,  
Assim começaram a Escola de Hogwarts.

Apesar do objetivo em comum, os quatro bruxos valorizavam diferentes características nos jovens que gostariam de ensinar e por isso, dividiram Hogwarts em quatro grupos, chamados de casas, batizadas com os sobrenomes de seus criadores, Grifinória, Lufa-Lufa, Sonserina e Corvinal. Para Godrico Grifinória, interessava os valentes, Helga Lufa-lufa prezava por aqueles mais aplicados, Rowena Corvinal, priorizava os inteligentes e Salazar Sonserina ansiava por aqueles que possuíam grande ambição.

Harry é selecionado pelo chapéu seletor para ingressar na casa Grifinória e lá faz dois grandes amigos que irão protagonizar as aventuras narradas na saga junto a ele: Hermione Granger e Rony Wesley. Hermione é uma jovem bruxa, filha de pais trouxas<sup>14</sup>, extremamente inteligente, curiosa e dedicada que sempre busca conhecimento nos livros, característica essa que se faz muito importante na resolução de muitos conflitos ao longo da saga. Rony por sua vez, vem de uma família numerosa de bruxos, sendo identificado muitas vezes por seus “cabelos ruivos e vestes de segunda mão”. É extremamente leal e junto a Hermione ajuda

<sup>13</sup> O Chapéu Seletor é um chapéu mágico, possuidor de grande inteligência que seleciona os alunos para as casas com a qual tem maior afinidade, de acordo com suas características. Esta escolha é feita em uma cerimônia, onde os alunos colocam o chapéu, que avalia suas emoções e desejos e define a casa a qual o coração de cada um irá pertencer. Nesta cerimônia, o chapéu compõe uma música tema que narre à história da formação de Hogwarts e os objetivos de seus fundadores. Este trecho pertence à música do 4º ano de Harry em Hogwarts, referente ao Livro Harry Potter e o Cálice de Fogo (HP4, 2001, p. 102 e 103)

<sup>14</sup> Quando um bruxo nasce de pais trouxas ele é considerado mestiço, o que aos olhos de algumas famílias bruxas tradicionais os caracterizam como “Sangues-ruins”, ou seja, impróprios de terem magia.

Harry em todas as adversidades. As aventuras de Harry e seus fiéis ocorrem ao longo de sete livros, sendo estes:

1. Harry Potter e a Pedra Filosofal (1997);
2. Harry Potter e a Câmara secreta (1998);
3. Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban (1999);
4. Harry Potter e o Cálice de Fogo (2000);
5. Harry Potter e a Ordem da fênix (2003);
6. Harry Potter e o Enigma do Príncipe (2005);
7. Harry Potter e as Relíquias da Morte (2007).

O primeiro livro da saga, Harry Potter e a Pedra Filosofal apresenta aos leitores o menino Harry Potter, órfão, que mora com os tios Petúnia e Válter e o primo Duda na Rua Alfeneiros<sup>15</sup>, número 4. Sua relação com a família Dursley não é das melhores, pois todos na casa o tratam como um estorvo fazendo com que ele, por exemplo, tenha direito somente a um pequeno cômodo abaixo da escada como quarto.

O menino que se julgava apenas um magricela órfão descobre ao completar de seus onze anos que ele não é aquele que esperava ser e sim, um jovem bruxo, filhos de pais bruxos assassinados por um temido vilão e que pertence a um novo mundo, no qual ele é famoso e possui uma vaga na principal escola formadora da juventude mágica. Este livro inicial retrata então, o ingresso de Harry na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, as descobertas do mundo mágico, a descoberta da casa<sup>16</sup> a qual pertence, o início das relações com seus novos amigos e também com alguns não tão amigos assim, podendo ser citado o caso de Draco Malfoy, personagem este advindo de família de “sangue puro” ambiciosa, e o início do ano letivo em Hogwarts.

Marca também o primeiro contato de Harry com o grande vilão da saga, o assassino de seus pais, Lord Voldemort e aquele que não deve ser nomeado, que neste primeiro livro está

---

<sup>15</sup> De acordo com declarações de J.K. Rowling, o nome da rua onde os Dursley moram é “uma referência àquela planta mais suburbana, a privet bush [em inglês, Rua dos Alfeneiros é Privet Drive], que faz sebes puras ao redor de muitos jardins ingleses. Gostei da associação tanto de subúrbio quanto de fechamento, os Dursley serem tão convencidamente da classe média e tão determinadamente separados do mundo da magia. O nome da área onde vivem é "Little Whinging" que, mais uma vez, soa apropriadamente paroquial e desprezivo ["whinging" é um termo coloquial para "reclamar ou lamentar" no inglês britânico]”.

<sup>16</sup> Na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts os alunos são divididos em quatro grupos, denominado casas. Sendo elas Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa e Corvinal. Estas casas agrupam os jovens que possuem os princípios defendidos pelos fundadores destas casas e ao ingressar na escola, cada aluno passa por uma avaliação na busca por descobrir “a qual casa pertence seu coração”.

buscando um objeto mágico extremamente valioso, a Pedra Filosofal, que pode oferecer vida eterna a seu possuidor. Com ajuda de seus novos amigos Rony e Hermione, Harry consegue impedir Voldemort de conquistar seu objetivo e seu primeiro ano letivo em Hogwarts pode ser finalizado em segurança.

O livro dois, Harry Potter e a Câmara secreta, narra o segundo ano letivo de Harry em Hogwarts, o qual ele aguardou ansiosamente durante as férias sem saber o que estava por vir. Coisas misteriosas começarão a acontecer no castelo, mensagens estranhas serão escritas nas paredes, alunos irão sofrer com alguns acontecimentos, inclusive, a irmã de seu melhor amigo, Gina Wesley. Harry por sua vez, começa a se sentir perdido vendo os acontecimentos afetarem a todos inclusive a ele mesmo.

Com o desenrolar da narrativa, saberemos que mais uma vez Lord Voldemort está tentando reaparecer a partir da memória de um diário próprio deixado e Harry terá de enfrentá-lo mais uma vez, na tentativa de salvar Gina Wesley, os demais alunos afetados (incluindo sua amiga Hermione Granger) e impedir seu retorno. Harry obtém sucesso em mais este desafio e pode retornar a Rua dos Alfeneiros (mesmo contra sua vontade) em segurança.

O terceiro livro da saga desenvolvida por Rowling, Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban, traz Harry desestabilizado pela notícia de que seu padrinho Sirius Black, acusado de entregar a localização de seus pais para o vilão Voldemort, fugiu da prisão e agora estava a sua procura. Ao saber disto, Harry a princípio, é tomado por um sentimento de raiva e vingança por seus pais, mas é surpreendido ao saber que seu padrinho é inocente, sendo apenas mais uma das pessoas traídas por seguidores de Voldemort infiltrados e que carregam as marcas daquele período sombrio.

O desafio de Harry agora é provar a inocência de Sirius Black, evitar que sua sentença de morte seja cumprida além de também, lutar contra seus próprios medos. Na contramão dos dois primeiros livros, não há tentativas de retorno de Lord Voldemort, dando um foco diferente ao enredo. Harry consegue salvar seu padrinho, descobrir a verdade sobre sua história, o assassinato de seus pais, a identidade do verdadeiro traidor e muitos outros segredos, até o seu retorno à casa dos tios em mais um findar do ano letivo.

Harry Potter e o Cálice de Fogo, o quarto livro da saga, narra um ano agitado na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, pois esta receberá uma grande competição entre Escolas Bruxas, conhecida como Torneio Tribruxo. Para este torneio, é necessária a participação de um jovem bruxo de cada instituição. Potter, que não tem idade para competir, pois o torneio abrange somente alunos a partir dos dezessete anos, acredita que terá um ano

tranquilo em Hogwarts, mas logo percebe que está enganado. No dia do sorteio dos participantes, o nome de Harry é selecionado e ele não pode deixar de participar da competição, tornando-se o quarto participante da competição, mesmo que as regras permitam apenas três alunos.

Os competidores recebem tarefas a realizar e seu desempenho nestas tarefas é avaliado por um grupo de jurados. As tarefas são variadas e exigem conhecimento em magia, astúcia e persistência. Entre as provas estão tarefas arriscadas como, por exemplo, enfrentar dragões, mergulhar no Lago Negro (lago misterioso e cheio de perigos que fica no terreno de Hogwarts) e resgatar uma pessoa próxima e por fim, entrar em um labirinto em busca do Cálice de Fogo. O participante que o encontrar primeiro é o campeão.

Harry é bem-sucedido em todas as etapas e ao chegar à última, decide dividir a glória com o seu companheiro de escola e verdadeiro competidor pelo escudo de Hogwarts Cedrico Diggory, combinando que tocariam o Cálice juntos para saírem como campeões do torneio. O que Harry não esperava é que ao tocar o Cálice, ele se tornaria um portal para levar Harry ao encontro de Lord Voldemort e com isso, causando a morte de Cedrico, expondo Harry a imenso perigo e proporcionando a volta de Voldemort a vida.

Harry enfrenta o vilão, porém consegue escapar durante o confronto e consegue retornar ao portal em momento oportuno voltar a Hogwarts trazendo o corpo de Cedrico e anunciando o retorno do Lord Voldemort ao mundo bruxo o que ele havia feito com Cedrico, o fato de o Cálice ter se tornado um portal quando tocado. Logo depois, descobre que sua participação no evento foi planejada e que o responsável manipulou o Torneio, colocando seu nome na taça para que fosse escolhido e no momento certo, estivesse frente a frente com Voldemort. Desta vez o fim do ano letivo se torna um momento de luto e de receio por tudo que está por vir com o retorno do vilão Voldemort.

Em Harry Potter e a Ordem da Fênix, Harry tem um período de férias muito difícil, sem notícias de seus amigos e sem saber o que está acontecendo no mundo mágico ele se encontra amargurado. Para completar, acontecimentos estranhos ocorrem no bairro trouxa onde mora com os tios e ele se vê obrigado a usar magia e com isto quase é expulso de Hogwarts, pois é estreitamente proibido aos alunos o uso de magia fora da escola. Quando finalmente encontra seus amigos, é levado para a antiga casa de seu padrinho Sirius Black, onde os bruxos aliados estão organizando uma frente contra as forças das trevas, na figura de Lord Voldemort e seus seguidores. Esta organização recebe o nome de “Ordem da Fênix”.

Harry enfrenta um julgamento por conta do uso da magia fora da escola, onde quase é expulso de Hogwarts. Se as coisas já pareciam difíceis, ao retornar a escola, os alunos conhecem a nova professora de Defesa Contra as Artes das trevas, disciplina responsável por ensinar os jovens bruxos feitiços e ações de defesa, Dolores Umbridge, enviada pelo Ministro da Magia para abafar os movimentos relacionados ao retorno de Lord Voldemort. Para driblar as ordens do Ministério, os alunos criam um grupo para juntos aprenderem a se defender das artes das trevas sendo os próprios alunos responsáveis por ajudar e ensinar uns aos outros, sendo está chamada de Armada de Dumbledore.

Entre confrontos e grandes perdas, muitos acontecimentos marcam o quinto livro, marcando um momento de transição na saga do bruxinho, onde a história encontra um rumo mais maduro e Harry passa a ter atitudes mais incisivas. O ano letivo chega ao fim e Harry retorna a Rua dos Alfeneiros para a casa de seus tios aguardando por novos conhecimentos.

O sexto livro, Harry Potter e Enigma do Príncipe, narra o avanço das forças das trevas com as ações de Voldemort e seus seguidores, os comensais da morte. Neste ano, Dumbledore e Harry investigarão junto, formas de extinguir a ameaça do vilão ao mundo bruxo. Para isso, precisarão de uma revelação do novo professor Horácio Slughorn, que guarda um segredo crucial para derrotar Voldemort. Neste meio tempo, Harry recebe um exemplar do livro "Curso avançado no preparo de poções", que vai trazer para ele sucesso na disciplina de Poções, porém, também trará grandes problemas. O livro tem anotações de um antigo dono sob o pseudônimo Príncipe Mestiço, ensinando novos feitiços e poções.

Quando finalmente Harry descobre o segredo de Horácio Slughorn, ele e Dumbledore partem em busca de objetos mágicos conhecidos como horcruxes, nos quais bruxos das trevas depositam partes de sua alma para driblar a natureza e obter vida eterna se seu corpo for destruído. Lord Voldemort usou este recurso e dividiu sua alma em sete partes e é a busca por estas o maior foco da narrativa. Após novas perdas importantes, Harry decide não regressar a Hogwarts ou a Rua dos Alfeneiros, para dar continuidade à busca pelas horcruxes e Rony e Hermione irão acompanhá-lo.

O último livro, sétima parte da saga, denominado Harry Potter e as relíquias da morte, apresenta agora o desfecho das aventuras do bruxinho, que está cada vez mais perto do confronto final com o vilão Lord Voldemort. Harry continua na busca pelas horcruxes que não encontrou no ano anterior e Voldemort também está em busca por um objeto valioso, a Varinha das varinhas, que dá imensos poderes para aquele que a obtiver.

A narrativa chega ao ápice na grande batalha final entre os aliados ao lado da Ordem da Fênix contra Lord Voldemort e seus seguidores, sendo Hogwarts o grande palco deste acontecimento. Na batalha há muitas perdas importantes, mas finalmente Harry consegue vencer o vilão e o mundo mágico fica livre da ameaça de Voldemort. O livro termina levando o leitor dezenove anos à frente, levando seus filhos para a estação de *King's Cross*<sup>17</sup> para o início do ano letivo em Hogwarts. E assim, terminam as aventuras do bruxinho.

A primeira tiragem do volume um da saga, denominado Harry Potter e a Pedra Filosofal, sofreu recusa de diversas editoras, momento muito difícil para J.K. Rowling, e quando publicada a tiragem teve apenas quinhentas cópias, tendo grande parte sido distribuída para bibliotecas. A saga, antes tão subestimada e recusada surpreendeu e foi ganhando público, prêmios de literatura infantil e popularidade. Ao completar duas décadas no ano de dois mil e dezessete, pôde comemorar o estrondoso sucesso mundial e a existência de uma legião de fãs de todas as idades, onde incluo meu próprio nome.

Ao longo destes anos, a saga foi traduzida em mais de setenta idiomas, tendo os livros mais de 500 milhões de cópias vendidas por todo o mundo. Dos quinhentos exemplares para os quinhentos milhões de cópias vendidas, a saga conquistou jovens de todo mundo, marcando gerações. Além dos livros da saga, outros complementares surgiram, como por exemplo, Quadribol através dos séculos e também, Harry Potter e a criança amaldiçoada, roteiro teatral autorizado por Rowling e considerado por alguns uma espécie de oitavo livro da saga.

Tanto sucesso não caberia somente nas páginas dos livros, e assim, a saga ganhou oito adaptações cinematográficas, todas elas obtiveram um grande sucesso de bilheteria ao redor de todo mundo. A febre *potterhead*<sup>18</sup> gerou produtos de todos os segmentos, roupas, acessórios, artigos para cama, mesa e banho entre muitos outros, inclusive a criação de parques temáticos de Harry Potter, como por exemplo, o *The Wizarding World of Harry Potter*<sup>TM</sup>, em Orlando, no Estado da Flórida - EUA, e outros em Londres, Japão e Hollywood.

Em 2016, Joane lançou a 1ª parte adaptação do roteiro original da nova saga cinematográfica denominada Animais Fantásticos e Onde Habitam, que traz novas histórias sobre o mundo bruxo em outras partes do mundo além da Inglaterra (cenário da Saga Harry Potter) e em épocas anteriores ao nascimento de Harry Potter, sendo o primeiro longa de

---

<sup>17</sup> Estação onde se encontra a plataforma mágica onde os alunos pegam o trem que os leva até a Escola de Magia e bruxaria de Hogwarts.

<sup>18</sup> Termo usado para denominar os fãs de Harry Potter, na tradução literal Cabeça de Harry Potter.

mesmo nome e o segundo, lançado em 2018 “Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald”.

Todavia, não são apenas esses números que mostram a peculiaridade do sucesso da série; há, além deles, uma série de indícios de que algo realmente diferente ocorre no universo da literatura infanto-juvenil: as narrativas de Rowling agradam a leitores heterogêneos – idades, classes, gostos distintos; a ansiedade com que os leitores aguardam o lançamento e a avidez com que realizam a leitura – uma corrida frenética para chegar primeiro ao final e descobrir os mistérios para os quais ninguém se cansa de criar suposições; a rede de informações – os leitores trocam interpretações entre eles, procurando saber se algum detalhe da história lhes passou despercebido, ou se realmente conseguiram fazer todas as conexões. (PELISOLI, 2006, p. 26).

Fazendo buscas pela internet, é possível compreender a dimensão do impacto que a narrativa de Rowling trouxe. São inúmeros sites, grupos de fãs, notícias, vídeos comentando e resenhando os livros e inclusive, novas propostas que utilizam da saga para fins diversos. No campo da Educação a série Harry Potter ganha espaço devido seu sucesso e aceitação entre os jovens. Há inclusive inúmeras pesquisas que trazem como tema a narrativa de Harry Potter como formadora de novos leitores, de gostos de leitura, concepções de literatura e comportamento.

Nestas pesquisas, é possível perceber por meio de entrevistas, dados quantitativos entre outras formas, que muitos jovens contemporâneos ou posteriores ao lançamento dos livros de Rowling consideram Harry Potter o livro que os levou a estabelecer uma boa relação com a literatura, tendo sido inclusive, o primeiro livro lido por muitos. O fato de a narrativa literária ter como cenário principal o espaço escolar, representado pela Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts se faz como um dos principais motivos para tamanha identificação dos jovens com a mesma, tornando-a conseqüentemente um fenômeno literário e cinematográfico “o espaço da escola impele naturalmente o leitor à identificação e ao entendimento de certas estruturas e papéis comuns a toda sociedade, o que também exime a autora de muitas explicações.” (PELISOLI, 2006, p.20).

O modelo escolar retratado na saga, muito se assemelha ao que nos deparamos no mundo contemporâneo não ficcional: uniformes, regras, professores diversos, currículo delineado, disciplinas variadas, testes de larga escala e a expectativa de que este processo de escolarização forme melhores cidadãos, no caso de Hogwarts, bruxos do bem.

Na gama de disciplinas ofertadas em Hogwarts, destaco a disciplina História da Magia, que tem como finalidade o ensino da história do mundo bruxo e trata principalmente

dos grandes eventos históricos, assinatura de leis importantes, tratados e também, os grandes personagens mencionados narrativa histórica do mundo bruxo.

Entendendo a disciplina História da Magia como uma prática de Ensino de História na obra literária idealizada por Rowling, mesmo tratando-se de uma narrativa fantástica, é evidente a existência de elementos tão próximos aos que encontramos no dia a dia da realidade escolar na atualidade, inclusive na Educação Brasileira. Sabendo disto, mais uma vez é possível perguntar: Por que Harry Potter?

Bom, uma leitura esmiuçada da saga nos aponta a algumas outras perguntas: com qual finalidade se ensina História na saga Harry Potter? Como ela é ensinada? Qual a significância do professor fantasma para esta disciplina? Qual o valor está história ensinada possui na vida ordinária dos personagens desta história? Quais as concepções de currículo, rotina escolar, História, Ensino de História se formam para os leitores desta narrativa? E, como a forma de ensinar História na série pode contribuir com discussões para o campo da pesquisa em Ensino de História e até mesmo para as formas de ensinar história nas escolas da educação básica?

Sabemos que, há temas muito consagrados na pesquisa em História e Educação, porém ainda há uma ampla variedade de lugares/objetos pouco explorados e por isso, conhecidos devido a um processo de desqualificação, que prioriza uns em relação a outrem e neste movimento excludente, a cultura popular por exemplo, muitas vezes passa despercebida e sua contribuição que poderia ser significativa, é anulada, numa perspectiva que a enxergar muitas vezes, como desqualificada enquanto objeto, sendo então, sem valia para a pesquisa.

Em um movimento oposto ao uso de temas consagrados (ainda que, se valorize a importância destes), buscando por novas nuances desta área do conhecimento e sabendo da existência de novos aspectos a serem pesquisados e contribuições a serem feitas, parti para a investigação nas páginas da narrativa, compreendendo esta como objeto passível de contribuições para as reflexões nos campos da História e da Educação.

Esta proposta foi apresentada a este programa de Mestrado e toma agora a forma de dissertação como parte integrante da obtenção do título de mestre. Ela surge do anseio de uma produção acadêmica que traz temáticas variadas que permeiam também o imaginário popular e em diálogo com a cultura letrada que constituiu e constitui de sentido muitas pessoas de minha geração e de outras que tiveram contato com a saga. Além claro, do desejo pessoal em dedicar esforços à pesquisa nos campos da História e da Educação, nesta forma híbrida que se concebe o Ensino de História:

Pesquisar o ensino de história considerado como lugar de fronteira é perspectiva de abordagem que, em nosso entender, abre perspectivas instigantes e inovadoras para a análise dos processos envolvidos. De modo geral, as pesquisas que têm como objeto o ensino de história e utilizam os referenciais oriundos da história ou da educação, deixam de fora reflexões teóricas importantes, seja sobre a especificidade da prática pedagógica, seja sobre a especificidade da disciplina ensinada – a história. Por isso, defendemos que a pesquisa sobre o ensino de história constitui-se em lugar de fronteira no qual se busca articular, prioritariamente, as contribuições desses dois campos, essenciais para se problematizar o objeto em questão. (MONTEIRO; PENNA, 2011, p.192).

Destacar a importância da História Ensinada e seu lugar na narrativa potteriana delinea os novos horizontes que buscamos enxergar e a partir dele, refletir acerca da realidade que nos cerca, as salas de aula e as aulas de História, enquanto espaços e tempos de construção de conhecimento e formação pessoal.

Cabe a esta reflexão também, recorrer a Bakhtin, analisando o contexto das obras de Rabelais<sup>19</sup>. Lá, o autor discute o cinismo e os estados sedimentares e chama atenção para aquilo que seria o riso<sup>20</sup> e a carnavalização<sup>21</sup>:

A própria imagem do garoto, isto é, a personificação da juventude, da imaturidade e do inacabamento, não deixa de suscitar algumas reservas, e ela só é válida na qualidade de metáfora compreendida como a juventude antiga, o “garoto que brinca” caro a Heráclito... (BAKHTIN, 1999, p. 126).

Este é um ponto importante para pensar Harry Potter, visto que, a autora não tem pretensões em reflexões profundas sobre a sociedade, mas sua escrita no universo fantástico dialoga diretamente com o mundo real, buscando um interlocutor infanto-juvenil e neste ponto o riso, a brincadeira e de certa forma a carnavalização, ajuda apresentar o mundo e a fazer o leitor/focal pensar o mundo que o cerca.

---

<sup>19</sup> François Rabelais foi um importante escritor francês contemporâneo ao Renascimento Cultural.

<sup>20</sup> Bakhtin afirma a importância do riso na Idade Média e Renascimento colocando-o como principal elemento que distinguia os festejos de carnaval e ritos cômicos das cerimônias oficiais sérias da Igreja e do Estado Feudal.[...] Acentuou-se no início da discussão sobre a visão carnavalesca que para o linguista russo o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo. A organização e coerência vêm do riso, do caráter festivo que as diversas formas de manifestações carnavalescas (as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e 328 multiforme, entre outros) possuem. A unidade de estilo e a relação com o riso constituem elementos agregadores da cultura carnavalesca.) (SOERENSEN, 2011, p. 324 e 328, grifo nosso)

<sup>21</sup> Para o estudioso russo, o carnaval constituía um conjunto de manifestações da cultura popular medieval e do Renascimento e um princípio, organizado e coerente, de compreensão de mundo. O carnaval, propriamente dito, não é, evidentemente, um fenômeno literário, mas um espetáculo ritualístico que funde ações e gestos elaborando uma linguagem concreto-sensorial simbólica. É essa linguagem bem elaborada, diversificada, una (embora complexa) que exprime a —forma sincrética de espetáculo— o carnaval — e transporta-se à literatura e é a essa —transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos carnavalização da literatura. (Bakhtin, 1981: 105) (SOERENSEN, 2011, p.319)

Em virtude destas reflexões que são possibilitadas pelos encontros entre leitura e leitores no contato com os livros da saga Harry Potter que se elegeu o tema desta dissertação, com o foco anteriormente apontado no Ensino de História na saga e suas possíveis análises. A seguir, teremos uma breve revisão bibliográfica do que se tem estudado sobre a temática Harry Potter.

### **2.3 Revisão Bibliográfica: o que se tem pesquisado sobre o tema?**

Para compreender melhor um tema a ser estudado, um dos primeiros caminhos indicados para tal é a Revisão Bibliográfica ou Revisão de Literatura, que consiste em buscar trabalhos anteriormente publicados, buscando descobrir como estas pesquisas caminharam, quais foram às contribuições sobre o tema tecidas ao longo dos anos e com isso também, ter mais uma ferramenta de auxílio para a formulação e fundamentação da pesquisa a qual se pretende debruçar.

Considerando isto, foi feita uma pesquisa em variados bancos digitais de teses, dissertações, artigos e outras qualidades de trabalhos acadêmicos, na tentativa de obter um panorama do número de trabalhos sobre os temas geradores da pesquisa a qual me dedico: Ensino de História e Harry Potter. Buscando pela palavra-chave **Harry Potter** em diversos bancos de teses e dissertações online, tais como o Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES e Biblioteca Digital brasileira de teses e dissertações, deparei-me com um número reduzido de trabalhos com está temática, tendo inclusive resultados repetidos em diferentes bancos de consulta, causando uma falsa impressão de elevada quantidade.

Vale destacar que quase todos os trabalhos referentes a Harry Potter são produzidos nas áreas de Letras e Comunicação, ora se referindo a Harry Potter e seu poder de formador de leitores, ou sobre as traduções dos livros para o Português e também, na área de comunicação, sobre o marketing e o poder de alcance e mercado da saga literária. Por outro lado, há também uma curiosa produção na Educação que trata sobre Currículo e Harry Potter, pautada na existência de uma escola e toda sua organização, tão similar a do mundo contemporâneo e não ficcional, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

A palavra-chave Ensino de História por sua vez, resulta em números muito mais expressivos, e demanda inclusive, maior atenção na seleção destes resultados. Neste recorte, Ensino de História, as pesquisas em sua maioria tratam de alternativas de trabalho para

variadas temáticas do tempo histórico em sala de aula, como o uso de fontes históricas, a lei 10.639 sobre a história da África, política entre outros temas.

Examinando o resultado destas buscas, se mostrou necessário filtrar resultados, analisando todas as teses minimamente buscando possíveis similaridades e contribuições para a composição deste e identificando-as como destaques. Para que esta busca fosse relevante para a pesquisa aqui apresentada, foram destacados os principais trabalhos encontrados, que por alguma questão, demonstrassem potencial de contribuição para a mesma. É preciso então, discorrer sobre eles.

Os primeiros trabalhos destacados, o projeto de doutorado e a tese deste, da autora Ana Claudia Munaro Pelisoli (2006; 2011), nas quais ela reflete sobre o alcance de Harry Potter e a formação de leitores a partir da saga literária criada por J.K.Rowling ganha destaque ao discorrer sobre o fenômeno Harry Potter florescer em uma realidade onde a leitura não é a principal atividade recreativa da população mundial:

Neste universo em que a leitura não é uma atividade que ocupa a preferência dos jovens, o fato de um livro conquistar tantos leitores gera uma série de questionamentos sobre os motivos desse sucesso: estariam no texto – na temática, na composição da trama, nas personagens, nos procedimentos do narrador? Estariam nas estratégias mercadológicas? Ou estariam justamente na resposta de seu leitor, que, atendendo a um chamado do texto, evidencia uma nova forma de concretização da leitura, coerente com a era em que vivemos? (PELISOLI, 2006 p. 27).

A contribuição de Pelisoli se faz importante para compreender o fenômeno literário de Harry Potter e seu sucesso surpreendente, que ultrapassou as fronteiras da Inglaterra e dentre tantas outras coisas, trouxe uma nova forma de relação com a leitura e o surgimento de uma cultura literária diferente do conhecido até então. Seguindo a mesma direção, destaco Luiza Tropolha Silva (2013), em “A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter” teve como objeto a leitura literária e a formação de leitores a partir da série Harry Potter e suas implicações nos hábitos de leitura de crianças e jovens.

A pesquisa de Kátia Tarricone (2003), denominada “A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter.”, procurou analisar a forma que escola tem sido retratada na literatura contemporânea, visto que, há tantos movimentos progressistas na educação, e o seu objeto de análise é o enredo de J.K. Rowling.

Em seguida, destaca-se a tese de doutorado de Júlio Pancrácio denominada, Mito, arte e educação: o imaginário em Harry Potter, defendida em 2014, que entende o ambiente

escolar como um local de formação pessoal, mas não único. E que, a partir da arte e da experimentação do mito, ou seja, utilizando do mito também há possibilidades de aprendizagem. Para tal, ele se utiliza da Saga Harry Potter por acreditar ela apresenta elementos míticos na construção de seu enredo. Ainda que o tema seja pouco relevante para a pesquisa, se faz importante destacar esta tese por ser uma das únicas teses sobre Harry Potter e Educação.

Finalmente, diante dos trabalhos encontrados nos bancos de teses e dissertações pesquisados, destaco aqui os de maior relevância para a pesquisa que apareceram durante a pesquisa: A magia da escola na escola da magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter e O currículo na Literatura Infanto-juvenil: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter, ambos de Maria Lúcia Castanha\_Wortmann.

Nestes, a autora apresenta as concepções de escola criadas por diversos educadores e autores, e diante destes conhecimentos, analisa a escola que se desenha na narrativa de J. K. Rowling e também, o currículo de Hogwarts, como é e a que serve. A autora, que apresenta alguns trabalhos sobre a temática Harry Potter terá grande contribuição para a escrita deste material apresentado á qualificação e ao que será apresentado para a defesa da dissertação.

Gostaria de destacar aqui também, outros trabalhos encontrados em pesquisas fora de bancos de dados oficiais que também contribuirão de forma importante na escrita deste. Para iniciar, o trabalho Hogwarts: (Re) pensando a escola a partir de Harry Potter de Marta Campos de Quadros, que investiga o fenômeno literário a partir dos estudos da Pedagogia Cultural. Destaca-se também, o trabalho de Maria Carolina da Silva e Marlucy Alves Paraíso, O currículo de Harry Potter: representações de escola e currículo na literatura infanto-juvenil, investiga quais modalidades de currículo estão sendo divulgadas neste artefato cultural que é a saga literária de Harry Potter. Este trabalho nos ajudará a pensar especialmente nas análises futuras e mais profundas sobre currículo.

Dando continuidade ao levantamento para o estado da arte, estarão aqui, os destaques encontrados ao realizar a busca pela palavra-chave Ensino de História. Busca esta que se tornou mais difícil que a primeira, visto que, a quantidade de resultados se mostrou muito maior, necessitando de maior atenção e filtragem dos resultados obtidos.

Foram utilizados para a busca em questão, seis grandes bancos de dados: Catálogos de Teses & Dissertações-CAPES, Biblioteca Digital brasileira de teses e dissertações, Domínio Público, SCIELO, ARGO - Sistema de Administração de bibliotecas e Portal de Periódicos CAPES/MEC. Destes bancos, foram obtidos trinta e um (31) resultados relevantes, porém,

alguns trabalhos se repetem entre os variados locais de busca, o que mais uma vez eleva um pouco o número de resultados.

Isso ocorre porque as pesquisas em Ensino de História trazem temas variados, mas grande parte das contribuições desta área são relativas à lei Nº 10.639 (consequentemente a lei Nº 11.645), que torna obrigatório o ensino da história da África e dos povos escravizados que, no Brasil, fizeram parte da formação do povo brasileiro. Neste seguimento temático, há diversas sugestões de materiais, propostas pedagógicas que buscam a valorização da cultura negra de forma geral e, com isso, movimentam os números de teses, dissertações e artigos em Ensino de História.

Grande parte dos trabalhos encontrados que poderiam ser mais próximos, aqueles que relacionam o uso de Literatura ou de livros no Ensino da História trazem geralmente análises com propostas muito diferentes das aqui sinalizadas, apresentando os livros como fontes da mentalidade das épocas contemporâneas à escrita e utilizando de estudos de casos com obras como os livros de Machado de Assis sendo utilizados como fontes históricas.

Entretanto, gostaria de destacar o trabalho de Lucialine Viana, denominado “Fontes literárias e a construção de saberes históricos - uma proposta didático-pedagógica no Ensino de História” que contribui muito para o debate sobre o uso de literatura como aliado ao ensino da História.

Outras informações sobre os trabalhos destacados acima, relacionados às palavras-chave Ensino de História e Harry Potter serão encontradas nos apêndices anexos ao final deste. Entretanto, este levantamento bibliográfico mostrou como ainda se faz necessária a exploração de temas outros no Ensino de História, especialmente no que diz respeito à literatura fantástica. A saga Harry Potter é só uma das muitas possibilidades advindas deste campo.

No próximo capítulo, a segunda parte desta dissertação, denominado, “Encontros teóricos- metodológicos”, trilhamos os caminhos teóricos e metodológicos que nos auxiliaram na análise desta saga literária, sob esse olhar, de certa forma, pioneiro, pensando nas questões válidas ao Ensino de História e a Educação, campos norteadores deste estudo, apontando os autores os quais contribuirão para a reflexão e análise da obra em questão (a saga literária) e que propiciaram os apontamentos que serão expostos ao longo deste.

### 3 ENCONTROS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

No Brasil e no mundo, **a saga do menino que sobreviveu** se tornou fenômeno desde sua criação há vinte anos até a atualidade, onde ainda movimentava uma legião de fãs. Esse poder de movimentar multidões torna a saga centro de diversas discussões, sejam elas acadêmicas, jornalísticas, pedagógicas e etc. Aliás, a temática Harry Potter vem ganhando espaço nas pesquisas do campo das linguagens, especialmente no que trata dos Estudos Literários, pesquisando esta saga como formadora do gosto literário e na defesa da ideia de que este alcance já comprovado deve ser aproveitado para a criação de novas estratégias:

Poderíamos, como na forma pensada por Fischer, investigar as causas da síndrome Harry Potter em vários aspectos da obra de J. K. Rowling: o universo mágico, a temática humana, o herói que se desenvolve ao lado do leitor, o misto de aventura, suspense e fantasia, a caricatura social escondida no mundo bruxo, à campanha de marketing, a passagem para o cinema, à transformação em produto, a leitura palimpséstica e envolvente, a divisão em sete livros, enfim, poderíamos procurar as razões desse fenômeno sob várias óticas – a psicológica, sociológica, cultural, imanente, etc. (PELISOLI, 2006, p. 23).

Em 2011, por exemplo, a prefeitura do Rio de Janeiro criou a campanha “Leitura nas Férias” e distribuiu um kit com os dois primeiros livros da série, Harry Potter e a Pedra Filosofal e Harry Potter e a Câmara Secreta, para os alunos do 9º ano do Ensino fundamental, visando complementar seus acervos particulares e estimular o gosto pela leitura nos alunos da rede. Inúmeras escolas têm utilizado o universo de Harry Potter em propostas interdisciplinares dentro de seus currículos. Em uma rápida busca na internet, é possível encontrar projetos de física, química, literatura entre outras disciplinas.

Universidades, inclusive, têm utilizado a saga em suas estratégias educacionais, sendo um bom exemplo desta utilização a disciplina de ciência política da Faculdade de Babson, em Massachussets, EUA, onde o professor Stephen Deets propõe a seus alunos reflexões sobre as temáticas da ciência política clássica tendo como ponto de partida a narrativa de Rowling, a partir de trechos previamente selecionados. Uma das principais justificativas de seu trabalho, inclusive de um de seus artigos como o “*Wizards in the Classroom: Teaching Harry Potter and Politics*” (em uma tradução livre “A bruxaria na sala de aula: ensinando Harry Potter e política”), é que a saga é sucesso inegável na literatura mundial e que por tal motivo, tenha atingido diferentes públicos, entre grupos geracionais,

origens poderes aquisitivos variados<sup>22</sup>. No Brasil, a Universidade de Campinas (Unicamp), uma das mais renomadas do país, ofereceu no segundo semestre de 2017 um curso denominado “Harry Potter: História, cultura e relações de gênero no mundo mágico de J. K. Rowling”<sup>23</sup> para um programa voltado para o público da meia e a terceira idade, que recebe o nome de “UniversIDADE”.

A saga, apesar de ser uma série infanto-juvenil de literatura fantástica já protagoniza inúmeras produções acadêmicas, em diferentes áreas do conhecimento, devido ao grande alcance e sucesso, o que chama atenção de pesquisadores interessados em desvendar este fenômeno, seja como sucesso literário ou como instrumento importante para a aproximação de jovens com a literatura, dentre muitos outros temas. Isso fica evidente neste trecho do artigo de Maria Lúcia Castagna Wortmann (2011), em que a autora descreve esse movimento de expansão da saga em suas variadas formas:

Além desses, propagam-se nos espaços da *web* numerosos *sites*, *chats*, *fóruns*, *blogs*, *fanfictions*, *fanvídeos*, bem como em outros espaços da *Internet*, nos quais os jovens leitores e leitoras, identificados com os heróis e heroínas das histórias sobre *Potter*, se reúnem para cultuar ícones e símbolos nelas instituídos e até para dar prosseguimento e recriar as histórias. Mas há, também, inúmeros trabalhos acadêmicos e artigos escritos por investigadores/as que atuam em diferentes campos (psicólogos/as, filósofos/as, educadores/as, críticos/as literários/as, analistas culturais, e escritores/as) entre ‘os quais estão Harold Bloom (2000) Ana Maria Machado (2001), David Colbert (2002), Isabelle Smadja (2004), David Bagget, Shawn Klein, William Irwin (2002), Sissa Jacoby & Miguel Rettenmeier (2005), Tom Morris (2006), Andrew Blake (2006), Roger Highfield (2007), além de articulistas de jornais e revistas, entre outros, que se ocupam ora com indicar “as razões do sucesso” das histórias, ora com discutir a sua validade para o contexto brasileiro e outros contextos, ora, ainda, com analisar a dimensão mágica e apontar os efeitos maléficis de tal literatura e filmes sobre os/as jovens. (WORTMANN, 2011, p. 164).

Ao listar estes inúmeros pesquisadores e outros intelectuais interessados no fenômeno Harry Potter, Wortmann ilustra como esse alcance peculiar chamou a atenção de tantos campos e suas inúmeras possibilidades de análise. A própria autora, faz parte desta gama de interessados em desvendar os aspectos da narrativa.

Neste artigo, nomeado “O currículo na literatura infanto-juvenil: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter”, a autora fomenta uma discussão sobre o currículo escolar existente na saga Harry Potter, na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, apontando diversas contribuições de outras áreas e autores de diversos locais do mundo que

---

<sup>22</sup> Leia mais em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/07/11/Como-Harry-Potter-pode-ser-usado-para-ensinar-ci%C3%A2ncia-pol%C3%ADtica>

<sup>23</sup> Leia mais em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/07/20/unicamp-tera-curso-gratis-sobre-harry-potter-para-pessoas-acima-de-50-anos.htm>

debatem a temática Harry Potter, se utilizando das teorizações atuais sobre currículo para fundamentar seu trabalho e apresentar a discussão sobre o campo do currículo partindo dos subsídios que a saga Harry Potter oferece, ainda que acidentalmente.

Wortmann dedicou-se, inclusive, a ampliar as discussões na temática Harry Potter, produzindo outros artigos com parcerias, abordando temas como ciência e tecnologia, no artigo “Harry Potter: magia, ciência, tecnologia articuladas na literatura para a produção de uma infância/adolescência ciborgue?”, em 2004, produzido em conjunto com Abel Zoppas e Caroline Todeschini, no qual examinam “as representações de magia, tecnologia e ciência, em uma abordagem construcionista cultural” (p. 217).

O trabalho de Kátia Tarricone (2003), denominado “A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter. ”, buscou inicialmente entender como a escola tem sido retratada na literatura contemporânea, visto que há tantos movimentos para a reformulação do ambiente escolar, tornando-o um local mais dinâmico e até mesmo divertido. Utilizando como objeto a saga Harry Potter, mais especificamente a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, percebeu que a mesma é retratada como um lugar triste, conservador, com professores sisudos, em um ambiente desprovido desta alegria e dinâmica defendida por teorias mais modernas de educação.

Após a fase documental de sua pesquisa, Tarricone (2003) realizou entrevistas com jovens de 11 a 15 anos, leitores de Harry Potter, que responderam questionários sobre sua trajetória escolar e, posteriormente, responderam também como seria a escola de seus sonhos e, eram levados a comparar esta expectativa com o que acontece em Hogwarts. Foi constatado que, Hogwarts não difere da escola que a experiência destes alunos conhece. O que a torna uma escola conservadora e tão similar as que conhecemos. Porém, é exatamente este motivo que causa tamanha identificação entre nossos jovens e os personagens da trama.

Esta característica, muito peculiar do enredo elaborado por J.K. Rowling, que traz similaridade com o mundo real e contemporâneo, promove, mesmo sem que haja intenção, a construção de um imaginário do que é escola e ensino:

Cabe então reafirmar que nas histórias sobre Potter, a que tantos/as têm tido acesso em diferentes formatos, estão destacadas de modo fluido, difuso, atraente e agradável algumas peculiares representações de sistemas e currículos escolares. Isso igualmente justifica o interesse em destacar, neste texto, que essa literatura funciona como um aparato de inscrição, no qual as representações de escola e de currículo não estão presentes de um modo inócuo, mas operando nos processos de construção cultural de significações para essas instituições sociais e na produção de compreensões que os/as leitores/as passam a (re) compor sobre elas, ao confrontarem-se com a

reafirmação de estereótipos que circulam de forma insistente também em outras instâncias da cultura. (WORTMANN, 2011 p.172).

A reflexão apontada pela autora reforça a teoria que sustenta de que nesta difusão de significados há uma produção de construções culturais, em que os leitores reforçam ou criam olhares sobre aspectos que permeiam seu dia a dia. Para a dissertação que apresento, cabe pensar que essa construção cultural também habita o ambiente da sala de aula, nas aulas de História e pode a ressignificar a partir dessas representações.

Já o artigo “O Currículo de *Harry Potter*: representações de escola e currículo na literatura infanto-juvenil”, de 2012, de autoria de Maria Carolina da Silva e Marlucy Alves Paraíso, por sua vez, é norteado à teoria pós-estruturalista dos estudos culturais e também aponta para a importância do olhar dos educadores sobre a história do bruxinho:

Com base na vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, considera-se que as representações presentes na série de livros não são o reflexo de uma realidade pré-existente. Pelo contrário, elas criam as realidades que estão, aparentemente, apresentando, pois ao fazerem circular significados específicos, elas transmitem também “formas de compreender o mundo social, de torná-lo inteligível” (SILVA, 1999, p. 17). Assim, o modelo de escola e de currículo apresentado em *Harry Potter* divulga significados que podem funcionar como verdade. Esses significados podem servir, por exemplo, como parâmetro para avaliação de “escolas reais”, já que grande parte do conhecimento que se tem sobre as relações intra-escolares e o currículo, “é criado por construções da cultura popular exibida pela mídia” (DALTON, 1996, p. 98). (SILVA; PARAISO, 2012, p. 102).

Nesse aspecto, Silva e Paraíso, apresentam inclusive preocupação com a difusão destes significados, observando que, podem vir a ser novos parâmetros para as escolas do mundo contemporâneo. Questão esta que vale a reflexão: afinal, se para os jovens leitores a Escola de Magia apresentada na saga parece um local interessante e para onde todos desejam ir, o que há nela que não há nas escolas contemporâneas e que afasta o interesse desses mesmos leitores?

A escola, cenário principal da saga, é apresentada não só como local de escolarização, de difusão de informações, mas sim um local de formação para jovens bruxos, onde eles poderão ampliar e conhecer seus poderes, os preparando para a vida adulta na sociedade bruxa, conscientizando-os de suas regras e de tudo o que se faz necessário para ser um grande bruxo, cabendo à escola a responsabilidade formativa destes futuros cidadãos:

A escola tem um importante papel na vida dos personagens configurados como possuidores de aptidões/talentos mágicos nas histórias narradas por

Rowling. Como está indicado nestes livros, é indispensável cursar a tradicional e antiga<sup>14</sup> *Escola de Magia e Bruxaria Hogwarts*, uma escola seriada, mista, em regime de internato em tempo integral, na qual os/as alunos/as devem permanecer sete anos para tornarem-se bruxos/as competentes na Grã-bretanha<sup>15</sup>. O ingresso nessa escola ocorre aos 11 anos, dispondo os magos que a gerenciam de um perfeito registro de bruxos/as potenciais, pois as cartas de recrutamento dos/as alunos/as, entregues por corujas-correios, localizam os/as bruxos/as talentosos/as, onde esses/as estejam. (WORTMANN, 2011 p. 165).

Essa concepção, entretanto, não se distancia muito do imaginário que muito ainda permeia as nossas escolas contemporâneas e não ficcionais que, embora extremamente diferentes de Hogwarts, seu castelo e suas características mágicas, possuem inúmeras semelhanças quanto ao cunho ideológico, funcional e comportamental. Silva e Paraíso (2012) chamam atenção para semelhanças estruturais:

Assim, situar a história na escola, onde esse público passa grande parte de seu dia, cria uma identificação com a história, pois apesar de pequenas diferenças (como a presença dos fantasmas, as escadas que se movem ou os retratos nos quadros das paredes que se visitam) a maior parte dos elementos presentes naquela escola (a estrutura das aulas, o quadro-negro, o livro didático, a segmentação dos conteúdos, o corpo docente) assemelha-se aqueles existentes nas instituições escolares atuais. (SILVA; PARAISO, 2012, p. 104).

A escola assume um lugar de formadora das mentes e dos sujeitos bruxos, tendo a família papel secundário neste processo, pois esperam da escola a realização deste papel. A escola é, então, um espaço de valor cultural para essa sociedade e, assim, a escrita de J. K. Rowling apresenta uma valoração cultural deste espaço político e social, mesmo sendo um lugar que existe na ficção:

Antigamente quando eu era novo  
E Hogwarts apenas alvorecia  
Os criadores de nossa nobre escola  
Pensavam que jamais iriam se separar:  
Unidos por um objeto comum,  
Acalentavam o mesmo desejo,  
Ter a melhor escola de magia do mundo  
E transmitir seus conhecimentos.  
“Juntos construiremos e ensinaremos!”  
(HP5, ANO. p. X)

Estes trechos marcam este valor dado à escola, e o Chapéu Seletor<sup>24</sup> é um dos principais instrumentos responsáveis por divulgar esses valores e ideais, e por tal, ao iniciar dos anos letivos ele compõe uma canção que explicita a História de Hogwarts, seus fundadores e as preferências de cada um, enfatizando a tradição da escola, a importância das casas (Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa e Corvinal) e o papel milenar de difusão de conhecimentos.

A similaridade em evidência entre o cotidiano escolar descrito em Harry Potter e o encontrado nas escolas de nosso mundo contemporâneo é uma das características que atrai tantos leitores de diversas idades e realidades, pois eles encontram nos personagens emoções e ações similares, advindas dos impulsos e descobertas da juventude e suas relações com o mundo e sobre isso muito se fala, escreve e teoriza:

[...] a trama que dá vida ao jovem bruxo tem sido, muitas vezes, classificada como arte para crianças e adolescentes, a partir da impressão de eu tema que, de fato, aborda questões frequentemente relacionadas ao processo de desenvolvimento da pré-adolescência à condição adulta, como descobertas, medos, amores, amizade, sexualidade, entre outras, ou a partir do formato da narrativa, heroica, pouco rebuscada e propensa a clichês. (VALIM, 2014 p. 204).

O autor ressalta, porém, que apesar de aspectos clichês, a narrativa está longe de ser uma história de menor valor e de leitura empobrecida e que na verdade, contribuem com reflexões importantes sobre a juventude, a formação do indivíduo, a preparação para a vida adulta e a formação de valores positivos, dentre eles, respeito, união e amizade.

Entendo estas contribuições inúmeras que a série criada por Rowling pode oferecer, Brandão (2011), em seu artigo “Harry Potter: imagens de um mundo paralelo na sala de aula?”, chama atenção para fato de que a comunidade escolar muito perdeu quando não olhou para a saga com um olhar visionário, percebendo uma gama de oportunidades para entender o enredo de Harry Potter como disparador para temáticas tão comuns em sala de aula.

A antipatia em relação a Harry Potter provém do fato de que muitos educadores, independente de seus motivos, não puderam (ou não quiseram?) vislumbrar oportunidades para, a partir de sua leitura (se ela houve, é evidente) levantarem-se possíveis pontos que poderiam ser abordados em sala de aula. Isso se deveu à manutenção, em muitos aspectos, de critérios preconceituosos, que não deveriam mais coadunar com um moderno espírito pedagógico, cuja meta deveria ser a busca por interdisciplinaridade, bem

como a criticidade antes de se fazer uma análise pouco profunda de um possível objeto de estudo. (BRANDÃO, 2011, p. 130).

A realidade descrita por Brandão fica evidente quando ampliamos o olhar e percebemos que a autora J.K.Rowling, na saga Harry Potter, mesmo que tenha trazido ao público uma história sobre fantástica de um jovem bruxo, nas linhas de seu texto trouxe tantas questões e aspectos que fazem parte da cultura escolar e que nesta gama de temáticas há muito a ser explorado, pesquisado e utilizado enquanto estratégia para reflexão e prática. Essa antipatia como bem sinaliza a autora se torna prejudicial e deixa de render bons frutos às reflexões educacionais.

O fato de que grande parte da história dos livros se passa na escola torna essa série de livros um importante objeto para análise educacional, uma vez que esse artefato está contribuindo para divulgar sentidos a respeito do que seja a instituição escolar. Esses livros – que circulam em nível mundial – falam sobre a escola, ensinam o que ela é, avaliam os métodos de ensino, apresentam modelos de professores/as e de currículos escolares. Eles divulgam representações da instituição escolar e do currículo. (SILVA; PARAÍSO, 2012, p. 102).

Entre as variadas possibilidades, há analisar as atividades de casa proposta pelos professores da escola e com isso, tecer análises comparativas com os tipos de atividades que são propostas nas escolas contemporâneas, o quanto elas são funcionais e auxiliam verdadeiramente na aprendizagem dos alunos. A dinâmica da seleção de livros a serem utilizados no ano corrente, a lista de material e a representação que ela traz, de um iniciar de um novo ano letivo, o uso dos livros didáticos em sala e em casa, a relação entre os alunos e eles.

O uso dos uniformes e as concepções sobre essa utilização ao longo dos séculos. No fim das contas, para que utilizamo-los? Será mesmo que diminuem as diferenças sociais como muitos argumentam? Na saga, por exemplo, vemos o caso de Rony Wesley utilizando as vestes e livros usados antes pelos irmãos mais velhos, ao passo que muitos outros utilizam vestes e livros novas, evidenciando a situação financeira, com as especificidades de uma família grande com renda baixa e o lugar não aristocrata de sua família na sociedade bruxa. Ainda que, em Hogwarts não haja diferenciação por parte da escola entre alunos mais abastados ou não, essas marcas perpassam as relações de uma forma ou de outra.

A valorização do esporte e dos alunos esportistas, prática muito associada às escolas norte-americanas, mas também encontrada em escolas contemporâneas de outros países, e que na saga tem o Quadribol como esporte principal, via de ascensão social, não em questões

financeiras, mas enquanto prestígio entre os alunos de sua casa e dos demais da escola. Todos estes temas, nos munem de possibilidades e apontam similaridades nos aspectos referentes à cultura escolar :

É interessante apontar como estes livros lidam com a estruturação da sociedade. Tanto a sociedade dos bruxos, quanto a dos trouxas podem ser vistas como equivalentes. Assim, por exemplo, a sociedade dos “bruxos” compreende escolas nas quais os sujeitos aprendem magia, estando essas subordinadas a um Ministério da Magia o qual também legisla sobre o comportamento dos “bruxos” ; além disso, os ritos, as práticas, bem como a hierarquização procedida na Escola da Magia, repetem “modelos” assumidos em nossas escolas contemporaneamente. Há, por exemplo, listas de livros que devem ser adquiridos em livrarias autorizadas com títulos como Transfiguração para o Curso Médio e O livro padrão de feitiços, 3ª série para o acompanhamento das aulas. Pode-se pensar que esses modelos, ao serem colocados em destaque para caracterizar modos de viver de sujeitos “diferentes”, misteriosos e usualmente configurados como dotados de poderes inusitados, são, dessa forma, mais uma vez legitimados. Como indicamos, inicialmente, opera-se, nessa direção, a naturalização de tais procedimentos e práticas – a sociedade dos “bruxos” repete a sociedade dos “trouxas”, não apresentando peculiaridades estruturais, mas, apenas, focos específicos de ação diferenciados. (ZOPPAS; TODESCHINI; WORTMANN, 2004 p. 222-223).

Estes pontos elencados acima podem tornar-se grandes investigações acadêmicas e demais formas de ação. No caso da pesquisa apresentada nesta dissertação, o foco principal é apontar as semelhanças deste universo fantástico, em seus aspectos culturais que sejam comuns a escola ficcional que se apresenta na saga e as escolas contemporâneas existentes no sistema capitalista em voga. Contribuo então, apontando outros nortes para pesquisadores interessados em entrelaçar estas temáticas tão fascinantes quando a Educação e Harry Potter.

Para além das questões educacionais, há um número crescente de trabalhos buscando contemplar diversos temas e áreas do conhecimento relacionando-se com a obra literária de J.K.Rowling como cito o exemplo de Souza e Menequini (2012), denominado “Da magia para a biologia – possibilidades da série Harry Potter para o ensino de genética” e os autores justificam está escolha:

São poucos os jovens e crianças hoje em dia que não tenham tido um mínimo contato com a história do pequeno órfão com uma cicatriz em forma de raio na testa, que ao descobrir que é bruxo, passa a conhecer um mundo fantástico e mágico, ao qual pertence, um mundo onde as aventuras se mesclam a uma realidade quase palpável. Toda uma geração cresceu acompanhando a publicação das histórias, o desenvolvimento de personagens que enfrentavam os desafios da adolescência e cursavam a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Essa foi à referência de muitos

jovens ao ler Harry Potter: valores de amizade, esforço, justiça e igualdade são algumas das razões que mobilizam o desenvolvimento desta pesquisa. Mas a maior Magia de Harry Potter – e porque não dizer de Rowling? - na verdade foi abrir os olhos de toda uma geração de crianças e jovens para o gosto pela leitura e o desejo de aprender cada vez mais (BLAKE, 2002). E estas foram experiências pelas quais passaram os dois autores que redigem este texto. (SOUZA; MENEQUINI, 2012, p. 9).

Está pesquisa chama atenção por conseguir tratar de um tema extremamente oposto a temática do livro, que de maneira alguma está evidente, de uma maneira mais leve e utilizando as próprias divisões da sociedade bruxa para analisar comparativamente e utilizar-se de exemplos da saga para exemplificar e/ou classificar usando conceitos reais e previamente existentes na área científica em questão, a biologia. A existência desta pesquisa nos auxilia a ampliar os olhares, reafirmando o campo tão rico que se tornou a narrativa em questão.

Atentar ao alcance que a saga criada por J.K. Rowling tem sobre os jovens e as possibilidades que nascem a partir deste, pode trazer grandes contribuições para a educação, em diferentes áreas de atuação, tanto para as pesquisas acadêmicas quanto para o trabalho pedagógico, o “corpo a corpo” da área, ajudando a pensar o Ensino de História que se pratica nas escolas contemporâneas:

Uma série de significados culturais podem ser extraídos dessa narrativa. Podemos pensar que os livros estão fazendo circular o sentido de que currículos elaborados em outras instâncias não podem obter sucesso nas escolas. Eles podem estar incentivando práticas diferentes daquelas demandadas pelas instâncias governamentais. Por meio da ironia e de forma prazerosa, Harry Potter estaria divulgando sentidos semelhantes àqueles propostos na teoria curricular, que demonstra o caráter centralizador e autoritário dos currículos únicos (cf. APLLE, 1994). Nesses dois espaços, os/as professoras são apresentados/as como capazes de resistir a essas mudanças. Os livros parecem estar divulgando aí sentidos sobre como deve ser a prática docente. Talvez esses sentidos possam atuar na fabricação identidades docentes e discentes específicas. (SILVA; PARAÍSO, 2012, p. 114).

J. K. Rowling em seu trabalho tece uma história que é permeada por questões do cotidiano contemporâneo dos jovens e adultos em todo mundo. A escola é uma experiência que quase a totalidade da população experiencia. E nessa perspectiva a autora constrói um herói que habita sua experiência de vida, mas também está no cotidiano dos sujeitos contemporâneos ocidentais.

Essa concepção do necessário deslocamento presente no ato de trabalhar uma linguagem estando fora dela remete àquilo que Bakhtin chama, em seu

ensaio sobre o autor e o herói, de *princípio esteticamente criativo na relação autor/herói*, qual seja, o princípio da exterioridade: é preciso estar fora, e preciso olhar de fora; é preciso *um excedente de visão e conhecimento* para poder consumir o herói e seu mundo esteticamente. (FARACO, 2009, p. 93).

Observamos um deslocamento e um diálogo com seu público leitor, J. K. Rowling aponta o exótico e distinto do mundo bruxo, e é nesses momentos que as diferenças que tornam a narrativa para além de ficcional, uma narrativa ficcional e fantástica<sup>25</sup>:

– Bruxos têm bancos?  
– Só este. Gringotes. É administrado por duendes.  
Harry deixou cair o pedaço de salsicha que tinha na mão.  
– Duendes?  
– É, é por isso que só um louco tentaria roubar o banco, é o que lhe digo. Nunca se meta com duendes, Harry. Gringotes é o lugar mais seguro do mundo para qualquer coisa que você queira guardar bem, com exceção de Hogwarts, talvez. Aliás, preciso mesmo ir a Gringotes...  
(HP1, 2000, p. 58-59).

Apesar de agências bancárias serem presentes em nosso cotidiano, fica logo evidente que não se trata de uma agência comum, afinal, não vamos a bancos administrados por duendes, onde há dragões guardando os cofres de segurança (HP1, 2000 p. 59) que se encontram a quilômetros de profundidade do solo. Mas na narrativa sim, se apresentando como o que é exótico, único do lugar da fantasia, característica do mundo bruxo.

Também faz uso de elementos nossos e cotidianos para essa estética narrativa, dando o tom de similaridade que muito é apontado em variadas análises. Como por exemplo, as normas de conduta da escola, o uso de livros didáticos, a realização de atividades em aula e as reservadas ao tempo livre (as que chamamos de atividades para casa), o uso dos uniformes entre outros. Coisas comuns aos bruxos e aos trouxas. Na verdade, aspectos comuns que tiveram acesso ao processo de escolarização no mundo contemporâneo o que torna ainda mais amplo o alcance da narrativa.

A estética que é tecida entre real e comum, o exótico e extraordinário faz uma jogo de encantamento “o princípio esteticamente criativo” que encantou e encanta seus leitores. Essa aproximação do mundo real e do fantástico. Desta forma “...todo ato cultural se move numa atmosfera axiológica intensa de interdeterminações responsivas, isto é, em tudo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas...” (FARACO, 2009, p. 90).

---

<sup>25</sup> Neste contexto, fantástica diz respeito aquilo que é proveniente da fantasia.

Para nos auxiliar a pensar em todas estas questões, houve a opção de forma metodológica, por uma leitura esmiuçadora e investigativa dos sete livros componentes da saga. Esta pesquisa, de cunho documental, se baseou principalmente em dois diálogos metodológicos: em primeiro lugar, o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg e, as pesquisas das ciências humanas em um diálogo com a filosofia da linguagem através dos estudos do Círculo de Bakhtin, perpassando conceito de *cronotopo* e suas possibilidades.

Estas foram às direções escolhidas para nos auxiliar nas trilhas deste trabalho, passo a passo em busca de algumas das contribuições trazidas por reflexões feitas com base na saga literária escrita por Rowling. Sendo assim, a seguir, estas duas contribuições metodológicas serão explicitadas, deixando claro, os parâmetros norteadores destas reflexões.

### **3.1 As contribuições de Bakhtin**

O cenário que compõe a saga está relacionado diretamente aos usos da palavra e suas relações sujeito e sujeito e/ou sujeito e objeto, assim percebemos a palavra como múltipla, polissêmica e intersubjetiva, uma “realidade [...] opaca, [onde] existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). O espaço da história ensinada, história e memória na série Harry Potter está, nesse caminho, em uma “arena discursiva”, em uma “arena de luta”, em que se perspectiva de passado, memória e o valor que a história, perpassado por questões culturais e ideológicas e assim produtor de sentidos múltiplos, ambivalentes e híbridos sobre as questões propostas.

A Saga Harry Potter está imersa em um processo cultural e ideológico que é construído esteticamente em diálogo com a realidade material que constitui a sociedade, neste sentido o enredo possui marcas ideológicas. É importante apresentar que concebo a ideologia em diálogo com Bakhtin:

Com o termo “ideologia” Bakhtin indica as diferentes formas de cultura, os sistemas superestruturais, como a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc. (a ideologia oficial), e também os diferentes substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a “ideologia oficial” aos “ideologia não oficial”, aos substratos do inconsciente, do discurso censurado. [...] A ideologia é a expressão das relações histórico-materiais dos homens, as “expressa” não significa somente interpretação ou representação, também significa organização desta relação (PONZIO, 2008, p. 112-113).

A autora narra à escola e suas diversas relações sociais, políticas, culturais e de poder. Ao dialoga com a escola real e temporalmente fixada – podemos extrapolar a escola inglesa de sua experiência seja de seu passado ou de sua presença na escrita. Nesse sentido, ela apresenta uma escola imersa em uma ideologia. Os aspectos fantásticos também se estabelecem por critérios ideológicos de suas relações histórico-material.

Nessa direção podemos lembrar a questão dos trouxas, aqueles que não possuem magia e a relação de estranhamento e muitas vezes desprezo dos bruxos (principalmente os que hipervalorizam a questão do sangue puro) com os diferentes. Esta relação, historicamente, é conturbada, e muitas das regras da sociedade bruxa são em função da descrição necessária para que eles não sejam expostos e ameaçados.

Inclusive, esse foi um dos aspectos atacados pelo vilão Lord Voldemort em seu momento de ascensão (a época resultante à morte dos pais de Harry), onde ele não teve pudor em exibir seu poder para todos, de forma que não fosse segredo para os trouxas, expondo a outros riscos o mundo mágico.

Para entender estas questões tão amplas e relativas a tantos espaços tempos, buscamos o apoio de Bakhtin mais uma vez, para compreender esta dinâmica que tanto permeia os escritos de Rowling.

Em seus estudos literários, Bakhtin (1988) define o conceito *cronotopo*, ao entender que todo contexto possui um tipo de *tempo* e *espaço* que atua dentro dele, e que “Trata-se de uma ligação particular do homem e de todas as suas ações e peripécias com o mundo espaço-temporal” (Bakhtin 1988, p. 282). Compreendendo a existência de múltiplos cronotopos, é possível descobrir que estes “podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas.” (Bakhtin 1988, p. 357), formando então as relações que chamaremos de dialógicas.

... o dialogismo é o princípio fundamental do funcionamento da linguagem, é o movimento através do qual os enunciados são incorporados e através do qual são feitas as escolhas enunciativas no tempo presente dentre aquelas disponibilizadas ao sujeito ao longo de sua vida nos contatos interativos com que se nos deparam diferentes contextos sociais. (MORSON; EMERSON, 1990, p. 122).

Estas relações são um marco de importância para o Círculo Bakhtiniano, já que as relações dialógicas que nele se manifestam apontam que todo discurso é a resposta a outro anterior, e, assim, vão sendo tecidos os diálogos, as relações dialógicas. “O locutor relaciona-

se, ao mesmo tempo, com o objeto da enunciação e com outros enunciados. Há uma busca implícita ou explícita por uma atitude responsiva do outro” (MOTTA, 2011, p. 161).

Para construir o conceito de *cronotopo*, o autor se apropriou das palavras gregas *crónos*, que significa tempo e *tópos* significa espaço, para investigar os diversos aspectos de tempo e de espaço presentes na literatura, começando pelo romance grego e outros, tais como: o idílico do romance, o de Rabelais, as biografias e autobiografias antigas, etc.

Ao adotar a perspectiva bakhtiniana, lembro que o conceito de “cronotopo artístico literário” foi introduzido em “Formas de tempo e o cronotopo no romance” para ressaltar a representação do tempo e do espaço em narrativas literárias. Bakhtin cunhou o termo “cronotopo” para referir-se a “cuidadosamente pensadas fusões de indicadores espaço-temporais que fazem o tempo artisticamente visível e o espaço aquele que responde pelos movimentos do tempo, enredo e história de uma narrativa...que variam de acordo com o contexto (1988, p. 84)”. Trata-se de construções expressivas centrais às representações sociais que sustentam ações e que trazem a fusão de ideias morais, sociais, psicológicas e ontológicas de um contexto, em determinada época. (OLIVEIRA, 2009, p. 278).

Ao imergir nas leituras bakhtinianas, ou seja, de autoria de Mikhail Bakhtin e de seus *seguidores*<sup>26</sup> acerca do conceito de cronotopo, é fácil notar que para além dos *cronotopos* previamente definidos e observados pelo autor em seus estudos, outros surgiram e estão surgindo ao longo do tempo:

Para Bakhtin, cronotopos constituem a realidade imediata, e as representações de diferentes atividades sociais presumem diferentes ritmos e organizações cronotópicas: a conversação doméstica, a sala de aula, o trabalho agrícola e o intercuro sexual são pautados por diferentes tempos e espaços. Por não serem “representações”, mas o que as faz surgir e as sustenta, ou melhor, por serem a forma específica de conceitualizar as possibilidades da ação, os cronotopos podem variar em resposta às necessidades decorrentes de cada contexto. Além disso, diferentes conceitos de tempo e espaço são possíveis porque estão também ligados à experiência subjetiva. (OLIVEIRA, 2009 p. 281).

A representação da realidade imediata e suas representações estão presentes a cada momento na saga. No livro 1 – Harry Potter e a Pedra Filosofal – podemos perceber a marca do rito de passagem e assim o tempo-espaço anunciado. Os onze anos de Harry Potter e a mudança de escola são o marco temporal explorado para a guinada na vida do herói, em que finalmente ele será mais que o Harry Potter com suas “roupas velhas e folgadas e óculos remendados”. (HP1, 2000, p. 31).

---

<sup>26</sup> Chamamos aqui de seguidores aqueles cujas pesquisas tem como base as teorias de Bakhtin e que a partir delas, façam novas contribuições para pensar as questões previamente apontadas pelo autor.

Este momento é marcado pelo diálogo com Hagrid<sup>27</sup> em uma ocasião de enfrentamento com os tios de Harry, que estavam impedindo a chegada das cartas convites de Hogwarts. Isto acontece justamente no dia do seu aniversário, em que Harry completa onze anos, idade marco da entrada de todos os bruxos em Hogwarts:

– Rúbeo – disse calmo –, acho que você dever ter cometido um engano. Acho que não Posso ser um bruxo.

– Não é bruxo, hein? Nunca fez nada acontecer quando estava apavorado ou zangado?

Harry olhou para o fogo pensando bem ... cada coisa estranha que deixara os seus tios furiosos tinha acontecido quando ele, Harry, estava perturbado ou com raiva... perseguido pela turma de Duda, pusera-se de repente fora de seu alcance... receoso de ir para a escola com aquele corte ridículo, conseguira fazer os cabelos crescerem de novo... e da última vez que Duda batera nele, não fora ser perceber que esta fazendo aquilo? Não mandara uma cobra atacá-lo?

Harry olhou para Hagrid, sorrindo, e viu ele ria abertamente para ele.

– Viu? – disse Hagrid – Harry Potter não é bruxo? Espere, você vai ser famoso em Hogwarts. (HP1, 2000, p. 49).

É neste momento que Harry tem o primeiro contato com o mundo ao qual pertence, mas que até então, se fazia desconhecido. E ali, faz-se um novo tempo, o iniciar de um ano letivo, em uma escola desconhecida, em um mundo desconhecido, do qual ele faz parte, é uma figura famosa, e até a chegada do gigante Hagrid, não tinha o mínimo conhecimento disto.

A história neste momento inicial da série situa o personagem em sua identidade e modifica sua compreensão sobre o mundo que o cerca. Conhecer o passado é conhecer a si mesmo, neste momento da intriga, Harry Potter apresenta fortemente nos quatro primeiros capítulos do livro “Harry Potter e a pedra filosofal” uma inadequação social que ele não compreende de fato. Sua carência de orientação no tempo e na história é angustiante, ao ser revelada sua história sua compreensão do mundo é reorientada (RÜSEN, 2001). (AZEVEDO, 2014, p. 11).

Em momento posterior é que o menino passa a realmente compreender muito do que viveu ao longo daqueles onze anos sob as escadas; o desprezo dos tios e do primo, a sensação de deslocamento e não pertencimento, os reais motivos de ser órfão e os acontecimentos não explicados já ocorridos com ele, tal como uma ida ao Zoológico onde, de maneira inimaginável, ele conversou com uma cobra e a ajudou a fugir inconscientemente, retirando o vidro de sua jaula e após a fuga do réptil, colocando o vidro no lugar, aprisionando seu primo no lugar antes habitado pela cobra.

---

<sup>27</sup> Personagem conhecido por ser o Guardião das Chaves de Hogwarts e um dos mais leais a Alvo Dumbledore, diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

Com a idade de um ano, Harry por alguma razão sobrevivera aos feitiços do maior bruxo das trevas de todos os tempos, Lorde Voldemort, cujo nome a maioria dos bruxos e bruxas ainda tinha medo de pronunciar. Os pais de Harry morreram ao serem atacados por Voldemort, mas o garoto escapara com a cicatriz em forma de raio e por alguma razão – ninguém entendia muito bem – os poderes de Voldemort tinham sido destruídos na hora em que não conseguira matá-lo. Assim, Harry fora criado pela irmã e o cunhado de sua falecida mãe. Passara dez anos com os Dursley, sem nunca compreender por que fazia coisas estranhas acontecerem o tempo todo sem querer, acreditando na história dos Dursley de que sua cicatriz resultara do acidente de automóvel que matara seus pais. Então, há exatamente um ano, Hogwarts escreveu a Harry, e a história toda fora revelada. O garoto ocupara sua vaga na escola de bruxaria, onde ele e sua cicatriz eram famosos... (HP2, 2000, p. 10 - 11).

Outro elemento marcante na saga é o cronotopo da viagem. A entrada no universo escolar se faz pela viagem de trem. O deslocamento no tempo-espaço que marca a sua ida para o lugar de se tornar bruxo. “A relação entre o cronotopos e o tema da obra é fundamental. Podemos verificar através do exemplo dado por Bakhtin como sendo o mais universal da literatura e da cultura geral, qual seja, o tema do encontro” (AMORIM, 2001, p. 223). O encontro entre os amigos que serão fundamentais na trajetória de toda a saga do herói se faz nesta alegoria do deslocamento. Harry Potter na viagem de ida encontra seus amigos e parceiros das futuras aventuras que serão vividas na escola.

Primeiro encontra Rony, com quem partilha risadas logo no primeiro contato e depois Hermione, com quem os dois tem um pequeno estranhamento de início, mas logo no começo da estadia em Hogwarts, os três se aproximam e passam a partilha das tantas novas descobertas juntos.

O descaminho possibilitado pelo encontro na estrada, neste caso, no trem que segue na estrada de ferro até a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e os encontros que acidentalmente ocorrem nesta viagem:

Na literatura, segundo ele (Bakhtin), o cronotopos mais difundido para o tema do encontro é a estrada. Na estrada, os encontros inesperados acontecem. Esses encontros colocam em jogo, justamente, a possibilidade de mudança ou de rumo, e nisto ressurde, a nosso ver, o aspecto mais interessante desse cronotopo. É que ele é o lugar por excelência de alteridade: o encontro com o outro traz em si a possibilidade de se desencaminhar. (AMORIM, 2001, p. 223).

Ao longo deste caminho, dentro do trem, Harry vivencia um novo mundo de descobertas, que começaram no embarque da estação não comum aos trouxas, à plataforma 9

¾, ao embarque no trem, no qual conhece seu primeiro amigo, Rony Wesley, e, com ele, começa a experimentar pequenos e simples prazeres do mundo bruxo, tal como comprar doces enfeitados, entre feijõezinhos de todas as cores e seus sabores exóticos, sapos de chocolate que pulam e podem até escapar das mãos de quem está comendo, figurinhas que se mexem e tantas outras pequenas alegrias mágicas e, principalmente, a alegria nunca antes sentida, de ter com quem compartilhar. Primeiro, por nunca ter tido um amigo. E depois, por nunca ter podido comprar algo para si próprio.

Mas ali, naquele novo caminho, naqueles encontros, ele começa a se redescobrir. E ainda durante a viagem, conhece Hermione, e com ela, começa a ter contato com outros encantamentos, como o momento em que com um feitiço ela conserta seus óculos que há tempos era remendado, marcas de uma vida inteira como o menino no porão dos tios Dursley.

Naquela estrada temos o marco de todo início de um novo ano, novos encontros e principalmente, novos desafios. Ao embarcar no trem, há a certeza de que grandes coisas estão por vir e a cada ano, a ida para Hogwarts vai ganhando mais expectativas, já que o perigo estava se aproximando.

O caminho nunca levou para o fácil, mas com toda certeza, os amigos o tornaram mais leve. De todas as lições que a narrativa transmite, a importância da amizade e da união talvez seja a maior delas.

### **3.2 O paradigma Indiciário e as categorias classificatórias: a análise dos indícios.**

No livro “Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história,” no ensaio “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” de 1989, Ginzburg explicita uma metodologia investigativa, relatando o passo a passo investigativo, tendo como exemplo métodos utilizados pelo personagem Sherlock Holmes na literatura, quanto à resolução de crimes, Morelli na arte, ao diferenciar uma obra original das cópias ao analisar detalhes minúsculos e Freud em seu método psicanalítico. Entre estes, encontrou similaridade nos modos de operar, e atribuiu a este fato a formação em medicina, entendendo que nesta ciência, é preciso investigar sinais, minúcias que apontarão o quadro clínico do paciente:

Nos três casos, o modelo da semiótica médica fundamentou à valorização dos pormenores. A medicina constitui uma ciência que se empenha exaustivamente no diagnóstico de doenças inacessíveis à observação direta. O médico elabora sua análise considerando sintomas que se manifestam de

forma imediata, porém não despreza os sintomas que se apresentam de forma indireta ou imperceptível. Sua visão anato-patologista construída na formação acadêmica valoriza os pormenores fisiológicos que embora pequenos ou aparentemente irrelevantes, podem revelar algo surpreendente. (COELHO, 2006, p. 26 - 27).

O movimento teórico-metodológico feito por Ginzburg faz menção às “gerações e gerações de caçadores enriqueceram e transmitiram esse patrimônio cognoscitivo” (GINZBURG, 1989 p.149), apontando para a nossa capacidade de recorrer aos pormenores de um texto, uma pintura, ou seja, daquilo que vem sendo investigado, visto que, “caçador teria sido o primeiro a narrar uma história porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (GINZBURG, 1989 p.152), e herdamos destes tais percepções. Para compreender melhor a formulação e o sentido do conceito de Paradigma Indiciário, podemos recorrer à excelente explicação de Rodrigues (2012) para definir e exemplificar esta proposta de metodologia:

[...] conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado no detalhe, nos dados marginais, nos resíduos tomados enquanto pistas, indícios, sinais, vestígios ou sintoma. O que poderia ser entendido por pistas, indícios ou sintomas? Os documentos oficiais, relatórios, decretos leis, fontes secundárias e voluntárias, ou seja, as fontes investigadas pelo pesquisador que, se submetidas à análise semiótica ou sintoma, pode revelar muito mais do que o testemunho tomado apenas como um dado. Entretanto, outras fontes podem e devem ajudar no trabalho de construção da narrativa histórica e da análise sociológica, trata-se das fontes involuntárias, isto é, aquelas que não foram convidadas a testemunhar. Identificadas por acaso, muitas vezes teimam, insistem e se intrometem na pesquisa. Nesse caso, o pesquisador deverá fazer uso de sua intuição e sensibilidade para arguí-las com criatividade e inteligência, e estar atento aos atos falhos, às metáforas, as metonímias e aos deslocamentos. (RODRIGUES, 2012, p. s/n).

O Paradigma, assim como explicado pela autora, se faz como um método centrado no detalhe, e neste trabalho, será chamado de indício. Estes indícios foram encontrados ao longo da leitura das obras da saga literária à qual se refere esta pesquisa. Os indícios serão, na verdade, trechos dos livros que englobam as temáticas propostas em nossos objetivos específicos, em suma, trechos que indiquem as concepções de ensino de história.

Os indícios colhidos nas páginas dos livros propiciam caminhos metodológicos, múltiplos olhares e perspectivas, para assim compreender como indiretamente a saga que é literária e ficcional pode se tornar objeto de estudo por, sem intenção primária, trazer à tona concepções sobre ensino e Ensino de História:

O paradigma indiciário nos mune de um instrumental metodológico que possibilita adensar a análise perspectivada da realidade complexa constituinte das múltiplas facetas da narrativa contida na série Harry Potter. A singularidade de cada indício nos proporcionará analisar este conjunto de indícios selecionados, assim constituindo o ensino de história, a história e a memória a partir dos procedimentos analíticos que empregaremos em nossas interpretações do campo de pesquisa – os sete livros da série Harry Potter. (AZEVEDO, 2014, p. 8).

Os indícios marcam cada momento, cada evento e cada aspecto peculiar possível de análise. Esses indícios marcam, também, as relações dialógicas que vão sendo tecidas na saga entre os personagens que a compõem, em acordo com o cenário no qual estão inseridos. Destes movimentos que foram explorados os sentidos de História e Ensino de História que impregnam a narrativa de Rowling.

Para analisar tal enredo, que se estende por sete obras literárias, foi necessário realizar uma leitura minuciosa dos sete livros componentes da mesma, buscando, na narrativa, pistas, sinais, indícios que sugerissem a existência de concepções de História, Ensino de História e usos desta mesma. A leitura atenta das aproximadas três páginas, levou ao afunilamento dos resultados, separando trechos dos livros que indicassem a presença das concepções relacionadas à História enquanto disciplina, em seu conteúdo, metodologia, formas de ser ensinada e enquanto História aprendida e com usos para a vida além dos pergaminhos e salões de Hogwarts:

Se considerarmos que a literatura constitui-se em importante fonte de disseminação de valores (SILVA, 2002), a análise desses materiais torna-se ainda relevante. Afinal, esses livros estão construindo discursos que acabam servindo de parâmetro para a avaliação da educação do mundo “real”. Sentidos múltiplos e variados são produzidos, articulando-se ou opondo-se a outros e passando a integrar a cultura juvenil. Louro (1997) discute que as representações de professores/as que circulavam em vários artefatos culturais no Brasil no início do século XX, mais do que apresentar modelos de docência, construíram, de fato, professoras. Nos tempos atuais, os produtos da mídia vêm divulgando discursos variados e, por vezes, contraditórios sobre o que seja ser um/a bom/boa professor/a, uma boa escola, um bom currículo. Investigá-los torna-se fundamental para compreendermos os diversos sentidos atribuídos à escola e à educação escolar nesse início de século XXI. (SILVA; PARAÍSO, 2012, p. 114).

Esta busca por pistas e indícios remete diretamente à narrativa Harry Potter, na trama que se torna pano de fundo dos últimos livros da saga, na qual Harry e seus amigos se aventuram na busca por objetos mágicos conhecidos como *Horcruxes*, que abrigam partes

fragmentadas da alma de Lord Voldemort, o vilão da saga, e destruí-las é a maneira de alcançá-lo, enfraquecer e o destruir também.

Curiosamente, esta busca se faz através de pistas, dados por menores e, com base em conhecimento histórico, muitas vezes, adquirido nas aulas de História da Magia, sendo assim, provenientes da História Ensinada, aquela que é ensinada nas escolas, após seleção intencional de conteúdos de maior ou menor relevância.

Tendo como base o paradigma indiciário, método investigativo, o caminho seguido foi o de percorrer as linhas escritas por J.K Rowling com a intenção de encontrar pistas que apontassem para as marcas do Ensino de História, para que assim fosse possível dissertar sobre as relações cronotópicas da escola e da sala de aula de História que se apresenta na saga, na forma de disciplina História da Magia, e como estes podem ser pontos de partida para pensar no Ensino de História na vida real, por meio destes encontros de similaridades e intencionalidades de espaço e tempo. Para tal, foram criadas três categorias classificatórias para abarcar os indícios previamente selecionados:

**1) Professor/aula;**

**2) Uso do livro didático/ atividades**

**3) Usos da História ensinada**

Estas três categorias tiveram como objetivo agrupar características comuns aos indícios, classificando-as para que a partir das análises surgidas, a partir deste movimento, pudessem indicar qual seria valor do ensino de história dentro da saga, como isso afetaria diretamente no entendimento do Ensino de História que temos contato hoje em nossas escolas. Para ilustrar melhor as categorias e quais os aspectos selecionados para alocar cada indício em uma determinada categoria, temos abaixo esta tabela:

<b>CATEGORIAS CLASSIFICATÓRIAS DOS INDÍCIOS</b>	
<b>Professor/ Aula</b>	Categoria que agrupou as referências ao trabalho do professor de História da Magia, o professor Cubbert Binns, sua metodologia de trabalho, sua postura

enquanto profissional e a dinâmica de suas aulas.	
<b>Uso do Livro Didático/ Atividades</b>	Categoria que engloba as referências à realização de atividades de aula, tarefas de casa e processos avaliativos da disciplina História da Magia e também o uso do livro didático eleito como apoio ao conteúdo programático da disciplina.
<b>Usos da História Ensinada</b>	Categoria que reúne referências comprovadoras dos usos da História ensinada, ou seja, conhecimentos que foram adquiridos durante as aulas, seja por intermédio da fala do professor ou pelo uso do livro didático e seu valor na vida fora do contexto escolar.

Os caminhos apontados por essas categorias classificatórias, que foram criadas a partir das pistas e dos pormenores encontrados ao longo do texto narrativo, moldaram a forma como as demais análises do trabalho foram sendo realizadas. No terceiro capítulo, os indícios encontrados serão apresentados e, um a um, comentados, formando parte do corpo do capítulo terceiro deste trabalho.

Com a categorização, tornou-se mais evidente os aspectos cabíveis ao Ensino de História que povoam a narrativa literária de Rowling, e assim, os aspectos culturais e políticos também se fizeram mais claros. Temos então, os aspectos referentes ao Professor, o modelo aula que ele comumente utiliza, os momentos de usos do livro didático e realização das atividades propostas e, por fim, os usos da História Ensinada. Todos estes, formados dentro das finalidades do espaço-tempo que é a aula de História da Magia, ministrada em Hogwarts. A seguir, veremos o diálogo teórico e metodológico com os indícios que a Saga proporcionou.

## **4 PROFESSOR, AULA, LIVROS E USOS: OS INDÍCIOS DO ENSINO DE HISTÓRIA EM HARRY POTTER.**

Nas escolas brasileiras contemporâneas, as questões envolvendo o Ensino da História ainda são um desafio. Muitas vezes, nos deparamos com as queixas dos professores, apontando para o desinteresse aparente dos alunos na disciplina, questionando na maior parte das vezes a função e aplicabilidade desta para a vida real e a considerando uma das matérias mais “chatas” do currículo obrigatório escolar.

Na academia, tem sido crescente o número de pesquisadores que se debruçam sobre essa questão tão complexa que é a Ensinar a História na Educação Básica. As perguntas feitas apontam para várias direções buscando responder: onde está o problema? Como a disciplina história pode se tornar mais interessante para os alunos? Onde se inicia o problema? Na formação dos professores? Os as questões estão mais relacionadas ao modelo de escola ou de aula?

Em contrapartida ao desinteresse dos alunos pela disciplina escolar História, as séries televisivas, novelas, filmes e livros que transitam nos tempos históricos, especialmente aqueles onde o imaginário tem maior alcance, tal como a era medieval, tem grande aceitação do público de forma geral, especialmente, entre os jovens. Cabe exemplificar citando a série de TV *Game of Thrones*, a franquia literária e cinematográfica *Senhor dos Anéis*, e muitos outros.

Esse fato aponta para a necessidade de novos olhares para o currículo de História e também é nessa perspectiva que há muitos professores e pesquisadores investindo nesses materiais de grande alcance como instrumentos de suas pesquisas e ofertas de novas metodologias. E é com este mesmo olhar que nesta pesquisa trato do Ensino de História na narrativa ficcional, uma das sagas de maior sucesso na literatura e no mercado cinematográfico.

### **4.1 Hogwarts: a escola de Magia e bruxaria.**

A Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, assim como as escolas do mundo contemporâneo, é parte de um todo: a sociedade bruxa. Por tal, é influenciada diretamente por acontecimentos ocorridos fora dos muros da escola. Todas as reformas no chamado Ministério da Magia impactam diretamente a escola, e isto é bastante evidenciado no quinto livro da

série, em que o Ministério elege inclusive uma representante para fazer valer suas demandas dentro da escola.

A existência de um Ministério da Magia é um detalhe curioso na saga, porque demonstra a escolha de J.K.Rowling de manter alguns elementos congruentes ou inspirados na sociedade contemporânea. Por exemplo, na Inglaterra o sistema de governo é parlamentarista onde o chefe de governo é chamado de primeiro-ministro e o chefe de Estado é a Rainha ou o Rei. Na saga Harry Potter, que é ambientada em um mundo mágico que existe de forma concomitante com o mundo dos trouxas, ou seja, os não-mágicos assim como todos nós. Ainda que não haja realeza, há um Ministro da Magia, análogo ao chefe de governo do sistema parlamentar Inglês, porém, responsável por traçar as diretrizes do mundo mágico:

[...] ele (o ministro trouxa) não precisava se preocupar, pois o ministro da Magia responsabilizava-se por toda a comunidade bruxa e impedia que a população não-bruxa soubesse de sua existência. Era, disse Fudge, uma tarefa difícil que abrangia tudo, desde leis sobre o uso responsável de vassouras à manutenção da população de dragões sob controle. (HP6 2005, p. 10).

A opção da autora por preservar estes aspectos similares na sociedade onde o enredo está imerso se fez presente também em seu mais recente trabalho, o roteiro original *Animais Fantásticos e Onde Habitam*, que tem como pano de fundo os Estados Unidos, país de sistema presidencialista, o mundo mágico apresentado na saga que, assim como o mundo mágico inglês de Harry Potter, é concomitante ao dos não-mágicos, também possui sistema presidencialista e, inclusive, leis similares, como a aplicação de pena de morte em crimes considerados de maior importância.

Neste contexto, retornando ao que já foi dito, a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, enquanto espaço-tempo, sofre influência de outros espaços-tempos que convergem e coexistem ao mesmo tempo, em dimensões macro e micro, dentro uns dos outros ou parte deles. E Hogwarts, por si só, também se configura como um espaço-tempo, marcado por temporalidade e lugar que agrupo outros cronotopos, como por exemplo, as salas de aula e cada aula em particular. Afinal, cada evento destes é único e permeado por estes dois aspectos (espaço e tempo) para que exista.

Entendendo a sala de aula como um cronotopo parte desta dimensão macronotópica (RODRIGUES, 2010) que é a escola, dimensão de espaço-tempo que agrupa inúmeros outros espaços-tempos, inclusive a sala de aula, esta mesma sala torna-se então um espaço tempo

composto por rituais específicos, divisão de tempos, tarefas, disciplinas variadas, materiais didáticos etc.:

Dialogando com Certeau e Elias, ousamos afirmar que a História ensinada constitui um tempo-espaço e, como tal, tem sua definição e compreensão constrangida por esses dois signos ideológicos (Bakhtin; Volochinov, 2002), que a permeiam e formam suas facetas materializadas no espaço escolar da sala de aula. (AZEVEDO, 2011, p. 80).

Hogwarts é uma escola mista, onde alunos oriundos de todas as classes sociais dividem o mesmo espaço, o que não necessariamente diminui suas diferenças, às vezes as tornam mais evidentes em especial, após a divisão dos alunos nas casas às quais pertencerão. Esta divisão se dá a partir do perfil de cada aluno, de sua personalidade, seus sentimentos, ambições. Para a Grifinória, vão aqueles de ousadia, sangue frio e nobreza. Para Lufa-lufa, os justos e leais. Na Corvinal, os sábios, de mente sempre alerta e para Sonserina, os ambiciosos, astutos:

Entre esses, o processo ao qual são submetidos/as os/as alunos/as ingressantes para serem localizados nas diferentes casas que integram a escola: eles/as são testados por um chapéu seletor que, ao ser colocado na cabeça dos/as estudantes, lê as suas mentes e diagnostica em qual das casas esse/a estudante deverá ser localizado/a em função de sua personalidade e aptidões particulares. As histórias conferem uma total credibilidade a esse processo, que se assemelha a uma prática ainda valorizada ora para definir a entrada dos estudantes em algumas escolas, ora para diagnosticar as suas dificuldades – os testes psicológicos de aptidão mental -, que gozaram de tanto prestígio, especialmente em escolas experimentais brasileiras, nos anos de 1960 e 1970, e que ainda hoje são utilizados com convicção em processos de seleção empresarial. (WORTMANN, 2011 p.168).

Esta divisão, embora possa ser muito positiva por valorizar as características de cada um, também os “enquadra”, fixa, limita. Porque a casa à qual pertencem é a mesma que sempre pertencerão e para cada qual há um estigma e isso é evidenciado quando relacionamos os vilões à casa de Sonserina, quando na verdade, muitos dos alunos desta não se identificam verdadeiramente com este papel. O personagem Draco Malfoy, por exemplo, se mostra ser um destes nas partes finais da saga, quando passa a questionar seu papel diante do conflito que o mundo bruxo enfrenta.

Ao decorrer do ano, o espírito competitivo dos alunos é incentivado a partir de um sistema de pontuações ao qual todos os alunos são submetidos e suas ações interferem diretamente nas pontuações das casas às quais pertencem. Por isso, ao longo do ano é necessário bom comportamento e destaque dos alunos para que, juntos, possam levar sua casa

à vitória do prêmio “Taças das casas”, cuja premiação ocorre tradicionalmente ao fim de todos os anos letivos de Hogwarts.

Hogwarts demonstrar ser um lugar onde as tradições da sociedade bruxas são perpetuadas e ensinadas. É lá que os alunos aprendem como ser bruxos e transitar na sociedade mágica que se encontram. Sociedade esta, na qual irão conhecer a história e os costumes ao longo das disciplinas cursadas e, até mesmo, nas trocas com seus pares.

A História, aliás, assume um papel de protagonista na saga, ainda que o foco principal da saga fictícia não seja discorrer sobre o valor da História como poderíamos esperar de livros de teoria e metodologia da História. Ela demonstra ser o principal caminho para o entendimento da vida na sociedade bruxa. É preciso conhecer a história do mundo bruxo, os grandes episódios, enfrentamentos e momentos de tensão, os personagens importantes que trouxeram transformações positivas ou negativas para a comunidade bruxa e outros momentos marcantes que moldaram a sociedade bruxa ao longo dos séculos.

Essa marca da História na saga faz com que a saga de maneira não intencional, siga um roteiro que nos leva a compreender a História ao longo dela como Cícero se referia ao campo em seu livro “Da oratória”, considerando-a crucial para compreensão de passado, presente e futuro e que por meio das lições, das histórias narradas, fosse instrumento de aprendizagem, tornando assim a *Historia est Magistra Vitae*:

[...] a aprendizagem favorece a aquisição de competências que habilitam os indivíduos “a narrar as histórias que têm necessidade para dar conta da dimensão temporal de sua própria vida” (p. 252). Nesse processo, os níveis de reflexão sobre os saberes adquiridos podem revelar uma “lógica evolutiva”, baseada na tipologia que denota as diferentes formas pelas quais o sujeito atribui sentido à sua experiência. Conforme Rüsen, o pensamento histórico resultante da aprendizagem contribui para a formação da identidade, construída a partir de uma “diversidade de identificações” em perspectiva “temporal” (p. 261-263). (REIS, 2017, p. 6).

Essa construção de uma identidade é um dos aspectos que se espera da formação na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Entretanto, nesse caso peculiar, a construção de uma identidade Bruxa, mágica, de uma sociedade inserida na Inglaterra e que recebe influência direta ou indireta do modo de vida dos trouxas, mas que busca preservar e propagar seus modelos de viver nesta sociedade mágica.

Para compreender melhor como a História se apresenta na saga, a seguir é possível conhecer os indícios encontrados na narrativa literária proposta por J.K.Rowling e as análises

feitas a partir da leitura atenta que se fez destes, a fim de compreender as questões do Ensino de História na saga.

## **4.2 Os indícios: as marcas do Ensino de História**

No capítulo dois, apresentei as categorias criadas para classificar os indícios encontrados na narrativa que marcam e sinalizam a presença da História na saga, mais especificamente a História Ensinada, ou seja, aquela que é apresentada nas escolas. Cabe lembrar que são três as categorias classificatórias: Professor/ Aula, Uso do livro didático/atividades e Usos da História Ensinada. Neste momento, me proponho a aprofundá-las, mostrando indício a indício as análises que foram tecidas a partir da leitura esmiuçada à qual se propôs este trabalho, quando elegeu como parte da metodologia o paradigma indiciário de Ginzburg.

De maneira prática, a organização se dará nesta ordem: o indício será apresentado primeiro, em uma tabela colorizada de acordo com a categoria pertencente, deixando em evidência a qual dos sete livros pertence a partir das abreviações HP1, HP2, HP3, HP4, HP5, HP6 e HP7, e abaixo, as considerações tecidas sobre ele com contribuições de pesquisadores das áreas da História e da Educação. A seguir, conheceremos a primeira categoria, Professor/ Aula.

### **4.2.1 Categoria: “Professor/Aula”**

A categoria Professor/Aula reuniu os indícios referentes ao professor da disciplina História da Magia, o Professor Cubbert Binns apresentando seu posicionamento e suas peculiaridades enquanto educador. Na análise desta categoria, é possível conhecê-lo e entender quem é este emblemático personagem, levando em consideração o fato de que ele é o único fantasma morador do castelo a lecionar em Hogwarts (há muitos outros fantasmas, entretanto, estes não possuem atribuições, tornando Binns uma exceção entre eles) e as possíveis representações demonstradas com escolha da autora.

Cubbert Binns, quanto a sua personalidade, é retratado como um professor tradicional, sisudo, conservador, tão obsoleto quanto o tempo que ele descreve em suas aulas. Esta

imagem muito dialoga com a realidade e a percepção que cultura escolar possui do professor de História.

Ainda sobre Binns, diz a lenda em Hogwarts que ele era professor em da escola, que adormeceu e faleceu enquanto dava aula, e que quando acordou sob forma de fantasma, não se deu conta exatamente do ocorrido e prosseguiu lecionando a disciplina História da Magia.

A análise desta categoria que faz com que a pesquisa encontre, na metodologia de ensino de Binns, características como aulas expositivas centralizadas em sua figura, com marcas verbalistas, em que na maior parte do tempo encara seus alunos como refratários para depósito de informações. Mas, em contrapartida, exige dos discentes um retorno escrito, por meio de redações sobre os eventos históricos apresentados nas aulas:

Nesse contexto, os desafios que se colocam para os profissionais da história que atuam nos níveis iniciais de escolarização - ensino fundamental e médio - são gigantescos e podem ser traduzidos na seguinte ideia: temos de trabalhar para a superação da tradição verbalista da história escolar, cuja ênfase recai, invariavelmente, na aquisição cumulativa de informações factuais sobre o passado que podem tornar-se mais ou menos atrativas na medida em que sejam "adornadas" com determinados elementos de ordem metodológica e/ou temática. (CAIME, 2009, p. 66-67).

O modelo de aula do professor gera desinteresse por parte dos jovens bruxos alunos desta disciplina, que a consideram a mais chata dentre todas as matérias ofertadas na grade de Hogwarts, como podemos observar no primeiro indício que será apresentado nesta categoria, referente ao primeiro livro, páginas 117 e 118.

Grande parte da resistência dos alunos com a disciplina tem relação direta com as posturas e métodos do professor e não necessariamente por conta dos conteúdos. Porém, os alunos não podem declinar desta disciplina, pois ela é uma das disciplinas que permanecem obrigatórias na grade curricular da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts do primeiro ao quinto ano de formação, comum a todos os alunos até que, no sexto e sétimo ano, eles realizam avaliações que irão definindo seu perfis e habilidades para que assim, cursem disciplinas específicas para auxiliá-los no mundo do trabalho após a saída de Hogwarts.

Abaixado, temos os indícios que tratam das temáticas abordadas nesta categoria, podemos visualizar a maneira como a autora constrói a relação entre o professor e alunos e também, como é o decorrer desta aula e como os aspectos narrados pela autora podem ser disparadores para diversas discussões educacionais.

**Livro HP1 - p. 117-118:**

**“Sem falar, a aula mais chata era a de História da Magia, a única matéria ensinada por um fantasma. O Professor Binns era realmente muito velho quando adormeceu diante da lareira na sala dos professores e levantou na manhã seguinte para dar aulas, deixando o corpo para trás. Binns falava sem parar enquanto eles anotavam nomes e datas e acabava confundindo Emerico, o Mau, com Urico, o Esquisitão.”**

História da Magia como já dito é obrigatória no currículo da escola. As disciplinas optativas os alunos as selecionam baseados em seus interesses mais específicos, buscando nestas, conhecimentos úteis a sua formação e posteriores objetivos profissionais. A formação de Hogwarts, além de divulgar a cultura da sociedade bruxa, também prepara os alunos para as futuras profissões que poderão atuar na vida adulta,

O professor de História da Magia, Cubbert Binns, é o único professor fantasma da instituição, ainda que, o castelo seja habitado por diversos outros, viventes em épocas variadas do mundo bruxo. Quando atentamos ao fato de que ele é um professor fantasma, somos levados a imaginar que a autora pensou nele como um personagem que pôde estar presente como observador da História ensinada em tempo real e talvez este seja o ponto principal na história de Binns: ser um professor de História da Magia que é também, um participante do processo, um observador, ainda que afastado de seu corpo material.

A vida fantasma de Binns em particular é peculiar, pois a remete a Heródoto<sup>28</sup>, aquele a quem o escritor romano Cícero (106-43 a.C.) chamou de “Pai da História”, por ter narrado o cotidiano da sociedade grega a qual ele também estava inserido, além de ter viajado e narrado acontecimentos fora da Grécia, narrando assim, à história de seu próprio tempo, na posição de narrador e observador.

---

<sup>28</sup> Historiador grego (485-425 a.C.), considerado o primeiro historiador por ofício.

O professor Binns parece ganhar certa confiabilidade e respaldo para lecionar História, pelo fato de ter presenciado os fatos históricos eleitos para estudo. Isso porque, o fantasma rompe a mortalidade, neste sentido entende-se que pode romper o tempo e por tal fato, sua palavra ter por si só legitimidade da “verdade” testemunhal.

Este trecho também, nos remete ao conceito de Paulo Freire (1974) denominado Educação Bancária, prática comum ao modelo tradicional em que o professor é visto como alguém que detém o conhecimento e precisa depositar este em seus alunos, entendendo que estes são depósitos vazios e precisam ser preenchidos de informação:

Freire propõe abandonar a educação bancária, a qual transforma os homens em “vasilhas”, em “recipientes”, a serem “preenchidos” pelos que julgam educar, pois acredita que essa educação defende os interesses do opressor, que trata os homens como seres vazios, desfigurados, dependentes. Ao invés disso, buscou defender uma educação dos homens por meio da conscientização, da desalienação e da problematização. (LINHARES, 2008, p. 142).

A prática conteudista e bancária de Binns muito reflete o currículo de Hogwarts, que se apresenta como um currículo tradicional<sup>29</sup>. No caso específico do ensino da disciplina História da Magia, uma das marcas é a cobrança das datas históricas e nomes dos grandes “heróis” elegidos, configurando as aulas como possuidoras “perspectiva cronológico-linear, verbalista, memorística, de verdades prontas e acabadas que tem sido característica central da história ensinada” (CAIME, 2009, p. 67).

**Livro HP1 - p. 226:**

---

<sup>29</sup> Nesta concepção de currículo “[...] atribui-se ao sujeito um papel irrelevante na elaboração, o e aquisição, o do conhecimento. Ao indivíduo que está “adquirindo” conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico.” (Mizukami, 1986. p.11)

-  
**“O último exame foi de História da Magia. Uma hora respondendo a perguntas sobre velhos bruxos gagás que inventaram caldeirões automexíveis e estariam livres, livres por uma semana maravilhosa até saberem os resultados dos exames. Quando o fantasma do Professor Binns mandou-os descansar as penas e enrolar os pergaminhos, Harry não pôde deixar de dar vivas com os colegas.”**

Esse trecho ilustra bem umas das concepções que existem sobre a História, aquele que propaga a ideia de que a mesma se encontra em um patamar do qual o tempo presente não participa. Com isso, passa a tratar somente de tempos passados, havendo um abismo temporal entre o que é estudado e o que é vivido por aquele aluno naquela sociedade. Por exemplo, quando Harry se refere a “perguntas sobre bruxos velhos gagás que inventaram caldeirões automexíveis” (HP1, 2000, p.226), deixa em mais evidencia este abismo, já que ele não percebe neste período e nestes personagens direta relação com sua história, em uma perspectiva de que está é a história da sociedade à qual pertence e que os reflexos desses acontecimentos moldaram o presente.

Notamos mais uma vez, a presença dos nomes e datas, uma marca cronológica, linear e factual, na qual não há esforços para que haja problematização e reflexão acerca dos, desse modo, não há margem para a formação de criticidade:

O projeto educacional caracterizado por uma hipertrofia do conhecimento visaria transformar o aluno em sujeito genérico, sem deixar que emerja a diferença, apesar de seu discurso igualitário, levaria a execução daqueles que se adaptassem aos padrões determinados. (PENNA, 2014, p. 135).

O ensino, enquanto visto sob este viés, que causa esta chamada hipertrofia do conhecimento cria sujeitos genéricos, sem visões diferenciadas acerca da realidade na qual estão inseridos, porém, de maneira mais sutil, com um discurso igualitário, mas que não concebe uma visão de verdadeira igualdade ou equidade. São estas e muitas outras análises

que iremos adentrar nos próximos livros, a seguir por Harry Potter e a Câmara Secreta, que é um dos livros e filmes mais populares da saga.

**Livro HP2 – p. 115:**

**A História da Magia era a matéria mais sem graça do programa. O Prof. Binns, encarregado de ensiná-la, era o único professor fantasma, e a coisa mais excitante que acontecia em suas aulas era ele entrar em classe atravessando o quadro-negro. Velhíssimo e enrugado, muita gente dizia que ainda não percebera que estava morto. Um belo dia ele simplesmente se levantara para dar aula e deixara o corpo sentado numa poltrona diante da lareira da sala de professores; sua rotina não se alterara nem um pingo desde então. Hoje estava chato como sempre. O Prof. Binns abriu seus apontamentos e começou a ler num tom monótono como um aspirador de pó velho, até que quase todos os alunos na sala caíram num estupor profundo, de que emergiam ocasionalmente o tempo suficiente de copiar um nome ou uma data e, em seguida, tornar a adormecer”.**

A narrativa de Harry Potter tem início em um contexto da Inglaterra cientista, mas o que Gabriel e Costa (2011) apontam nos auxilia a pensar neste universo ficcional e pensar em como este universo influenciou jovens e suas concepções sobre História e Ensino no início do século XXI:

Afinal, a emergência tanto da escola pública como da disciplina escolar história, não se insere em uma pauta mais ampla de construção e consolidação dos Estados Nacionais em pleno regime moderno de historicidade? Desse modo, e frente às demandas e exigências do nosso presente, como repensar essa função política atribuída historicamente à disciplina História? Como nas aulas, nas propostas curriculares, nos livros didáticos de história do Brasil, são fixados - ainda que de forma provisória - os fluxos indenitários que hoje atravessam o conhecimento histórico, sem comprometer simultaneamente a tarefa de socialização de sentidos de passado e a possibilidade de subversão das relações hegemônicas presentes nas configurações narrativas da história do Brasil? Como os currículos de história nesses tempos de forte presentíssimo têm equacionado a tensão entre passado e futuro? (GABRIEL; COSTA, 2011, p. 2)

Esta afirmativa reflete a realidade de Hogwarts, que apresenta um déficit no tencionar entre passado e futuro, o que reflete muito na recepção da disciplina História da Magia por parte dos alunos. O fato de não se compreenderem parte deste todo que é a narrativa histórica, e não tendo tão consciência, não se reconhecem como sujeitos da história também. Desse modo, tudo o que se aprende, parece sem importância, numa perspectiva afastada da vida que levam e a sociedade da qual fazem parte.

Outro aspecto válido sobre esse indício é perceber a marca estética na presença do quadro negro, caracterizando uma espécie de marco indenitário que compõe esse espaço tempo e que faz ligação com a realidade de muitas escolas contemporâneas e não ficcionais. Ainda que muitas escolas atuais não usem mais o quadro-negro e conseqüentemente o giz, fato, optando pela versão mais moderna, quadro branco e pincel de quadro, muitos leitores têm essas lembranças de sua vida escolar e encontrar este aspecto na narrativa, se faz como mais um ponto de identificação com a saga.

**Livro HP2 – p. 115**

**“O Prof. Binns pestanejou. — Minha matéria é História da Magia — disse ele naquela voz seca e asmática. — Lido com fatos, Srta. Granger, não com mitos nem com lendas. — Ele pigarreou fazendo um barulhinho como o de um giz que se parte e continuou.**

**— Em setembro daquele ano, um subcomitê de bruxos sardos... O professor gaguejou antes de parar. A mão de Hermione estava outra vez no ar.**

— Srta. Granger?  
— Por favor, professor, as lendas não se baseiam sempre em fatos? O Prof<sup>o</sup>. Binns olhou-a com tal espanto, que Harry teve certeza de que nenhum aluno vivo ou morto, jamais o interrompera antes.  
— Bem — disse o Prof<sup>o</sup>. Binns lentamente —, é um argumento válido, suponho. Ele estudou Hermione como se nunca antes tivesse olhado direito para um aluno.  
— Contudo, a lenda de que a senhorita fala é tão sensacionalista e até tão absurda que...”

Neste indício, percebemos que, na saga, os fatos são historicamente construídos com base em documentos oficiais sendo eleitos então os grandes eventos, nomes e datas, marcando uma narrativa oficial permitida. Desse modo, as narrativas da história oral terminam por ser descartadas ou entendidas como lendas. A narrativa escolar por sua vez é baseada nesta narrativa permitida, através de uma seleção de conteúdos, que remontam a construção de Hogwarts e as finalidades de Hogwarts para os dos fundadores da escola.

Estes conteúdos selecionados dialogam com as finalidades da escola e também com o cronotopo social, ou seja, o tempo-espço que corresponde à sociedade na qual a escola está inserida, já que os cronotopos “podem se incorporar um ao outro, coexistir, se entrelaçar, permutar, confrontar-se, se opor ou se encontrar nas inter-relações mais complexas” (BAKHTIN 1988, p. 357). Neste sentido, a escola que é um cronotopo com finalidades pré-estabelecidas, é parte também do cronotopo social, sendo integrante do todo que o constitui:

Dialogando com a teoria do Círculo de Bakhtin, compreendemos história ensinada como um campo dialógico que é constrangido e contingenciado por múltiplas questões e, entre elas, as pertinentes aos diversos gêneros discursivos que permeiam o tempo-espço escolar e a sociedade em seu espectro micro e macro social. Referimo-nos a gêneros que estruturam as práticas discursivas do campo e são formados e transformados no tempo-espço (AZEVEDO, 2011, p. 25).

As disputas de narrativa sobre o passado estão sempre em voga, justamente porque o ensino, a escola e o ensino de história muitas vezes se tornam instrumentos para manutenção de interesses da narrativa “vencedora”. Neste aspecto, o ensino de história se encontra imerso nesta questão, inclusive, na saga, quando percebemos, a partir das atividades propostas pelo

professor e suas temáticas, a opção pelos grandes eventos e heróis, em uma narrativa vitoriosa da história do mundo bruxo.

Esse debate remete a uma questão atual e cara ao Ensino de História no Brasil, a exemplificar a criação da Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Essa lei foi instituída após muito debate onde, era defendida a ideia da importância de outra narrativa, que contasse a história dos afrodescendentes e a formação da cultura brasileira sob o ponto de vista dos mesmos e/ou demarcando sua importância.

Posteriormente, foi criada a Lei 11.645/08, numa proposta de ampliação da lei anterior e tornou obrigatório além do estudo da história e cultura afro-brasileira, também a história e cultura indígena. Estas duas vertentes, antes das leis, permaneciam fora desta seleção prévia de conteúdos, conseqüentemente, não compunham a narrativa história oficial brasileira.

É importante notar que os livros didáticos têm papel importante na manutenção destas narrativas oficiais, pois são uma das formas mais eficazes de divulgação das ideias e têm acesso a uma das mais importantes instituições formativas de nossa sociedade: a escola. Sendo assim, desde cedo as crianças e jovens em formação são submetidos à versão oficial da História. Tendo este elemento como destaque, podemos compreender a luta pela inclusão de determinadas narrativas históricas no currículo. O apagamento de participação de determinados setores sociais do passado reduz sua importância social e participação efetiva na sociedade vigente.

Na disciplina História da magia, a narrativa ensinada por Binns vai ao encontro da história oficial do mundo bruxo e se mostra avessa a outras possibilidades de narrativas deste passado. Na teia dos grandes feitos e histórias de vencedores, não há muitos espaços para novos caminhos como o que Hermione buscou mostrar. Esse sinaliza novamente uma narrativa histórica distante da realidade daqueles alunos:

Essa história, que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade invisual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo... Essa história torna 'natural' o fato de o aluno não se ver como um agente histórico [...] (CABRINI, 1987, p. 21).

Quando pensamos em a personagem Hermione não ter acesso a variadas narrativas, se constitui em grande importância visto que, ela advém de família “trouxa” e com isso,

conhecimentos prévios, o currículo oculto sobre o mundo bruxo que outros alunos adquirem em ambiente familiar ela não teve acesso, já que só teve entrada neste mundo a partir dos onze anos de idade, quando ingressou na Escola e então, pode começar a conhecer a cultura e a história daquela nova sociedade.

Entretanto, essa possibilidade se deu principalmente por meio de leituras de livros, entre eles didáticos, que como sinalizado acima, divulgam a história oficial. Hermione conhece apenas a faceta oficial do passado bruxo e suas experiências prévias contêm elementos que podem ajudar sua reflexão sobre o tema. O papel da escola, e em especial a disciplina escolar História da Magia, tem uma relevância social fundamental, isto é, ela produz visibilidade e apagamentos sobre personagens e fatos históricos.

Nesse sentido, o cronotopo do encontro se faz presente mais uma vez na saga, na perspectiva de alteridade, diante dos tantos elementos desconhecidos na estrada. A escola se mostra um lugar diferente para aqueles que originam de famílias bruxas e para aqueles que são oriundos de famílias trouxas. O encontro tem papel fundamental para o descaminho desses indivíduos, no qual possam, então, se redescobrir.

**Livro HP2 – p. 115, 116 e 117:**

**“A classe inteira ficou pendurada em cada palavra que o professor dizia. Ele correu um olhar míope por todos, rosto por rosto virado em sua direção. Harry percebeu que ele estava completamente desconcertado por aquela manifestação incomum de interesse. — Ah, muito bem — disse vagarosamente. — Vejamos... A Câmara Secreta... — Os senhores todos sabem, é claro, que Hogwarts foi fundada há mais de mil anos... a data exata é incerta... pelos quatro maiores bruxos quando ele acabou de contar a história, mas não foi o de sempre, o silêncio modorrento que dominava as aulas do Prof. Binns. Havia no ar certo constrangimento enquanto todos continuavam a olhá-lo, esperando mais. O Prof. Binns fez um ar ligeiramente aborrecido. — A**

**história inteira é um perfeito absurdo, é claro. Naturalmente, a escola foi revistada à procura de provas da existência dessa câmara, muitas vezes, pelos bruxos e bruxas mais cultos. Ela não existe. Uma história contada para assustar os crédulos.”**

Este indício nos sinaliza, em primeiro lugar, que os alunos possuem interesse no passado, porém é necessário que este tempo dialogue de alguma forma com o presente. Exemplifico com o próprio indício, já que o interesse dos alunos na fala de Binns só aconteceu porque os fatos narrados tinham relação com o momento que estavam vivenciando, quanto à ameaça que a Câmara Secrete estava oferecendo.

A expressão usada para se referir ao olhar de Binns, “Olhar míope”, nos dá a ideia de um olhar sob os alunos, que desconsidera as individualidades de cada um deles, e os enxerga como um corpo único e sem especificidades. Isso porque aqueles que possuem miopia tem dificuldade para enxergar objetos e pessoas a distância, o que os impossibilita de ter uma visão total de seu redor, sendo possível corrigir com óculos ou lentes de grau. Sendo assim, com este olhar míope, Binns estaria impossibilitado de ver além de seu primeiro e “deficiente” olhar sobre seus alunos. Dentro deste contexto, onde o professor não percebe e não dialoga com seu público, a produção de sentido desta história ensinada (AZEVEDO, 2011) é inexistente e/ou limita a compreensão dos discentes sobre o conteúdo da disciplina em questão.

E, quando confrontado, este professor se mostra inseguro em falar sobre algo que não esteja em seu currículo oficial. Especialmente quando o tema em questão expõe aspectos da história do mundo bruxo que não causam orgulho, como é o caso da perseguição aos alunos nascidos trouxas, relacionada à história da Câmara Secreta e seu criador. Há muita resistência em mudar a configuração de suas aulas, logo, um momento de “debate” como este, é contrário a sua metodologia, e só ocorreu devido à insistência de uma aluna curiosa.

Na busca de estabelecimento de conexão, os docentes associam elementos, conceitos, palavras de um tempo a outro, de forma a estabelecer canais de comunicação, possibilidades de se fazer compreender a história ensinada. O raio de um relâmpago por um segundo, o *insight*, um sentido atribuído no ato de ensino-aprendizagem. (MONTEIRO, 2012, p. 207).

O Ensino da História encontra como desafio principal o diálogo com o tempo presente, marca que da História como prática científica que busca evitar ao máximo estas aproximações para assim não incorrer ao anacronismo, que significa atribuir a uma determinada época, ideias e comportamentos que pertencem à outra época, em outro contexto cultura, social e histórico.

Na sala de aula, o professor é solicitado para dar conta das dúvidas dos alunos, sendo figura dele, uma das maiores fontes de divulgação de conhecimento ao qual os alunos têm acesso e recorrem, pois o educador pode utilizar como estratégia de ensino, por exemplo, o uso de comparações, metáforas e aproximações com contextos do cotidiano dos educandos para compor suas explicações e facilitar a compreensão dos mesmos. Esta marca caracteriza a peculiaridade do cronotopo e diferencia a história ensinada da escrita acadêmica, inclusive, pelas formas de acesso e divulgação que essa possui.

A produção de sentido na história ensinada se materializa no tempo-espaço sócio-histórico e, dessa forma, as práticas que constituem a sala de aula estão imersas na historicidade que as permeia e nos desafios do cenário presente – espaço em que seu ato enunciativo está sendo construído – constituindo a arquitetônica de seu sentido. (AZEVEDO, 2011, p. 89).

Desta forma, a produção de sentido na história ensinada está diretamente ligada ao espaço sócio-histórico ao qual pertencem, sendo então uma interferência no espaço-tempo, ou seja, no cronotopo que constitui o espaço da sala de aula e a atuação do professor no ato de ensinar.

**Livro HP2 – p. 117:**

**“[...]— Basta — disse com rispidez. —  
É um mito! Não existe! Não há a  
mínima prova de que Slytherin tenha  
algum dia construído sequer um  
armário secreto de vassouras!  
Arrependo-me de ter contado aos  
senhores uma história tão tola. Vamos  
voltar, façam-me o favor, à história, aos**

**fatos sólidos, críveis e verificáveis!”**

Vestido sob a capa da autoridade, ou seja, usando disto para reestabelecer à ordem, Binns diz: “Vamos voltar, façam-me o favor, à história, aos fatos sólidos, críveis e verificáveis” (HP1, 2000, p. 117), mais uma vez confirma a postura que ignora novas narrativas históricas para além dos marcos oficiais, deixando claro, também, seu desconforto em sair de sua zona de conforto.

Desconsiderar a existência de outras formas de perceber e executar o fazer histórico se torna um movimento engessador, que congela aquele que o faz e, por tal, impede o acesso a novos horizontes e novas informações que podem ser incrivelmente úteis ao conhecimento histórico:

A memória social serve como parâmetro para as análises e lente para o nosso olhar sobre a História, estendendo suas margens para o ato de ensinar história e se materializa nas falas do professor e dos alunos. A história-ensinada tende a conjugar elementos tanto da memória social como da História em seus procedimentos pedagógicos. (AZEVEDO, 2016 p. 49).

A memória social e a história ensinada, quando mesmo com suas peculiaridades caminham juntas, trazem suas contribuições para o conhecimento histórico e os debates acerca dele, por isso não devem ser descartadas. A sala de aula como espaço dinâmico exige do professor de história uma operação historiográfica muito mais complexa (PENNA, 2014), movimentando modelos metodológicos distintos do operado pelo historiador, mas em diálogo com esse campo, isto é, um saber híbrido, polissêmico e complexo (AZEVEDO, 2011).

...Ainda que isto seja uma redundância é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente. Com efeito, tanto uma quanto outra se organizam em função de problemáticas impostas por uma situação. Elas são conformadas por premissas, quer dizer por “modelos” de interpretação ligados a uma situação presente... (CERTEAU, 2008, p. 34).

O professor Binns, ao afirmar “não há a mínima prova...” (HP, 2, p. 117), está operando com sua leitura do presente e com a produção historiográfica existente. O seu modelo de interpretação do passado está sujeito aos elementos e indícios do seu lugar de fala. A história interage com seu tempo presente e com os modelos de interpretação do passado. Neste sentido, esse indício apresenta questões fundamentais quando pensamos o processo de ensino da história e sua narrativa do passado.

Quando ele nega a existência da Câmara Secreta, está operando no limite da interpretação do seu tempo presente. No transcurso do livro ela deixa de ser mito e se torna um lugar real, mas mesmo assim a existência do espaço físico e de sua relação direta com o fundador da escola não se torna imediatamente uma narrativa escolar. O ensinado está sobre a dinâmica das disputas e significações de passado também e o que a sociedade, nesse caso a bruxa deseja fixar na memória de seus cidadãos bruxos.

A história ensinada possui marcas temporais do tempo que a escola está inserida, isto é, do cronotopo que constitui o espaço complexo de significados o ensinar e o currículo materializado à dinâmica da sala de aula.

**Livro HP3 – p.235:**

**“Depois veio o exame de Astronomia à meia-noite, na torre mais alta do castelo; História da Magia na quarta-feira de manhã, em que Harry escreveu tudo que Florean Fortescue lhe contara sobre a caça às bruxas na Idade Média, enquanto desejava ter ali na sala sufocante um daqueles sundaes de choconozes.”**

Este trecho evidencia um dos ritos principais da escola: as avaliações. Nesse caso, sob várias faces, desde as avaliações finais e as avaliações durante as aulas. As avaliações propostas por Binns não fogem a uma concepção tradicional, que faz com que os alunos decorem centenas de nomes grandes personagens históricos, grandes datas, porém, não os leva a refletir sobre os acontecimentos históricos e suas consequências. Entretanto, Chervel

(1990) explica a necessidade da existência de avaliações, exames internos ou externos e chama atenção para dois fenômenos que acompanham esta necessidade: “O primeiro é a especialização de certos exercícios na sua função de exercícios de controle, e o segundo é o peso considerável que as provas do exame final exercem por vezes sobre o desenrolar da classe.” (CHERVEL, 1990, p. 206).

Estes dois fenômenos, de cunho docimológico (PIERÓN, 1973), ou seja, que trata da atribuição de notas e das ações decorrentes dos examinadores e dos examinados, nos deixa clara a significância das avaliações dentro de sala ao mostrar como ela influi na relação professor e alunos, e ensino e aprendizagem.

**Livro HP4 – Pág. 227:**

**“Alguns professores, como o nanico Prof. Flirwick, desistiram de tentar ensinar aos garotos alguma coisa quando suas cabecinhas estavam tão visivelmente longe dali; ele os deixou fazerem jogos durante a aula de quarta-feira, e passou a maior parte do tempo conversando com Harry sobre maneiras de aperfeiçoar o Feitiço Convocatório que ele usara durante a primeira tarefa do Torneio Tribruxo. Outros professores não foram tão generosos. Nada poderia jamais desviar o Prof. Binns, por exemplo; continuou a dar as revoltas dos duendes - como Binns não permitira sequer que a própria morte o impedisse de continuar ensinando, os garotos supunham que uma bobaginha feito o Natal não fosse perturbá-lo. Era espantoso como o professor conseguia fazer até as revoltas mais sangrentas e**

**encarniçadas parecerem tão tediosas quanto o relatório de Percy sobre os fundos dos caldeirões.”**

É conhecido desinteresse dos discentes por aulas não práticas e isto não é diferente em Hogwarts. Enquanto nas escolas do mundo não ficcional contemporâneo, os alunos costumam se interessar mais por matérias como Educação Física buscando fugir do caráter teórico, em Hogwarts, os alunos preferem matérias como Feitiços, lecionada pelo Prof. Flirwick e Defesa contra as Artes das Trevas, aulas de teor mais prático, que buscam tratar de feitiços e defesas.

Além disso, podemos notar outro fato comum do comportamento discente: o interesse por momentos sombrios da história tais como guerras, genocídios e afins. Isso fica evidenciado quando afirmar que “até as revoltas mais sangrentas e encarniçadas” (HP3, 2000, p.235) ficavam tediosas nas aulas de Binns, demonstrando que a metodologia deste professor impedia as temáticas de parecerem mais atrativas, talvez por não haver nenhuma espécie de narração entusiasmada sobre os fatos.

E, por fim, demonstra o rigor com que Binns encara o currículo, não o contemplando em seu caráter flexível, que pode ser modificado de acordo com uma necessidade surgida em aula, uma notícia, um tema em debate popular ou até mesmo entre os alunos em sala.

**Livro HP4 – Pág. 227:**

**“A aula de História da Magia jamais transcorrerá tão lentamente. Harry não parava de consultar o relógio de Rony, tendo finalmente jogado fora o seu, mas o do amigo estava andando tão devagar que ele poderia jurar que parara de funcionar também. Os três garotos estavam tão cansados que teriam gostado de descansar as cabeças nas carteiras e dormir; nem**

**Hermione estava fazendo as anotações de costume, sentava-se com a cabeça apoiada na mão, mirando o Prof. Binns com os olhos fora de foco.”**

Novamente é evidenciado o quanto as aulas de Binns são monótonas e se tornam desinteressantes para os discentes, como já vimos, uma aula pautada numa concepção verbalista, que também peca no quesito contextualização. Dessa forma, o tempo, naquele espaço, se torna subjetivo, pois não corresponde ao relógio. Naquele cronotopo que é a sala de aula, com as intencionalidades selecionadas por Binns para os alunos, o tempo parece nunca se mover.

Quando é apresentado, “Nem Hermione estava fazendo anotações” (HP4, 2001, p. 227), novamente podemos ver o indício de uma educação verbalista (CAIME, 2009) e bancária (FREIRE, 1974). As aulas de história possuem em geral este caráter verbalista, muito calcado na narrativa, no contar da história. Suas avaliações ainda seguem uma tradição enciclopedista, isto é, espera-se que o aluno grave e reproduza fielmente a narrativa proferida. Anotar as aulas é construir um suporte para a memória.

Hermione exemplifica bem o aluno com uma grande capacidade enciclopédica – não vamos reduzir a personagem a este rótulo, visto que ela é muito mais que isso –, mas este traço de seu comportamento é visível em toda a série. Neste sentido este indício apresenta, de forma difusa mais visível, esta marca da tradição da história ensinada.

#### **4.2.2 Categoria “Uso do livro Didático/Atividades”**

A categoria Uso do Livro Didático/Atividades abrange os pontos que sinalizam o uso do livro eleito como apoio da disciplina História da Magia, sendo equivalente a um livro didático desta disciplina, escrito por Batilda Bagshot, denominado “Uma História da Magia”. A análise dos indícios também elencou os momentos de leitura e da realização de atividades que possam ter relação direta com os conteúdos encontrados no livro didático disciplina.

Nos conteúdos ensinados e nas atividades propostas, abordam uma narrativa história que elege grandes nomes, grade heróis e eventos para comporem a história do mundo bruxo a ser apresentada e narrada.

[...] os acontecimentos são apresentados de forma mais amena e emotiva, com personagens divididos entre bons e maus, heróis, vítimas e carrascos, que se movimentam em uma história maniqueísta, com linguagem criada para facilitar a memorização do conteúdo, mas não para se tornar objeto de interpretação, de questionamentos e indagações sobre os sujeitos e suas ações. (BITTENCOURT, 2004, p. 144).

As atividades propostas consistem na escrita de longas redações sobre estes episódios ou personagens, descritas na narrativa como “rolos e rolos de pergaminho”. E estas atividades são baseadas nos conteúdos que carregam a marca do distanciamento da realidade dos alunos e são, muitas vezes, cópias dos saberes adquiridos em sala de aula, não proporcionando momentos reflexivos sobre eles. Nas provas e nos exames institucionais também são exigidos conteúdos similares aos dos exercícios, e para obter sucesso nelas, os alunos devem ter decorado e memorizado os personagens, os momentos e datas que compõem a História do mundo bruxo.

Nesta perspectiva, a história escolar tem participação na formação do sujeito social, no que diz respeito à saga, na formação do sujeito bruxo a partir da apresentação de uma narrativa histórica, nas aulas de História da Magia:

[...] o livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos. (...) Atuam, na verdade, como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo. (FONSECA 1999, p. 204 apud CORREA 2000, p. 12).

O livro didático, como apontado no trecho destacado acima, é também um dos instrumentos de disseminação dos modelos sociais, valores e costumes de determinada sociedade. No caso da História, o livro didático perpetua a narrativa histórica selecionada como a narrativa a ser contada para a sociedade, excluindo desta forma, outras perspectivas:

Os livros escolares, de modo geral, configuram um objeto em circulação – como bem frisa Chartier (1990) – e, por essa razão, são veículos de

circulação de ideias que traduzem valores, como já dissemos, e comportamentos que se desejou fossem ensinados. Some-se a isso o fato de que a relação entre livro escolar e escolarização permitem pensar na possibilidade de uma aproximação maior do ponto de vista histórico acerca da circulação de ideias sobre o que a escola deveria transmitir/ensinar e, ao mesmo tempo, saber qual concepção educativa estaria permeando a proposta de formação dos sujeitos escolares. (CORREA 2000, p. 13).

Levando em consideração estes aspectos, é possível analisar as formas como os usos do livro didático e as atividades são realizadas nas aulas de História da Magia. E é isso que estará destrinchado a seguir:

<b>Livro HP1 – p. 80:</b>
<b>“Harry ficava em seu quarto, com a nova coruja por companhia. Decidira chamá-la Edwiges, um nome que encontrara na História da Magia. Seus livros de escola eram muito interessantes”.</b>

Para entendermos este indício que abre nossa análise da obra literária de J.K. Rowling, é preciso, antes de tudo, contextualizar quem é Harry Potter até este primeiro contato com o livro didático que iria ser usado em uma das matérias que cursaria na nova escola que iria ingressar.

Harry é órfão, seus pais foram assassinados pelo grande vilão da saga, Lord Voldemort, quando ele era apenas um bebê. Desde então, para sua segurança, ele foi entregue aos tios que não eram bruxos, como forma de protegê-lo.

Os tios de Harry sabiam que ele vinha de uma família bruxa e que por isso teria propensão a tal, mas, nunca contaram a ele sua verdadeira origem, escondendo dele inclusive a forma como seus pais morreram.

Quando ele completa onze anos, recebe inúmeras cartas convite para ingressar na Escola de Magia e de Bruxaria de Hogwarts, convite este, que foi evitado por seus tios por

meses, até que o Guardiã das chaves de Hogwarts fosse pessoalmente até a casa deles e finalmente viesse à tona a verdadeira história de vida de Harry.

Logo após descobrir que era bruxo, Harry começa a construir de forma tardia uma espécie de identidade de pertencimento. Isso porque, ainda que nascido no mundo bruxo e tendo seu lugar garantido em Hogwarts, como Hagrid, o guardião das chaves afirma em uma discussão com o tio de Harry:

— Se ele quiser ir, um trouxão como você não vai poder impedir. — resmungou Hagrid raivoso. — Impedir o filho de Lílian e Tiago Potter de ir para Hogwarts! Você enlouqueceu. Ele está inscrito desde que nasceu. Vai frequentar a melhor escola de bruxos e bruxedos do mundo. Sete anos lá e ele nem vai se reconhecer. Vai estudar com garotos iguais a ele, para variar, e vai estudar com o maior mestre que Hogwarts já teve Alvo Dumbledore. (HP1, 2000, p. 55).

Como é dito por Hagrid, Harry, a partir daquela nova vivência, nem iria mais se reconhecer. Isso porque, a partir daquele ingresso, formaria uma identidade completamente diferente daquela à qual julgava como sua, mas que não trazia com ela estes novos dados, no caso, o de que é e sempre foi um bruxo, pertencente a um mundo próprio e independente daquele que viveu durante aqueles primeiros onze anos de sua existência:

Para Hall (2006), identidades correspondentes a um determinado mundo social estão em declínio, visto que a sociedade não pode mais ser vista como determinada, mas em contínua mutação e movimento, fazendo com que novas identidades surjam continuamente, em um processo de fragmentação do indivíduo moderno. Assim, assinala que estaria ocorrendo uma mudança no conceito de identidade e de sujeito, já que as identidades modernas estão sendo "descentradas", ou seja, deslocadas e fragmentadas e, como consequência, não é possível oferecer afirmações conclusivas sobre que é identidade, visto tratar-se de um aspecto complexo, que envolve múltiplos fatores. (FARIA; SOUZA, 2011, p. 38).

Tendo em vista esta identidade móvel e mutável, este primeiro contato com o livro didático, pertencente a uma disciplina existente somente no mundo bruxo, aquele o qual Harry passaria a conhecer a partir de agora, é um dos primeiros passos na construção de um sentido sobre o que é ser um bruxo, como é viver neste mundo até então desconhecido por ele.

Isso mostra que o livro didático, como objeto cultural complexo, neste indício acima citado, assume então uma de suas funções essenciais, a chamada Função Ideológica e Cultural, aquela que diz respeito à difusão dos valores selecionados para a representação e

construção de uma identidade, possuindo então, um importante papel político enquanto divulgador destes ideais (CHOPPIN 1991, 1992, 1993).

Este primeiro contato de Harry com o livro em questão, representou um dos primeiros eventos de imersão do mesmo nos valores daquele mundo que o aguardara.

A escolha do nome Edwiges dentro do livro de História da Magia, para seu futuro animal de estimação no mundo bruxo, uma coruja, sinaliza mais um movimento de inserção de Harry na cultura bruxa, já que, é de costume os alunos terem companheiros de estimação exóticos tais como corujas, sapos e ratos. E, além disso, sinaliza também uma pequena aproximação com a história deste mundo novo.

**Livro HP1 - p. 226:**

**— Foi muito mais fácil do que pensei —  
comentou Hermione, quando eles se  
reuniram aos numerosos alunos que saíam  
para os jardins ensolarados. — Eu nem  
precisava ter aprendido o Código de  
Conduta do lobisomem de 1637 nem a  
revolta de Eletric, o Ambicioso”.**

Analisando o indício acima, é perceptível, mais uma vez, a escolha por uma narrativa dos grandes acontecimentos, baseada entre outras fontes, nos documentos oficiais, uma marca do Positivismo:

A História, baseada na lógica da burguesia europeia ocidental, está pautada em uma concepção evolucionista e progressista, marcadamente linear, nos “princípios sobre os quais continua se apoiando essa velha senhora europeia (GRUZINSK, 2000, p. 387). Princípios que ainda que chamamos de história”. fundamentam o ensino de história praticado nas salas de aula, valorizando uma memória em detrimento de outra. (AZEVEDO, 2009, p. 2).

Esta lógica, de perspectiva linear trata do passado e do presente, optando por determinadas narrativas, descartando outras e, assim, apontando que “a memória subterrânea – que é construída em outros espaços da vida dos estudantes, negada nos espaços escolares e

direcionada para o porão do saber.” (AZEVEDO, 2009, p. 2), se constituindo muitas vezes esvaziada de sentido para os discentes.

**Livro HP2 - p. 114:**

**“[...] encontrou Rony no fundo da biblioteca, medindo o dever de História da Magia. O Prof. Binns tinha pedido uma redação de um metro sobre o "Congresso Medieval de Bruxos Europeus”.**

Ao nos depararmos com este indício, a primeira coisa que podemos perceber é a prática de aplicar como tarefa escolar aos alunos metros de pergaminho, que equivaleriam a muitas folhas de caderno na crença de que, ao gastar tinta, escrevendo em demasia, o aluno estaria aprendendo.

O mais questionável desta prática é o fato dela ser exigida em um contexto de sala de aula no qual, a aula em si, enquanto tempo, enquanto momento entre alunos, professores e conhecimento, carrega uma marca verbalista enorme, chegando a ser o único recurso do professor as aulas expositivas.

Pensando nas relações entre fala e escrita, e da supervalorização da escrita diante da fala, a prática de Binns, é muito baseada nisto, nesta necessidade para além de tudo de registros escritos daquilo que os alunos teriam aprendido e compreendido das aulas que assistiram. Essa supervalorização da escrita, de acordo com Marcuschi (2007) é errônea, pois:

Quando nos referimos à supremacia de um fenômeno sobre outro, temos logo a impressão de que se está falando em superioridade, mas, no caso da relação entre oralidade e escrita, essa é uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que essa relação não é nem homogênea nem constante. A própria escrita tem tido uma avaliação variada ao longo da história e nos diversos povos. Existem sociedades que valorizam mais a fala, e outras que valorizam mais a escrita. A única afirmação correta é que a fala veio antes da

escrita. Nem por isso, como ainda veremos, a escrita é simplesmente derivada da fala (MARCUSCHI, 2007, p. 26).

Em suma, supervalorizar a escrita em detrimento da fala é uma postura de cunho mais ideológico do que linguístico, já que, de acordo com o próprio autor, as sociedades têm formas diferentes de lidar com estes dois sistemas.

A aula de Binns, e a sua prática de exigir tantas tarefas escritas é um exemplo claro de que, ainda que carregue uma marca que diz respeito a suas aulas serem sempre verbalizadas, ele, ainda assim, acredita que a escrita respalda que houve a aprendizagem.

**Livro HP3 – Pág.7:**

**“Era quase meia-noite e Harry estava deitado de bruços na cama, as cobertas puxadas por cima da cabeça como uma barraca, uma lanterna em uma das mãos e um grande livro encadernado em couro (História da Magia de Batilda Bagshot), aberto e apoiado no travesseiro. Harry correu a ponta da caneta de pena de águia pela página, franzindo a testa, à procura de alguma coisa que o ajudasse a escrever sua redação, "A queima de bruxas no século XIV foi totalmente despropositada — discuta".”.**

Os exercícios “para casa” são bastante costumeiros na metodologia de Binns, que os faz escrever, muito ainda que sua aula seja totalmente verbalizada. A prática de aliar exercícios à disciplina escolar complementa o processo que compõe o ensino e a aprendizagem das disciplinas escolares:

Se os conteúdos explícitos constituem o eixo central da disciplina ensinada, o exercício é a contrapartida quase indispensável. A inversão momentânea dos papéis entre o professor e o aluno constitui o elemento fundamental desse interminável diálogo de gerações que se opera no interior da escola.

Sem o exercício e seu controle, não há fixação possível de uma disciplina. (CHERVEL, 1990, p. 204).

A prática de Binns então se encontra nesta perspectiva em que, para que haja fixação de conteúdo de sua disciplina, é necessário que os alunos façam grandes quantidades de exercícios, ou como é referenciado na saga, “metros de pergaminho”. Entretanto, “a tarefa de ensinar história considerando as questões do letramento é um desafio para os professores – eles não foram formados para ensinar história e correlacionar este conhecimento com o processo de letramento” (AZEVEDO, 2011, p. 15). Para isso, é preciso compreender que a sala de aula transita por outros campos além da história:

A construção de sentido histórico na história ensinada exige do professor um exercício que transita entre História, oralidade, leitura e escrita. Nessa busca por dar sentido à história ensinada o professor faz um percurso didático que perpassa tanto pela sua compreensão da História e os subsídios que possui para isto, como pela cultura letrada que permeia a historiografia acadêmica e escolar, assim como a compreensão situada do tempo-espaço no qual a sua sala de aula está inserida. (AZEVEDO, 2011, p. 15).

Sendo assim, para que o professor consiga de fato caminhar pelo letramento na história ensinada, é necessário que ele compreenda as peculiaridades do espaço escolar e os aspectos com os quais ele precisará lidar neste espaço multifacetado que é a sala de aula.

**Livro HP3 – p.14:**

**“Você viu a foto de Rony com a família que saiu no jornal na semana passada? Aposto que ele está aprendendo um monte de coisas. Estou com inveja — os bruxos do Egito antigo são fascinantes. Aqui também tem histórias de bruxaria locais interessantes. Reescrevi todo o meu trabalho de História da Magia para incluir algumas coisas que descobri. Espero que não fique grande demais — são dois rolos de pergaminho a mais do que o Prof. Binns**

**pediu.”**

O saber pela experiência ganha destaque neste trecho, sinalizando que os personagens entendem a experiência como força de aprendizado fora dos limites da sala de aula. Nesta lógica, quando a experiência adquirida na vida alcança o espaço escolar e alcança os limites da sala de aula, produz uma memória complexa (AZEVEDO, 2016) e, termina por produzir sentido e significação daquilo que foi aprendido.

Outro ponto de análise sobre este indício é o interesse pela história de outros países, seus grandes nomes e aspectos culturais, postura oposta ao desdém que os alunos possuem em relação a disciplina História da Magia. Isso aponta para a problemática da metodologia utilizada por Binns:

Os alunos questionam o professor sobre o valor de se estudar história. Ao questionarem sobre o seu valor eles apontam também uma problemática central da historiografia que aparece no ensino de história, o seu distanciamento do universo que cerca o aluno que está nas nossas salas de aula. (AZEVEDO, 2009, p. 10).

Conforme já apresentado na análise de outros indícios, ao longo da narrativa de Harry Potter, fica evidente que o afastamento entre o que é aprendido na sala de aula e o cotidiano dos alunos é um dos fatores responsáveis pelo desinteresse dos alunos em relação à disciplina descrita nos indícios.

**Livro HP4 – p. 136:**

**“Entrementes, o Prof. Binns, o fantasma que ensinava História da Magia, mandou-os escrever ensaios semanais sobre a Revolta dos Duendes no século XVIII.”**

A metodologia de Binns deixa evidente a necessidade de fixar uma versão de passado, que constrói uma narrativa específica. Para alcançar tal objetivo (a fixação), Binns propõe a seus alunos diversos exercícios repetitivos e maçantes, na tentativa de fazê-los não esquecer o

conteúdo aprendido. “Esse ‘conteudismo’ acaba por expressar uma sequência meramente cronológica fragmentada numa versão factual episódica ou mesmo anedótica” (CABRINI, 1994).

Esta postura, assim como tantas outras que já foram esmiuçadas ao longo da análise destes indícios, constrói uma ideia de História completamente fechada e factual, o que torna esta narrativa não reflexiva, logo, não tem como objetivo a formação de criticidade.

**Livro HP 6 – p.57:**

**“Harry leu varias vezes suas notas, sua respiração agora voltava ao normal. Eu consegui, pensou ele, sempre soube que iria mal a Adivinhação, e também sabia que não passaria em História da Magia já que ele tinha desmaiado na hora do exame, mas ele conseguiu passar em todo o resto! Tinha se dado bem em Transfiguração e Herbologia, tinha excedido as expectativas até em Poções! E o melhor de tudo, tinha conseguido um Ótimo em Defesa Contra as Artes das Trevas! Ele olhou ao seu redor. Hermione estava olhando pra trás, e o Rony estava com um brilho nos olhos. - Falhamos somente em adivinhação e História da Magia, quem se importa com isso? Disse feliz a Harry. Aqui... Deixa-me ver.”**

A forma como muitos alunos encaram o Ensino de História é contemplada pela fala de Harry neste indício. Isso remete a aspectos já tratados em outros indícios, como afastamento da realidade do aluno por exemplo. Porém, neste indício é possível perceber algo

preocupante: a ausência de sentido e a não importância que os alunos encaram a disciplina História da Magia.

Neste momento da vida escolar, isso fica latente e é prejudicial, pois se trata de um exame que todos os alunos realizam para serem analisados em suas habilidades e competências com foco em alocá-los de acordo com seus perfis no mundo do trabalho após a saída da escola.

O desprestígio dedicado ao Ensino da História, a narrativa do passado bruxo, é evidente, entretanto, em inúmeras situações, foi aquela história ensinada que foi desprezada que auxiliou o herói e seus amigos a solucionarem seus problemas, marcando assim, uma ruptura entre ensino e uso. E sobre este ponto, será tratado a seguir, nos indícios da terceira categoria classificatória: Usos da história ensinada.

#### **4.2.3 Categoria “Usos da História Ensinada”**

Esta categoria apresenta os usos dados a História ensinada, indicando nos indícios selecionados os episódios nos quais o conhecimento adquirido em sala de aula ganha valor para vida além dos limites da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e a disciplina História da Magia.

Quando pensamos em usos na vida cotidiana, sinalizamos que os conhecimentos históricos ensinados, ainda que a partir de uma narrativa permeada pelas grandes datas e nomes, alteram a percepção de mundo dos indivíduos que eles tiveram acesso.

Passagens narradas como os ocorridos ao longo do sétimo e último livro, nas quais Hermione Granger, fiel amiga do protagonista Harry, tem como objeto de consulta seu livro didático de História da Magia para encontrar respostas a seus questionamentos, são formas que o valor da história marca presença na narrativa literária.

A perspectiva histórica perpassa a saga Harry Potter de maneira significativa em momentos não avistáveis a “olhos nus”, mas o ensino da história, ainda que retratado por um viés tradicional, demonstra promover novos olhares aos discentes, formando valores relativos à consciência histórica.

**Livro HP4 – p.261:**

**“- Agora está se preocupando com os coitadinhos dos duendes, é?” - perguntou Rony a Hermione. - Está pensando em lançar um S.P.D.F. ou outra coisa do gênero? Uma Sociedade Protetora dos Duendes Feios?**

**- Ha, ha, ha - exclamou Hermione sarcasticamente. - Duendes não precisam de proteção. Você não tem prestado atenção ao que o Prof. Binns vem nos contando sobre as revoltas dos duendes?**

**- Não - disseram Harry e Rony juntos.**

**- Pois é, eles têm plena capacidade de enfrentar os bruxos - disse Hermione, tomando mais um golinho de cerveja amanteigada. - Eles são muito inteligentes.”**

O conhecimento adquirido sobre os Elfos e seus comportamentos encontra aplicação prática dentro de um diálogo estabelecido fora do contexto escolar, o que nos mostra que, apesar de toda a carga tradicionalista da metodologia de Binns, o Ensino da História, ainda sim, finca sua importância.

A saga se desenvolve nos anos de 1990. Observamos neste momento histórico da Europa uma mudança impactante dos processos migratórios. Em 1993 será implantada a União Europeia, acontecimento de suma relevância, pois intensifica a saída de cidadãos de suas origens em busca de oportunidade em outros países economicamente mais ativos.

Lembremos que na biografia pública de J. K. Rowling, ela vive um período em Portugal, país este que sofreu forte fluxo de emigração. Várias cidadezinhas e vilarejos na atualidade estão praticamente desertos, os jovens portugueses revisitarão o século XVI e sairão não ao mar, mas a terra, isto é, migraram para vários países europeus de economia mais estável.

Os duendes, a nosso ver são os diferentes, os migrantes, a força de trabalho explorada. Hermione é a voz feminina preocupada com as causas sociais. Vemos em Hermione a imagem de J. K. Rowling. Este indício aponta para o surgimento e organização de movimentos sociais de grupos excluídos que buscam legitimidade na sociedade de consumo.

**Livro HP6 – p. 191:**

**“— Eu não sei, disse batendo nos lábios, O pai dele, talvez? Ela olhava fixamente através da sala, aparentemente perdida em seus pensamentos, nem mesmo percebeu Lílá fazendo cócegas em Rony.**

**— Como está Lupin? - Nada bem, e contou-lhe sobre a missão dele de se infiltrar entre os lobisomens e as dificuldades disso. Você já ouviu falar em Fenrir Greyback?**

**— Sim, eu já ouvi, respondeu de sobressalto, E você também, Harry!**

**— Quando? Em História da Magia? Você sabe muito bem que eu não prestava atenção... - Não, não, História da Magia não! Malfoy ameaçou Borgin sobre ele! disse Hermione. Lá na Travessa do Tranco, não se lembra? Ele disse para Borgin que Fenrir Greyback era um velho amigo da família e que ele estaria de olho nos progressos de Borgin.”**

Neste indício, Harry deixa claro seu desinteresse por História da Magia, e com isso evidencia o quanto desconhece da disciplina por ter desprezado as aulas de Binns. Ainda que o nome em questão e o contexto citado não tivessem feito parte do conteúdo programático de

História da Magia, caso fosse, Harry, de todo modo, não saberia, justamente por esta postura de indiferença diante da disciplina.

Cabe destacar que o aprendizado e o uso da história ensinada, estão em momentos distintos. A história, sobretudo a história escolar, não possui uma perspectiva utilitarista, mesmo que seja de conhecimento a importância dela para o sujeito no tempo. A falta desta perspectiva causa justamente o desinteresse de muitos dos alunos nas aulas de Binns e as informações presentes no currículo da disciplina.

A experiência da história no “mundo da vida” muitas vezes apresenta, na série, um descompasso com a disciplina escolar. A história recorrentemente é usada, o passado e seus significados são propulsores de muitas ações no presente ficcional, mas a disciplina história e seus conteúdos não recebem de Harry o mesmo valor:

O primeiro fator da matriz disciplinar da ciência da história é formado, por conseguinte, pelas carências fundamentais de orientação da prática humana da vida no tempo, que reclamam o pensamento histórico; carência de orientação que se articula na forma de interesses cognitivos pelo passado. (RUSEN, 2001 p. 30).

A marca do tempo do ensino-aprendizado e do uso do conhecimento adquirido é um elemento interessante ao pensarmos no uso do ensino de história na vida mundana, pois ele não possui uma função imediata e um uso claro e específico. O conhecimento histórico está imerso no mundo complexo que é a vida. Rusen, ao apontar a carência fundante que o indivíduo possui orientação para vida prática, nos aponta o papel social da história, mas também nos indica uma questão complexa da contemporaneidade, isto é, o para que e o porquê se aprender história.

Ronaldo Vainfas (2011) defende o ensino da história enquanto parte primordial à formação dos indivíduos nos dias atuais:

Aprender História é essencial para formar indivíduos com senso crítico em relação ao mundo no qual estão inseridos. Deve, por isso, ser disciplina obrigatória desde o Ensino Fundamental. É nesta etapa da vida escolar que os alunos constroem a base de sua formação enquanto indivíduos, em meio à qual se transformam de crianças em jovens adolescentes. A História talvez seja a matéria mais vocacionada para a formação de indivíduos conscientes de seu lugar no mundo, pois estuda as alteridades no tempo e no espaço, quer sociedades distintas e remotas, quer as sociedades e o mundo atuais. (VAINFAS, 2011, s/n).

Entretanto, a história, em muitos momentos, foi a responsável pela construção de identidades nacionais, parte de projetos de nação e formação de indivíduos em suas

identidades sociais e também nacionais. A história sob este viés se concebe também como instrumento de difusão ideológica e com caráter formador.

**Livro HP7 – p. 45:**

**“- E vou lhe dizer mais – continuou Muriel, com um leve soluço, baixando sua taça. – Acho que Batida deu com a língua nos dentes para Rita Skeeter. Aquelas insinuações que ela fez na entrevista sobre uma importante fonte chegada aos Dumbledore... todos sabem que Batilda presenciou o que aconteceu com Ariana, e se encaixaria perfeitamente!**

**– Batilda jamais falaria com Rita Skeeter! – murmurou Doge.**

**– Batilda Bagshot? – indagou Harry. – A autora de História da magia? O nome estava impresso na capa de um de seus livros de escola, embora o garoto reconhecesse que não era um dos que ele tivesse lido com muita atenção.”**

Este trecho mostra o uso do livro didático para além do contexto de sala de aula, ajudando a solucionar questões dadas pelo mundo extraclasse, o que nos mostra, como de fato, o conhecimento e o material que usamos num contexto escolar pode ter grandes e inesperadas serventias ao cotidiano.

Isso acontece porque a narrativa histórica não está desconectada do mundo da vida, ainda que se relacione com ele de maneira diferenciada. “A História revela um olhar, a lente que o historiador usa em sua pesquisa; quando terminada a pesquisa esta ganha uma conservação própria do ato de fazer História, diferente da memória que continua em constante construção” (AZEVEDO, 2016, p. 55).

Mais uma vez, a necessidade de sentido na relação ensino aprendizagem se faz presente, afinal, se a história não está desconectada do mundo da vida, a disciplina escolar também não deve o fazer.

É importante pensar neste indício no ofício do historiador e em suas peculiaridades. Jenkins nos ajuda a compreender esse lugar de sua escrita:

[...] a história é o ofício dos historiadores (e/ou daqueles que agem como se fossem historiadores). quando os historiadores se encontram, a primeira coisa que perguntam uns aos outros é: “No que vocês estão trabalhando?” Esse trabalho, expresso em livros, periódicos etc., é o que você lê quando estuda história. Isso significa que a história está, muito literalmente, nas estantes das bibliotecas e de outros lugares. (JENKINS, 2009, p. 25).

Harry, ao falar do livro, está dialogando diretamente falando de uma das materialidades da história e da forma como as pessoas têm acesso a ela, sendo a escrita a forma de divulgação. Para Jenkins (2009), muitas pessoas escrevem a história, como os jornalistas por um exemplo, mas, verdadeiramente os historiadores é que são os portadores do ofício de fazer a história.

Rowling, de certa forma, destaca o embate que existe sobre quem tem autoridade para narrar e escrever sobre o passado, tendo a historiadora Batilda Bagshot a função real de contar a história do passado bruxo, sendo Rita Skeeter, uma curiosa, fora da função. Desta forma, a afirmação do personagem Doge no indício destacado acima, indica que a jornalista e a historiadora operam de formas diferentes, pois seus ofícios diferem.

**Livro HP 7 – p. 110:**

**“–Bem, então – disse Harry, ansioso para discutir sua teoria –, informações sobre Dumbledore? A segunda folha desta carta, por exemplo. Sabe essa Batilda que minha mãe menciona, sabe quem ela é?  
– Quem? – Batilda Bagshot, a autora de...  
– História da magia – completou Hermione, mostrando interesse.**

**– Então os seus pais a conheciam? Ela foi uma incrível historiadora da magia.”**

Ao reconhecer a Historiadora Batilda Bagshot, autora do livro que usaram durante seus anos letivos em Hogwarts, Harry e Hermione começam a aproximar o que fez parte do conteúdo programático da escola com o cotidiano, mais uma vez e com isso, traz proximidade entre a realidade destes e o conteúdo que aprenderam ao longo dos anos em Hogwarts.

Outra questão periférica – mas a nosso ver importante – é que os autores de livros didático não gozam da mesma fama que os autores de literatura ou de historiografia tradicional. Batilda é a autora do livro que acompanha os jovens na escola do seu primeiro ao último ano de formação, mesmo assim Harry e Rony desconhecem a autora, somente Hermione, a voz da intelectual, reconhece e atualiza os outros sobre quem é Batilda.

Na atualidade, o mercado editorial de livro didático tem optado por não apresentar os autores e trabalhar como equipes. Podemos observar isto em algumas coleções oferecidas pelo Plano Nacional de Livro Didático, como exemplo o Projeto Araribá<sup>30</sup> de História. A autoria do livro é retirada. Isso tem relação com fatores econômicos que não trataremos nesta dissertação.

Em relação ao indício, a questão está mais em uma prática pedagógica que não compreende o livro didático como um artefato cultural e sim como um suporte pedagógico, não explorando totalmente o potencial que ele possui. Nos Estados Unidos calcula-se que cerca de 75% do tempo em sala de aula é gasto no trabalho com livros didáticos e que 90% do tempo de estudo em casa é ancorado neste mesmo instrumento educacional, sendo ele parte crucial das práticas pedagógicas em vigência.

**Livro HP7 – p. 180:**

**“– Sério? Gryffindor era de Godric’s Hollow?  
– Harry, algum dia você ao menos abriu História da magia?  
– Ah – disse ele, sentindo que sorria pela**

<sup>30</sup> Projeto Araribá, organizadora Editora Moderna, obra coletiva e desenvolvida pela editora citada anteriormente.

**primeira vez em meses: os músculos do seu rosto lhe pareceram estranhamente rígidos.**

**– Eu talvez tenha aberto, sabe, quando o comprei... só uma vez... – Bem, como a aldeia tem o nome dele, imaginei que você talvez tivesse feito à ligação – retrucou Hermione.**

**Seu tom de voz agora estava muito mais parecido com o da velha Hermione do que ultimamente; Harry quase esperou que ela anunciasse que ia à biblioteca.**

**– No livro, tem um trechinho sobre a aldeia, espere aí... Ela abriu a bolsinha de contas e procurou um momento, por fim, tirou o seu exemplar do livro-texto de Batilda Bagshot, pelo qual correu o polegar até encontrar a página que queria.”**

Alertado por Hermione, após saber e identificar que Godrico Grifinória (Godric Gryffindor), fundador da casa em Hogwarts Grifinória era oriundo de Godric's Hollow, Harry se dá conta de que informações de grande importância como esta, sempre estiveram a seu alcance, no livro didático selecionado para as aulas de História da Magia em Hogwarts, durante alguns de seus anos escolares, mas que ele nunca havia dado a devida atenção.

A história por muitas vezes não apresenta um resultado direto, no qual se percebe rapidamente a aplicação prática do aprendizado, como, por exemplo, na disciplina Matemática, em que, ao aprender um novo cálculo, a aplicabilidade é logo visível, e com isso a matemática ganha um título de disciplina útil, de real importância. A história, no entanto, em sua aplicabilidade, depende muito da subjetividade do sujeito para utilizar-se da história ensinada. Isto porque a compreensão da aplicação da história depende da forma como o sujeito recebe e posteriormente manipula os conhecimentos e os torna parte de uma compreensão maior.

**Livro HP7 – p. 181:**

**“– Você e seus pais não são mencionados – disse Hermione, fechando o livro –, porque a professora Bagshot aborda apenas os eventos até o fim do século XIX. Mas você está entendendo? Godric’s Hollow, Godrico Gryffindor, a espada de Gryffindor; você não acha que Dumbledore teria esperado que você fizesse a ligação?”**

Este trecho é crucial para entender as concepções que movem a narrativa histórica, que é utilizada no enredo de Harry Potter, mais especificamente no contexto das aulas de História da Magia, ministradas por Binns.

Ao sabermos que o livro usado como apoiador do conteúdo programático para o Ensino de História da Magia termina nos acontecimentos do século XIX, percebemos a opção por uma concepção de História que é distanciada do tempo presente.

Esta opção de narrativa pode gerar nos discentes este sentimento de não pertencimento, de afastamento destes acontecimentos de sua realidade a tal ponto que o que é tratado no conteúdo escolar se torna quase folclórico.

Mesmo Harry, que ocupa um lugar significativo na história do mundo bruxo não pertencia à narrativa construída pelo livro exatamente pelo fato de trazer apenas acontecimentos ocorridos somente até o século XIX, o que não chega até o espaço temporal ao qual ele e sua história pertencem. Isso nos leva a refletir, mais uma vez, sobre a necessidade de significação do conhecimento elegido para as disciplinas.

**Livro HP 7 – p. 286:**

“– Então, preciso lhe dizer o seguinte: se você fez algum negócio com Grampo, e, muito particularmente, se esse negócio envolver tesouros, você precisa ter excepcional cautela. As ideias que duendes têm de posse, pagamento e retribuição não são as mesmas que as dos humanos. Harry sentiu um leve mal-estar, como se uma cobrinha tivesse despertado em seu íntimo.

– Que está querendo dizer?

– Estamos lidando com uma raça diferente. Os negócios entre bruxos e duendes há séculos têm sido desgastantes: mas você aprendeu isso em História da Magia. Tem havido erros de ambas as partes. Eu jamais diria que os bruxos foram inocentes. Entretanto, há uma crença entre os duendes, e os de Gringotes são mais influenciados por ela, de que não se pode confiar nos bruxos em questões de ouro e tesouros, de que eles não respeitam o direito de propriedade dos duendes.

– Eu respeito... – começou Harry, mas Gui balançou a cabeça. – Você não está entendendo, Harry, ninguém poderia entender a não ser que tenha convivido com duendes. Para um duende, o dono verdadeiro e legítimo de qualquer objeto é quem o fabricou e não quem o comprou. Todos os objetos feitos por duendes são, aos olhos dos duendes, legitimamente deles.”

Este trecho, que finaliza nossa análise de indícios/trechos encontrados no enredo de Harry Potter, mostra o uso da História Econômica em um contexto fora de sala de aula, que leva a refletir sobre a situação histórica e atual entre bruxos e duendes.

Este episódio nos remete, mais uma vez, ao fato que a formação de consciência histórica é de extrema importância, visto que permite ao indivíduo conhecer as dimensões da história e, com isso, compreender de maneira mais clara quem é e o porquê a realidade na qual está inserido passou a funcionar desta maneira. Em um exercício de compreender o movimento do outro:

[O] conceito de “consciência histórica”, que definimos como a capacidade que cada época tem de se representar e se atribuir identidade e um sentido, mesmo se ainda está no tempo, inacabada e incompleta, e não pode ter de si mesma uma visão global. (REIS, 2013 p. 23).

No caso deste indício, seria impossível aos personagens entender as raízes destes conflitos se não houvesse um conhecimento prévio do histórico em torno das duas raças em questão, humanos e duendes. “Pensar a história” significa atribuir sentido às experiências que, mesmo que se apresentem como verdade universal e atemporal, são ‘sentidos históricos’” (REIS, 2013 p. 23).

A seguir, na conclusão deste trabalho, serão apontadas de maneira mais geral, quais direções caminharam as análises feitas nas três categorias classificatórias apresentadas aqui. Na conclusão também iremos perceber o caminho construído nos trilhos desta análise do Ensino de História na saga Harry Potter.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na década de 1990, quando Joanne Kathleen Rowling, sem perspectivas de uma vida melhor, começou a escrever a saga Harry Potter, não tinha a dimensão do sucesso que esta viria a ser. A história do menino que venceu completou vinte (20) anos no ano de 2017 com inúmeras homenagens e comemorações, por ter alcançado números inimagináveis de sucesso e, conquistado, nestas duas décadas, milhares de crianças e jovens por todos os cantos do mundo, que até hoje aguardam ansiosamente pela chegada de sua carta de Hogwarts.

O universo ficcional criado pela autora traz consigo, dentre tantas coisas, um cotidiano escolar muito próximo ao que encontramos no mundo contemporâneo e não ficcional, com elementos como rotina, currículo, avaliações, materiais didáticos, disciplinas entre outros. Ainda que não tenhamos a sorte de contar com os elementos mágicos que agraciam o dia a dia dos alunos e professores na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, todos nós podemos nos identificar um pouco com o dia a dia na escola.

Adentrando a este cotidiano escolar mágico vivido em Hogwarts, fica fácil perceber que o Ensino de História tem importância ímpar, e isso fica evidente quando a disciplina História da Magia é a uma das poucas disciplinas não eletivas no currículo escolar, que é extremamente flexível e permite aos alunos que escolham grande parte de suas disciplinas a partir de seus interesses.

Cubbert Binns, o professor que leciona esta disciplina por ser um fantasma, já aponta conclusões, como por exemplo, pelo fato de que, por ele ser um fantasma, pode atravessar os séculos e ser expectador dos acontecimentos, ainda que sem corpo presente. E ao lecionar História da Magia, pode falar com propriedade do tempo descrito no livro didático, afinal, o presenciou e continua o presenciando, podendo, inclusive, fazer relações entre passado, presente e futuro.

Compreendendo a vasta existência de elementos relacionados ao Currículo e ao Ensino de História no enredo criado por J.K.Rowling, este trabalho se propõe a fazer uma análise do Ensino de História na narrativa ficcional de Harry Potter. Para tal, foi necessário imergir nas três mil páginas do enredo sobre Harry, seus amigos e suas aventuras, e nelas buscar os indícios que sustentassem as análises às quais este se dispôs a fazer.

Com base nos referenciais teórico-metodológicos eleitos para sustentar estas análises, especialmente as contribuições de Bakhtin e Carlo Ginzburg, as quais exploramos mais a fundo no capítulo dois, e assim foram criadas as categorias classificatórias.

Sendo assim, no capítulo anterior, as três categorias classificatórias criadas foram aprofundadas e exemplificadas com base nos indícios encontrados nos sete livros da saga. Após uma análise feita indício a indício, é possível agora dar um parecer mais geral sobre cada categoria e os principais pontos importantes e que apontem para contribuições nos campos da Educação e da História.

Por conseguinte, início dissertando sobre a análise geral da categoria um, denominada “Professor/aula”, que como já dito em momento anterior, corresponde aos indícios que tratam do espaço-tempo da sala de aula e o trabalho do professor da disciplina História da Magia em sua atuação docente. É notório que os indícios desta categoria, que são encontrados principalmente nos primeiros livros, evidenciam as práticas tradicionalistas de Binns, caracterizadas por um “olhar míope” sobre os alunos, que os entende e os reflexos destas ações no dia a dia da sala de aula.

As análises feitas sobre os indícios desta categoria chamam atenção para o distanciamento entre o conteúdo programático da disciplina e a realidade dos alunos, apontando que este aspecto é um dos maiores fatores do desinteresse dos alunos em relação ao que é aprendido em História da Magia, já que os personagens e os acontecimentos e eventos narrados na literatura da disciplina são de épocas muito anteriores ao período em que vivem, não havendo identificação com o que aprendido. E isso se dá também porque estes alunos não se percebem enquanto parte também do processo histórico, no lugar de sujeitos históricos.

Esta distância entre a realidade dos bruxos que frequentam as classes de Hogwarts e os personagens que estudam, faz com que muitos alunos, como o próprio Harry não tenham sequer aberto o livro didático ‘História da Magia’ após sua compra. Este ponto muito se assemelha como a realidade escolar de desinteresse que muitos professores relatam na Educação brasileira contemporânea, que nos leva a pensar que está, a cada dia, se tornando mais árduo o fazer docente, especialmente em tempos de crise moral e política<sup>31</sup>.

Outro ponto para destaque são indícios que apresentam o tipo de narrativa histórica que foi socialmente construída no mundo bruxo, na qual a história contada é sob o ponto de vista dos vencedores e alguns eventos são eleitos como os dignos de destaque e exaltação, em uma perspectiva linear e progressista da história.

A segunda categoria por sua vez, intitulada ‘Uso do livro Didático/Atividades’, abarcou as análises dos indícios relacionados a uso do livro didático da disciplina História da

---

<sup>31</sup> Faço referência aos seguidos e recentes episódios ocorridos na política brasileira: Impeachment, escândalos de corrupções, brigas ideológicas e prisões.

Magia e as atividades realizadas pelos alunos, tais como exercícios de fixação feitos no formato de longas redações sobre os temas estudados e as avaliações da disciplina.

Debruçando-se sobre as análises feitas no capítulo dois, é perceptível que alguns pontos se destacam, dentre eles o protagonismo do livro didático na prática de Binns, mostrando-se inclusive o parâmetro de linearidade das aulas. Além disso, é exigida da turma uma carga grande de escrita, em detrimento de outros momentos de aprendizagem, como por exemplo, os debates sobre o tema.

Estas redações e outras atividades exigidas pelo professor indicam também outro ponto importante: a narrativa histórica selecionada enquanto prioridade para a história escolar na saga, que tende a olhar a História de maneira cronológica e, a partir de grandes fatos e grandes nomes, em episódios como Código de Conduta do lobisomem de 1637, A revolta de Eletric, o Ambicioso e o Congresso Medieval de Bruxos Europeus e com o recorte específico de um tempo distante.

A reflexão sobre os indícios da categoria dois levam a concluir que o alinhamento de Binns às práticas tradicionalistas seja um dos grandes fatores do carácter maçante que a disciplina possui aos olhos dos discentes, sendo considerada então a “aula mais chata de todas” (HP, 2000, p. 117).

A eleição de uma narrativa, baseada em grandes fatos e nomes, aliada ao fato de que o conteúdo do livro didático reúne acontecimentos ocorridos até o século XIX somente, evidencia um abismo temporal existente entre os alunos e o conteúdo aprendido em sala de aula, já que aprender história será sempre desinteressante aos alunos por estarem tudo o que aprendem estar muito distante e parecer (ainda que posteriormente descubram que não) desconexo ao que presenciam no tempo presente. Aprender temas como velhos bruxos gagás que inventaram caldeirões automexíveis, como Harry aponta em um dos indícios que encontramos no primeiro livro da saga, não faz parte dos interesses dos discentes.

Entretanto, os indícios da terceira categoria classificatória ganham um aspecto peculiar, pois sinalizam que História ensinada passa a ter uma grande importância, pois passa a ter usos na vida cotidiana, fora do contexto escolar. O desdém com a disciplina História da Magia na fase escolar, ao logo da saga, vai perdendo força, pois os próprios personagens vão se dando conta da importância de conhecer a história de seu mundo, da sociedade na qual estão inseridos, para, assim, melhor compreender fatos passados, solucionar os presentes e, quem sabe, prever alguns futuros.

A importância da história é notada por Harry Potter principalmente no último livro da Saga, Harry Potter e as Relíquias da morte, quando, para conhecer peculiaridades de sua própria vida, precisou também conhecer a história da aldeia Godric's Hollow e sua relação com um dos bruxos fundadores de Hogwarts.

Hermione por muitas vezes utilizou a história ensinada, aprendida nas aulas e nos livros didáticos para solucionar questões que surgiam durante sua caçada as horcruxes<sup>32</sup>, aparecendo ao longo da narrativa ficcional, como por exemplo, ao desvendar o mistério da Câmara Secreta, conhecendo parte da história de Salazar Sonserina (Salazar Slytherin), a fundação de Hogwarts e a morte misteriosa da Murta Que Geme. Rony, por sua vez, apesar de pouco ser encontrado nos trechos destacados como indícios para esta pesquisa, também participa destes eventos nos quais foi preciso recorrer ao passado, à história do mundo bruxo e a seus desdobramentos.

Irrefutável e indispensável é o ensino da História na saga, já que possibilita a formação de indivíduos capazes de participar ativamente de seu tempo presente e modificá-lo tomando decisões baseadas no conhecimento prévio sobre acontecimentos anteriores. A História então assume o papel de mestra da vida, e alcança este patamar graças à espécie de poder, de vantagem assegurada pelo conhecimento dela, relacionado à sua sociedade e que, neste caso, foi apresentada no contexto escolar, durante as aulas de Binns, as leituras do livro de Batilda Bagshot, na forma de História Ensinada.

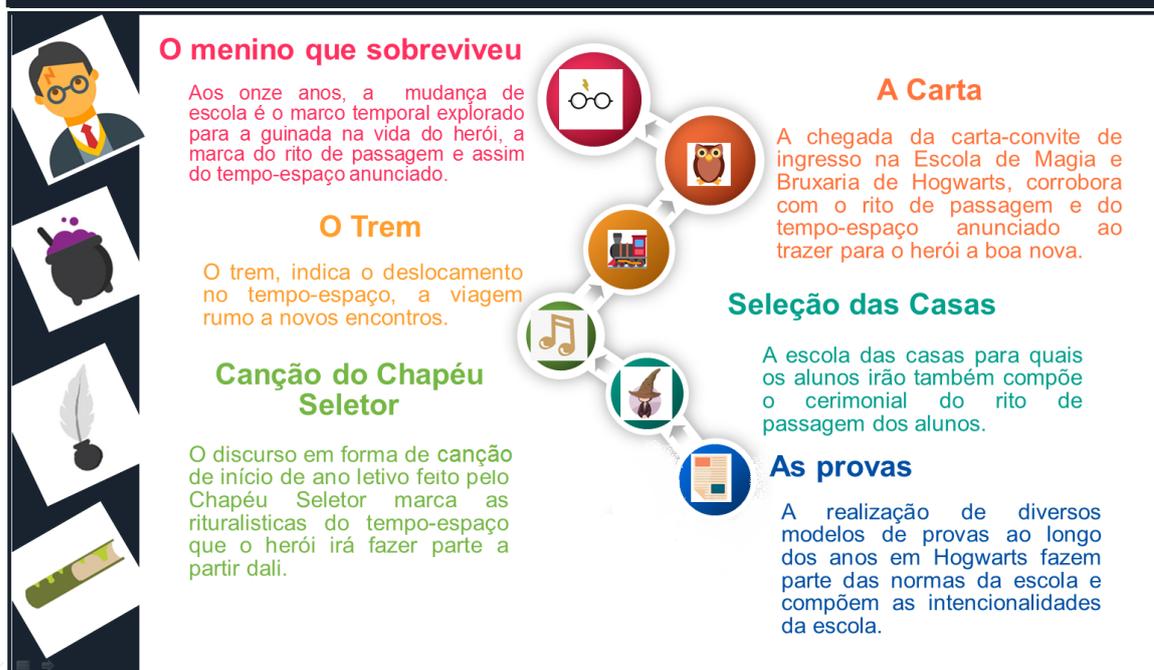
Desta forma, esta história ensinada que compunha o tempo-espaço da sala de aula, da aula de história da Magia, extrapola os limites do castelo e adentra os demais espaços, apontando para uma das características dos cronotopos, a possibilidade de convergirem e/ ou fazerem parte um do outro.

Pensando nas perspectivas de Macro e micro, a escola se constitui como um cronotopo que abrange diversos outros, mas que também compõe, diverge e converge com outros. Entretanto, cabe destacar os principais aspectos que compõem o cronotopo escolar em suas ritualísticas e intencionalidades, especialmente porque alguns podem ser encontrados em todos os livros da saga. Nesta imagem, é possível lembrar os principais aspectos encontrados na narrativa:

---

<sup>32</sup> Horcruxes são objetos mágicos, criados de maneira proibida a partir do uso de Magia da força das trevas para guardar fragmentos da alma de uma pessoa que irá garantir que ela não morra mesmo se seu corpo for destruído. Com isso, ela poderá retornar a vida de outras formas. Para cada horcruxe criada é necessário o assassinato de uma pessoa. O vilão Lord Voldemort criou sete horcruxes, que precisam ser destruídas para evitar seu retorno.

## Marcas do Cronotopo Escolar em Harry Potter



O quadro acima evidencia algumas marcas do cronotopo escolar que foram destrinchadas ao longo das páginas deste trabalho, que apontam alguns marcos do tempo-espaço na vida do herói Harry Potter. Logo no início, a mudança repentina de vida do menino comum ou menino bruxo que sobreviveu, conhecido por todos no mundo bruxo.

A carta, que anuncia este novo momento, convidando o menino a ingressar em um mundo novo, em uma escola pronta para recebê-lo e torná-lo um jovem bruxo de verdade. Lá, ele irá adquirir os conhecimentos necessários para a vida bruxa, complementando o rito de passagem na vida do mesmo.

O trem, símbolo da viagem, que leva a novos caminhos, rumo ao desconhecido. E lá, começam os primeiros encontros do herói consigo mesmo e com os amigos que irão acompanhá-lo no desconhecido, na nova vida que se inicia.

A canção do Chapéu Seletor, parte do cerimonial de início de ano letivo em Hogwarts, na qual já se apresentam as primeiras normas e as funções às quais se dispõe a Escola: formar jovens bruxos, valorizando suas habilidades e tornando-os melhores atuantes na sociedade bruxa, preparando-os especialmente para o mercado de trabalho.

Em consequente à canção, a seleção das casas, em que o Chapéu Seletor dá continuidade ao projeto da escola, selecionando os jovens bruxinhos de acordo com seus

anseios e os encaixando nas quatro casas de Hogwarts; Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa e Corvinal.

E as provas, marcas das intenções do currículo de Hogwarts que perpassam todos os anos letivos, em suas várias modalidades, das provas específicas de cada disciplina, aos grandes exames que definem as escolhas que afetarão as escolhas profissionais dos estudantes futuramente.

Estes aspectos, ainda que referentes à narrativa e seu carácter fantástico, carregam as marcas temporais e apontam como ela constitui o desenvolvimento da saga, da vida regular dos alunos como um elemento estruturante do enredo e da compreensão do tempo na escola e do tempo da vida narrado pela autora e de compreendido pelos leitores. Tornando-se ponto de partida para que os leitores tenham a compreensão destas marcas que também são existentes em sua cultura escolar e forme ideais de escola e de Ensino de História.

Foi possível também nas análises, perceber a relevância do estudo. Pois, ao pensarmos o ensino de história na ficção, observamos como em seu imaginário a autora percebe lugar social da disciplina escolar e em conseguinte dialoga também com uma compreensão cultural mais ampla. Ao analisarmos os indícios, percebemos como a sociedade inglesa, dentre outras, visto que a saga possui uma adesão imensa no mundo, compreendem a função social do ensino de história e seu uso na vida regular das pessoas. J. K. Rowling materializa em sua narrativa a compreensão que permeia o senso comum sobre o papel e a finalidade do ensino de história na sociedade contemporânea, isto é, a história como mestra da vida.

A necessidade de conhecer a história de seu mundo para compreender o Eu, o coletivo e a realidade que os cerca, mostra o valor que a história tem enquanto formadora de consciência que possibilita o indivíduo, entender melhor o pano de fundo dos eventos e tomar as decisões que lhes pareçam mais assertivas, de acordo com o exemplo empírico aprendido com os relatos históricos, em um entendimento da história como mestra da vida, aquela que ensina o que devemos aprender sobre nosso passado para nos auxiliar na compreensão de nós mesmos e de nossa sociedade. Isto marca um dos usos da história ensinada na vida cotidiana, para além de contextos escolares.

O Ensino de História seja na narrativa ficcional imaginada por J.K. Rowling ou em nossa realidade não ficcional, dos tempos passados ou contemporâneos, embora contenha elementos tradicionalistas em seu currículo e prática docente, se fez e se faz presente, e de forma incontestável, permeando todos os campos da vida de todos os indivíduos. E ainda que

nunca mais participem de contextos escolares, ela sempre estará lá, mostrando seu valor e provando sua importância através dos séculos, diante dos novos modos de viver e olhares sobre o mundo que possam vir a surgir.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. 2. reimpr. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AZEVEDO, P. B. de. **História ensinada: produção de sentido em práticas de letramento**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ensino de história e memória social: a construção da história ensinada em uma sala de aula dialógica**. In: 32ª anped, 2009, caxambu. Sociedade, cultura e educação: novas regulações?. Timbaúba/pe: espaço livre, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ensino de História e memória social: a construção da história-ensinada em uma sala de aula dialógica**. Niemcy: Edições Acadêmicas, 2016, v.1. p.155.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)**. 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BRANDÃO, A. J. de S. **Harry Potter: imagens de um mundo paralelo na sala de aula?** In. Revista Lumen Et Virtus. Vol. II, Nº 5 setembro/2011.

BITTENCOURT, Circe. Livro **didático e saber escolar: 1810-1970**. Autentica: Belo Horizonte, MG, 2004. p. 60-61 e 164-168.

CABRINI, Conceição (org.). **O ensino de História: revisão urgente**. 5ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

CAIME, Flávia Eloisa. **História escolar e memória coletiva: como se ensina? Como se aprende?** in: Rocha, Helenice; Magalhães, Marcelo & Gontijo, Rebeca (org.). A escrita da história escolar: memória e historiografia. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. 15ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 2,1990.

CHOPPIN,A. (Dir.). **Le manuel scolaire em cent références**. Paris: Institut National de Recherche Pédagogique,1991.

\_\_\_\_\_. **Les manuels scolaires: histoire et actualité**. Paris: Hachette Éducation, 1992.

\_\_\_\_\_. (Dir.). **Manuels scolaires, États et sociétés: XIX et XX siècles**. Histoire de l'Éducation, Paris, INPR, n.58, mai 1993.

COELHO, Claudio M. **Seminários de psicanálise e indiciário. Obra discutida: ?raízes do paradigma indiciário?.** 2006.

CORRÊA, G.T.; RIBEIRO, V.M.B. **Dialogando com Bakhtin: algumas contribuições para a compreensão das interações verbais no campo da saúde.** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.16, n.41, p.331-41, abr./jun. 2012.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira . **O Livro Escolar Como Fonte de Pesquisa em História da Educação.** Cadernos do CEDES (UNICAMP) , Campinas, v. 52, p. 11-24, 2000.

FARIA E.D., SOUZA, V. L. T. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/04.pdf>>. Acesso em: 13/01/2019

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 1.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

\_\_\_\_. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FORTUNATO, Geraldo Monteiro. **A contribuição da literatura infantil no desenvolvimento educacional.** Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

GABRIEL, C. T. e COSTA W. **Currículo de história, políticas da diferença e hegemonia: diálogos possíveis.** In: Educação e Realidade, v. 36 n. 1, p. 127 – 146, jan-abr/2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HASHIGUTI, S. T. **O corpo como materialidade do/no discurso.** In: III Seminário de Análise de Discurso (SEAD). Anais do evento. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEITE, Luciana Paiva de Vilhena . **Considerações sobre o sujeito na linguagem.** Vernaculum , v. 1, p. 1, 2009.

LINHARES, L. L. **Paulo Freire: por uma educação libertadora e humanista.** Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/729\\_522.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/729_522.pdf)>. Acesso em: 07/01/2019

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e Escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MONTEIRO, A.M. e PENNA, F.A. **Ensino de História: saberes de fronteira.** In: Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade) Acesso em: 10/01/2019

MONTEIRO, A. M. F.C. **Tempo presente no ensino de História: mediações culturais no currículo.** In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. ANAIS do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: Associação Nacional de História-ANPUH, 2011. v. 1.

MORSON, G. S.; EMERSON C. **Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística.** Tradução de Antonio de Pádua Dane si. São Paulo: EDUSP, 2008

MOTTA, Flávia. **De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental.** Educação e Pesquisa (USP. impresso) , v. 37, p. 157-173, 2011.

OLIVEIRA, Maria Gomes de. **O professor e a Pólis: cronotopos educacionais e inclusão social na escola.** Linguagem em (Dis)curso (Impresso) , v. 9, p. 273-302, 2009.

PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos. **Harry Potter: um chamado ao leitor.** Projeto de Doutorado apresentado a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos. **Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter.** Tese de doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre 2011.

PENNA, F. **A especificidade da história escolar como conhecimento ensinado.** In: Currículo e Conhecimento: diferentes perspectivas teóricas e abordagens metodológicas. 1 ed. Petrópolis : De Petrus: FAPERJ, 2014, v.1, p. 117-131.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e literatura: uma velha nova história.** Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Débats. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. 2006. Acesso em: 05/01/2019

PIERÓN, H. **Vocabulaire de Psychologie.** 5 ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea.** Tradução do italiano por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008

QUADROS, M.C. **Hogwarts: (Re) pensando a escola a partir de Harry Potter.** Disponível em: <[http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/HOGWARTS\\_%20RE\\_PENSANDO%20A%20ESCOLA%20A%20PARTIR%20DE%20HARRY%20POTTER.pdf](http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/HOGWARTS_%20RE_PENSANDO%20A%20ESCOLA%20A%20PARTIR%20DE%20HARRY%20POTTER.pdf)> Acesso em: 05/01/2019

REIS, Aaron Sena Cerqueira. **Rüsen e a teoria da história como ciência.** In: Rev. Hist. (São Paulo) no.176 São Paulo, 2017.

RODRIGUES, Márcia Barros Ferreira. **Paradigma Indiciário - Breve Definição.** Disponível em: <[nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/RODRIGUES, M.B.F. e COELHO, C.M. Paradigma Indiciário\\_Breve definição.pdf](http://nei.ufes.br/sites/nei.ufes.br/files/RODRIGUES,%20M.B.F.%20e%20COELHO,%20C.M.%20Paradigma%20Indici%C3%A1rio%20Breve%20defini%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 03/01/2019

RODRIGUES, Nara Caetano. **A noção de cronotopo: do mundo da estética para o mundo da ética.** 2010. Disponível em: < <http://textosgege.blogspot.com/2010/09/nocao-de-cronotopo-do-mundo-da-estetica.html>>. Acesso em: 07/01/2019

- ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e a câmara secreta**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e o cálice de fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e o enigma do príncipe**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Harry Potter e as relíquias da morte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: UnB, 2001.
- SHAH, Thair. **Nas noites árabes**. Roça Nova; Edição: 1, 2009.
- SILVA, Luiza Tropia. **A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Belo Horizonte, 2013.
- SILVA, M. C. da. PARAISO, M. A. **O Currículo de Harry Potter: representações de escola e currículo na literatura infanto-juvenil**. In. Educação: Teoria e Prática – Vol. 22, n. 39, Período jan/abr, 2012.
- SOARES, M. **Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.
- SOERENSEN, Claudiana. **Cultura a carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin**. Revista Travessias, v. 5, n. 1, 2011.
- SOUZA, E.S. e MENEQUI, J.A. **Da Magia para a biologia- possibilidades da série Harry Potter para o ensino de Genética**. São Paulo, 2011.
- TARRICONE, K. **A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter**. 2003. 241 f. Mestrado em Educação (Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003
- VAINFAS, R. **Porque aprender História?** In: Festival de História, 2011 Disponível Em: <[http://www.festivaldehistoria.com.br/fhist\\_ptl/html/mat\\_4/](http://www.festivaldehistoria.com.br/fhist_ptl/html/mat_4/)>. Acesso em: 12/01/2019.
- VALIM, Julio Prancrácio. **Mito, arte e educação: o imaginário em Harry Potter**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação de São Paulo (USP). Programa de Pós-graduação em Educação. São Paulo, 2014.
- VIANA, Lucialine Duarte Silva. **Fontes literárias e a construção de saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no Ensino de História**. Dissertação, Mestrado profissional-Universidade Federal do Tocantins, Curso de Pós Graduação Profissional em Ensino de História, Tocantins, 2017.

VIEIRA, Werick. **20 anos de Magia.** In: Jornal O Globo, 2017. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/cultura/20-anos-de-harry-potter.html>. Acesso em: 11/01/2019

WORTMANN, M. L. C. **O currículo na literatura infanto-juvenil: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter.** In Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.162-178, Jul/Dez 2011.

\_\_\_\_\_. **A magia da escola na escola da magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter.** In. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26, n.03, p.103-129, dez. 2010

ZOPPAS, I. C.; TODESCHINI, C. R.; WORTMANN, M. L. C. . . **Harry Potter: magia, ciência, tecnologia articuladas na literatura para a produção de uma infância/adolescência ciborgue.** Revista de Iniciação Científica da ULBRA , Canoas/RS, v. 3, p. 217-226, 2004.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: PALAVRA CHAVE HARRY POTTER

PALAVRA-CHAVE	BANCO DE DADOS	RESULTADOS DE BUSCA	DESTAQUES
HARRY POTTER	Catálogos de Teses & Dissertações - CAPES	30	<p>PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos. Harry Potter: um chamado ao leitor.</p> <p>PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos. Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter'.</p>
	Banco de teses UNB - Digital	5	
	USP Biblioteca Digital	2	VALIM, Julio Prancracio. Mito, arte e educação: o imaginário em Harry Potter.
	SCIELO	4	WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A magia da escola na escola da magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter.
	PUC SP	4	TARRICONE, Katia. A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de Harry Potter.
	Biblioteca Digital brasileira de teses e dissertações	15	
	Repositório Institucional- UFCS	2	
	ARGO - Sistema de Administração de bibliotecas	0	
	Biblioteca Digital UFMG	5	SILVA, Luiza Tropia. .A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Ptter
	Domínio Público	4	

**APÊNDICE B: PALAVRA-CHAVE ENSINO DE HISTÓRIA**

<b>PALAVRA S-CHAVE</b>	<b>BANCO DE DADOS</b>	<b>RESULTADOS DE BUSCA</b>	<b>DESTAQUES</b>
<b>ENSINO DE HISTÓRIA</b>	<b>Catálogos de Teses &amp; Dissertações- CAPES</b>	31	<b>VIANA, LUCIALINE DUARTE SILVA. Fontes literárias e a construção de saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no Ensino de História'</b>
	<b>Biblioteca Digital brasileira de teses e dissertações</b>	196	
	<b>Domínio Público</b>	45	
	<b>SCIELO</b>	0	
	<b>ARGO - Sistema de Administração de <u>biblotecas</u></b>	41	
	<b>Portal de <u>Periódicos</u> CAPES/MEC</b>	10.879	

## APÊNDICE C: RESUMOS DOS DESTAQUES DO ESTADO DA ARTE

### PALAVRA- CHAVE: HARRY POTTER

PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos. **Harry Potter: um chamado ao leitor**. Projeto de Doutorado apresentado a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Conquistar leitores não é tarefa fácil, principalmente ultrapassar a fronteira cultural e linguística, como Rowling foi capaz. Suas narrativas tornaram-se um fenômeno mundial de leitura em três anos – entre 1997 e 2000, quando apenas três volumes haviam sido editados. O grande número de leitores que ela tem conquistado desperta uma grande curiosidade em relação aos motivos desse sucesso. No universo brasileiro atual, em que a leitura não é uma atividade que ocupa a preferência dos jovens – de um lado porque o livro não está ao alcance de grande parte da população, de outro porque concorre com outras opções eventualmente mais atrativas para a faixa etária, como a música, o esporte, ou mais modernas, como os videogames, o ciberespaço (sua extensa rede social e uma multiplicidade de espaços possíveis de circulação, interferência e criação que ocorrem através da internet), tevê a cabo, cinema – por que, então, Harry Potter é tão lido?

PELISOLI, Ana Claudia Munari Domingos. **Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter**. Tese de doutorado apresentada a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre 2011.

As novas tecnologias de comunicação e a convergência das mídias no espaço da internet vêm transformando as práticas de seus usuários – cibernautas, consumidores, receptores, leitores de todos os tipos de textos – que, munidos de um canal de resposta, agora têm a possibilidade de responder a eles, criando e interpretando objetos. Essa confluência no ambiente virtual apaga as fronteiras entre textos e mídias, arte e entretenimento e informação e, ainda, entre as instâncias de produção e recepção. O leitor juvenil, hábil no manejo dessas tecnologias, torna-se o modelo de hiperleitor: aquele que realiza a leitura fragmentada e dispersa do ciberespaço, a hiperleitura. A escrita de fanfictions é uma de suas práticas que possibilita entrever as transformações do campo da leitura, quando, no computador, ler e escrever se tornam atividades imbricadas. Essa prática, aqui chamada de escreitura, envolve a utilização de redes de interpretação e divulgação de textos escritos por fãs dos mais variados gêneros e nas mais variadas mídias, entre eles, a série Harry Potter. A obra de J. K. Rowling tornou-se o hipotexto principal para a escreitura, pela apresentação de um universo altamente lacunar, que convida à criação. Este trabalho une as teorias da Estética da Recepção, da Intermidialidade e da Crítica, relacionando as estratégias do texto Harry Potter à convergência de mídias e à possibilidade que os meios oferecem à leitura-escritura como motivos para a transformação das práticas desses leitores. Essas mudanças têm reconfigurado o sistema literário – autores, textos e leitores já não são mais os mesmos, quando a hipermídia é a forma de representação do mundo.

**Palavras-chave:** Literatura juvenil. Harry Potter. Convergência de mídias. Hiperleitor.

QUADROS, M.C. **Hogwarts: (Re) pensando a escola a partir de Harry Potter**. Disponível

em:<[http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/HOGWARTS\\_%20\\_RE\\_PENSANDO%20A%20ESCOLA%20A%20PARTIR%20DE%20HARRY%20POTTER.pdf](http://www.unifra.br/eventos/jornadaeducacao2006/2006/pdf/artigos/pedagogia/HOGWARTS_%20_RE_PENSANDO%20A%20ESCOLA%20A%20PARTIR%20DE%20HARRY%20POTTER.pdf)> Acesso:30 de Maio de 2016.

### **Resumo**

Interpelada pelas discussões sobre a saga de *Harry Potter*, criada por J.K. Rowling, busco problematizar as representações de *escola* como parte de um extenso aparato acionado pela Modernidade com a finalidade de disciplinamento de corpos e mentes, que tem sido (re)apresentado em constante crise pelos discursos colocados em circulação no âmbito da cultura contemporânea. Tomo *Hogwarts* – a escola de magia e bruxaria em que Hermione, Harry e Rony, protagonistas da trama, aprendem a ser bruxa e bruxos e experienciam suas vidas a cada ano – como, mais do que um cenário de fundo para as narrativas de Rowling, como uma ambiência *constituída por e constituinte de* múltiplas camadas de temporalidades e espacialidades discursivas, parecendo tornar-se um personagem que *rouba a cena*. Para tal foram analisados os quatro filmes já produzidos pela Warner/UK e os seis livros já publicados no Brasil pela Editora Rocco, por entender que cinema e literatura, como parte de um dispositivo pedagógico midiático e inseridos nas dinâmicas industrial e comercial da cultura e do entretenimento, podem ser produtivos para compreender as relações entre escola e sociedade na contemporaneidade. Este artigo aborda constatações preliminares de uma pesquisa mais ampla que vem sendo desenvolvida, abordando as aventuras de Harry Potter e a produção discursiva de identidades juvenis.

**Palavras-Chave:** Estudos Culturais, Pedagogias Culturais, Representações, Escola, Harry Potter

SILVA, Luiza Tropa. **A formação do leitor literário: um estudo de caso com leitores de Harry Potter.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Belo Horizonte, 2013.

Esta pesquisa tem como objeto a leitura literária e a formação de leitores a partir da série *Harry Potter* e suas implicações nos hábitos de leitura de crianças e jovens. Neste trabalho, busca-se problematizar o que atualmente se entende por literatura infantojuvenil, por meio da análise de respostas a questionário e entrevistas a crianças e jovens que participaram de um encontro sobre *Harry Potter* em uma biblioteca pública de Belo Horizonte. Os instrumentos de pesquisa – questionários e entrevistas – tinham como objetivo principal compreender as práticas de leitura feitas por esses leitores e verificar os efeitos da leitura da série Harry Potter, considerados best sellers, na formação dos leitores, sob perspectiva mais ampla. Alguns dos questionamentos formulados inicialmente foram: como esses leitores conheceram os livros da série? Que fatores influenciaram essa escolha? Quais as preferências literárias desses leitores? Como os leitores de Harry Potter se apropriam da literatura? Como é a relação desses leitores com as práticas de leitura literária promovidas nas escolas onde estudam? Buscamos, também, levantar dados sobre os empréstimos dos livros da série na biblioteca onde os leitores se reúnem periodicamente, entre os anos de 2004, quando o sistema foi informatizado, e 2012. O objetivo desse levantamento foi verificar as evidências sobre a circulação dos livros no período, o número de exemplares disponíveis para empréstimo; comparar o número de empréstimos dessa coleção com o de outras obras; averiguar o interesse/desinteresse pela série; e verificar quais outros livros ou coleções retirados com maior frequência da biblioteca. De posse dessas informações, comparamos as respostas obtidas com os outros instrumentos de pesquisa, tendo a finalidade de articular essas três referências e compreender em que medida a leitura dos livros da série contribuiu

para a formação literária desses leitores. A pesquisa permitiu identificar que os livros da série representam um marco na vida dos pesquisados, em alguns casos, decisivo para a sua formação literária, contribuindo para as práticas de leitura dos sujeitos participantes da pesquisa. Para alguns desses leitores, destaca-se, ainda, que os livros da série foram os primeiros livros mais extensos que eles leram, possibilitando, além da abertura de novos horizontes, o desenvolvimento de novas práticas de leitura.

**Palavras-chave:** Formação de leitores; leitura literária; *Harry Potter*

SILVA, M. C. da. PARAISO, M. A. **O Currículo de *Harry Potter*: representações de escola e currículo na literatura infanto-juvenil.** In. Educação: Teoria e Prática – Vol. 22, n. 39, Período jan/abr, 2012.

Este artigo tem como objetivo analisar as representações de escola e currículo divulgadas pela série de livros *Harry Potter*. Sucesso em todo o mundo, a série *Harry Potter* é composta por sete livros que contam as aventuras de um menino que, aos 11 anos, descobre ser um bruxo e é enviado para a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, onde aprenderá a usar seus poderes mágicos. Com base na vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais, considero que a representação não apenas apresenta uma realidade, mas atua ativamente na sua construção. O argumento desenvolvido é do que a escola entendida como ideal pelos livros é aquela que é um lar para professores/as e alunos/as, que é segura e que agrupa os/as estudantes segundo suas habilidades e características individuais. O modelo curricular divulgado pela série é uma fusão do currículo científico com o currículo prático. Tendo em vista a abrangência dos livros, é importante compreender como a educação vem sendo divulgada em um artefato cultural não escolar endereçado para os/as jovens.

**Palavras-chave:** Currículo. Pedagogia cultural. Representação.

TARRICONE, K. **A literatura e a escola contemporânea: uma análise desta instituição sob a ótica de jovens leitores de *Harry Potter*.** 2003.241 f. Mestrado em Educação (Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003

VALIM, Julio Prancrácio. **Mito, arte e educação: o imaginário em *Harry Potter*.** Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação de São Paulo (USP). Programa de Pós-graduação em Educação. São Paulo, 2014.

Os aspectos próprios aos processos de formação pessoal acontecem, também, em âmbito escolar, entretanto, são mobilizados por instâncias que extrapolam as práticas educativas institucionalizadas. Fundamentados em uma reflexão filosófica sobre as distintas concepções pedagógicas que se articulam em torno de diferentes compreensões da condição humana, procuramos, dessa maneira, articular a função da arte na formulação de conhecimentos aos saberes adquiridos por meio da experimentação do mito. Para tanto, valemo-nos de uma abordagem antropológica do imaginário e seus processos criativos, inspirada no pensamento de Gilbert Durand, cuja configuração nos apresenta os símbolos como uma estrutura sintética, intermediadora das pulsões subjetivas e intimações cósmico sociais, operantes na apreensão criativa de uma determinada realidade, revelando o desenrolar dos trajetos formativos enraizados nos campos da cultura e evidenciando o potencial pedagógico das narrativas ficcionais. Dessa maneira, focalizando os elementos sensíveis envolvidos na prática da educação, concebida em sua realização estética, como propõe Duarte Júnior, elaboramos uma leitura mitohermenêutica de *Harry Potter*, isto é, uma interpretação dos

símbolos dinamizados pela trama mitológica. Este método de leitura foi adotado a fim de darmos forma ao imaginário constituído em torno da saga, delinear uma de suas possíveis significações simbólicas e apontar, junto ao percurso do herói, as transformações existenciais que acompanham a passagem da vivência egocentrada à experiência comunitária.

**Palavras-chave:** Arte-educação. Harry. Potter. Imaginário. Mitologia

WORTMANN, M. L. C. **O currículo na literatura infanto-juvenil: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter.** In *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.2, pp.162-178, Jul/Dez 2011.

Análises realizadas sob a inspiração dos Estudos Culturais examinam artefatos e práticas culturais para nelas buscar representações e discursos que produzem significados para sujeitos, processos e instituições contemporâneas. Nessas análises, que assumem compreensões decorrentes das *viradas linguística e cultural*, examinam-se significados naturalizados em tais produções culturais. Neste artigo, inscrito neste referencial, coloca-se em destaque modos de lidar com o currículo escolar nos livros infanto-juvenis de J.K.Rowling sobre Harry Potter. Argumenta-se que as representações forjadas e veiculadas em tal produção denotam posições acerca da escola e da organização curricular e exercem efeitos constitutivos importantes sobre os modos de concebê-las. Os livros descrevem uma escola competente e exigente, que consagra uma abordagem curricular *tradicional com enfoque humanista clássico*, no qual figuram disciplinas que arremedam as qualificadas como *acadêmicas com alto status*. Além disso, a capacitação dos possuidores de aptidão/talento para a magia completa-se com esportes competitivos, atributo também valorizado em escolas privadas tradicionais. Promove-se o estranhamento dessas representações, a partir de teorizações contemporâneas sobre o currículo.

**Palavras- chaves -** Currículo, Análises culturais, literatura infanto-juvenil

WORTMANN, M. L. C. **A magia da escola na escola da magia: a escola que se inscreve nas histórias sobre Harry Potter.** In *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v.26, n.03, p.103-129, dez. 2010.

Neste texto, apresentam-se posições enunciadas por educadores e analistas da cultura sobre a escola e examina-se a sua configuração nas histórias de J. K. Rowling sobre Harry Potter. As análises inspiram-se nos Estudos Culturais em sua articulação com a Educação, considerando-se atuarem as histórias como pedagogias culturais. Destacam-se seus efeitos produtivos no cinema, na *web*, na comercialização de produtos diversos e na academia e atenta-se para seu papel na configuração discursiva da escola e dos sujeitos que a frequentam. Tais efeitos ultrapassam a dimensão do entretenimento dos nem sempre jovens leitores/consumidores dos textos e artefatos delas originados ou seu sucesso mercadológico! A escola ganha centralidade nessas histórias que narram lutas entre personagens do *bem e forças do mal* e nelas (re)afirma-se a sua importância, excelência e competência para a formação sistemática de jovens (em magia) e para a apropriação e o desenvolvimento dos saberes e tradições (bruxas).

**Palavras-chave:** Escola; Pedagogias Culturais; Harry Potter.

## **PALAVRA-CHAVE: ENSINO DE HISTÓRIA**

VIANA, LUCIALINE DUARTE SILVA. **Fontes literárias e a construção de saberes históricos: uma proposta didático-pedagógica no Ensino de História**. Dissertação, Mestrado profissional-Universidade Federal do Tocantins, Curso de Pós Graduação Profissional em Ensino de História, Tocantins, 2017.

Este trabalho é a descrição e análise da aplicação de uma metodologia de produção de conhecimento histórico com uma turma da 3ª série, do Ensino Médio, do Colégio da Polícia Militar – Unidade III, localizado na cidade de Araguaína/TO. Dedicamo-nos a usar a referida metodologia com a turma em questão, porque, como Lee (2006), acreditamos que um dos mecanismos que podem estimular um genuíno processo de ensino e aprendizagem em história é o de oportunizar, aos discentes, um entendimento do saber-fazer historiográfico. Pois, desta forma, há a possibilidade dos educandos entenderem que a História não é apenas um conhecimento de lembranças de eventos passados, mas, sim, o resultado de um processo cognitivo e social. Como fonte empírica, desse exercício de construção de saberes históricos, feito em sala de aula, lançamos mão da literatura. Afinal, a narrativa literária representa uma dada realidade e, apesar de não ter o compromisso com o factível, como é o caso da narrativa histórica, na tentativa de se fazer crível, se remete a um “como poderia ter sido”. É o verossímil, que nos permite antever traços da época em que os escritos literários foram produzidos e tornam a literatura uma fonte riquíssima para a produção de conhecimento histórico. No trabalho, abordamos às relações entre História e Literatura, destacando as atuais discussões sobre essas duas modalidades de representação da realidade, descrevemos o processo de preparação da turma, para a aplicação do procedimento didático proposto e, seguindo reflexões de estudiosos da chamada Educação Histórica, analisamos as narrativas, produzidas pelos discentes, sobre os traços de historicidade, vislumbrados nas fontes literárias trabalhadas.

**Palavras-chave:** História. Literatura. Ensino de História